



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**



**SELMA ROCHA RAMOS**

**VILA DO CAFÉ: LUGAR ONDE SE TECE O TEMPO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA  
2023**

SELMA ROCHA RAMOS

**VILA DO CAFÉ: LUGAR ONDE SE TECE O TEMPO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, como requisito para a obtenção do título de mestre na área de concentração de Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo

**VITÓRIA DA CONQUISTA**  
**2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**


DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**VILA DO CAFÉ: LUGAR ONDE SE TECE O TEMPO**


**Autora: Selma Rocha Ramos**

Data: 29/05/2023

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo (Uesb)  
Presidente da Banca/ Orientador



Prof. Dr. José Valdir Jesus de Santana (Uesb)  
Examinador interno



Profa. Dra. Josineide Silveira de Oliveira (UFRN)  
Examinador externo

R146v

Ramos, Selma Rocha.

Vila do Café: lugar onde se tece o tempo. / Selma Rocha Ramos, 2023.

116 f. il.

Orientador (a): Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,  
Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referência F. 117 - 118.

1. Teoria do Pensamento Complexo - Ensino. 2. Vila do Café. 3. Colheita. I. Figueiredo, Renato Pereira de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino - PPGEn.

CDD: 371.102

*A todos aqueles que se dedicam à difícil  
arte de semear saberes.*

## AGRADECIMENTOS

A vida nunca foi tão simples para quem é professor. Sempre que dei um passo à frente, na maioria das vezes, precisei deixar algo para trás.

Com o mestrado não foi diferente. Trabalhar 60 horas semanais e me tornar pesquisadora foi, deveras, o maior desafio da minha vida nos últimos tempos.

Fui aprovada num momento atípico para toda a humanidade, o momento em que vivíamos uma pandemia. Nunca imaginei como seria vivenciar um momento como esse que passamos. Os desafios foram imensos, mas ser aprovada no mestrado nesse momento, com certeza, foi exatamente o momento certo.

O Mestrado em Ensino com ênfase para o público de profissionais do campo, indígenas e quilombolas, oportunizou-me conhecer pessoas e vivências do Brasil inteiro e do mundo. Um grupo mais diverso que esse, impossível. Lá, conheci pessoas que ficarão para sempre em minhas lembranças, pois, cada um, à sua maneira, marcou profundamente a minha história nessa caminhada.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC) foi o meu segundo contato com o mundo do mestrado; o primeiro havia sido as boas-vindas da coordenação após a aprovação. Ao ser aprovada, carinhosamente, uma das mestrandas, membro do GEPECC, entrou em contato comigo para me orientar sobre o funcionamento do grupo, a periodicidade dos encontros, e as boas-vindas foram inesquecíveis. Senti-me muito bem acolhida.

Quando as aulas começaram, percebi que os professores das disciplinas obrigatórias e optativas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sem sombra de dúvidas, são os melhores. Benedito, com sua extrema sinceridade e conhecimento científico, então coordenador do curso quando iniciamos, foi um professor essencial para nossos primeiros passos. Tânia Gusmão, com as teorias de ensino e aprendizagem, apresentou-nos inúmeras possibilidades de compreender formas de pensar o conhecimento. Danúsia, tão querida e singular, enxergou em nossas dificuldades mil e uma maneiras de seguir sempre em frente. Uma guerreira. Ainda tivemos a honra de estudar com Daniela Alexandrino e Deusa, que compartilharam da disciplina de conhecimentos específicos de forma brilhante.

Nas disciplinas optativas, tive a imensa alegria de aprimorar os conhecimentos acerca da Educação do Campo com a professora Dra. Kergileda, que foi excepcional e dinâmica. Fui presenteada com a possibilidade de estudar com o professor Dr. José Valdir, que compartilhou dos seus conhecimentos acerca dos estudos antropológicos, das questões sobre identidade e

outros temas relevantes, que favoreceram debates intensos e a participação de toda a turma. O encanto me levou a convidá-lo para a banca de qualificação e defesa, e tive a honra de ser agraciada com sua disponibilidade. A espontaneidade, conhecimento e carisma do professor Valdir sempre serão lembrados.

Ainda nas disciplinas optativas, já com as restrições da pandemia sendo cessadas, tive a honra de cursar a disciplina *Noções sobre o conhecimento Científico* com o ilustríssimo Dr. Renato Figueiredo, sobre quem sou suspeita para falar, pois se trata do meu orientador nesta pesquisa. Renato nunca desistiu de mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava no meu potencial. Renato, com seu jeito único de orientar, demonstrou-me que, na vida e no mestrado, é mesmo como Edgar Morin propõe: “o caminho se faz ao caminhar”. Fez-me acalmar o meu coração e acreditar que chegaria sim, pois nenhum obstáculo pode superar alguém que esteja disposto a vencer. Gratidão por tudo. Essa disciplina foi uma experiência incrível, pois, de certa forma, estar presencialmente com colegas debatendo, apresentando, compartilhando saberes é deveras singular.

Dentre os colegas, de cara, tive o prazer de conhecer a brilhante Vilma. Nunca vi tanta agilidade e positivismo em uma só pessoa. Organizada, criativa, fazer o quê? Agora sou fã número 1 dela.

Gratidão imensa às colegas com as quais pude socializar o estágio, que foi, sem sombra de dúvidas, uma experiência desafiadora. Estagiamos na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob a regência do professor Dr. Paulo Rodrigues, quem nos acolheu com imenso carisma e dedicação; lá pude socializar momentos singulares com as colegas Tatiane, Ideulzuite e Leidiane. Graças ao intermédio e atenção da nossa querida Tatiane, por quem tenho imenso carinho e admiração e cuja postura, conhecimento e dedicação em toda a trajetória do mestrado admiro, pude compartilhar esse momento com elas.

Foram tantos colegas que, volta e meia, conversávamos no privado sobre uma situação ou outra, sobre uma angústia, uma dúvida. Os esforços sempre foram mútuos para um ajudar sempre o outro. Parecia um legado que a turma estava decidida a deixar. De fato, deixou.

Miro, Poliana, Artur, Shirley, Edmilson... Não posso me esquecer do colega Angolano, Manuel Alfredo, com quem compartilhei várias angústias. A mesma tecnologia que torna salas de casas tão cheias em espaços tão vazios encheu de gratidão a minha vida por ter cada um de vocês em algum momento, mesmo que do outro lado de uma tela.

Gratidão aos amigos do GEPECC, em especial, a Verena, que chegou depois para cursar o doutorado e se tornou uma pessoa muito especial para mim. Obrigada por tanto.

Gratidão a Patrícia Lanne, Bia, Luelta e Paulo, pois vocês não sabem o quanto foram

especiais nos momentos em que mais precisei.

Obrigada, Márcia e Pyerre, por me abraçarem com tanto carinho e ofertarem a mim um pouco do carisma e conhecimento de vocês auxiliando sempre que precisei. A honra de poder celebrar com vocês dentro e fora do espaço do mestrado foi de suma relevância nesse processo.

Gratidão a Guacyra por sempre ter um tempo para dar uma sugestão, orientação e seu ombro amigo em forma de conselhos e palavras que sempre vinham nas horas certas.

Lisonjeada por ser contemplada com a presença da professora Dra. Josineide na banca de qualificação e de defesa com suas contribuições fantásticas, que me instigaram a escrever incessantemente sobre a minha querida Vila do Café. Você é sensacional. Encorajou-me a apresentar a minha Vila do Café de uma forma jamais demonstrada.

Muito grata pelos gestores escolares das unidades escolares em que trabalho por sempre compreenderem as minhas necessidades e minhas ausências nesses momentos que se fizeram necessários.

Gratidão aos amigos de fora do mestrado, que sempre acreditaram em mim e acreditaram que esse dia chegaria. Grata pelo incentivo, pela força que foi oferecida mesmo que distante, pelos apoios que nem palavras podem descrever. Vocês foram fantásticos. Amo cada um de vocês.

Contudo, não teria chegado até aqui sem o apoio incondicional da minha família.

Gratidão imensa ao meu esposo Rodney pela sua paciência quando tive que estar ausente para concluir as densas leituras que se fizeram necessárias. Obrigada por compreender cada momento e dar a sua contribuição para a pesquisa por vivenciar de perto questões que são aqui apontadas. Você foi sensacional.

Gratidão à minha mãe, Angelita, que é uma inspiração cheia de luz para minha vida. “Veja só, mainha, sua filha, agora, é mestre em ensino”.

Gratidão aos meus irmãos, Anderson e Robson. Cheguei aqui por nós todos, pois somos dignos de toda vitória.



## RESUMO

Esta é uma dissertação de mestrado embasada na Teoria do Pensamento Complexo de Edgar Morin (1976, 2003, 2010), que vem configurar o horizonte investigativo no Ensino (especificamente no contexto da Educação Básica) e Pesquisa Científica. A abordagem nasceu da minha vivência em Vila do Café, povoado situado no município de Encruzilhada, Bahia. Nesse cenário, apresento, por meio de registros pessoais de experiências e depoimentos de personagens que convivi ao longo do tempo na Vila do Café, os quais nesta pesquisa identifiquei com nomes fictícios de algumas árvores e flores da região, bem como outros nomes simbólicos, fazendo assim uma tessitura do tempo em seus variados aspectos e suas relações com o ensino nesse vilarejo atrelado à colheita do café. Assim, perpasso pela estética do pensamento que visa alimentar uma produção diferenciada na ciência, enquanto educadora (dentro, fora e de volta para a escola). Tal bifurcação ganha novos enredos e sentidos, em consonância com outros personagens, que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a constituição do ensino local como se dá no processo de plantio até a chegada da colheita. Em especial, inspiro-me nas leituras de Daniel Pennac em seu livro *Diário de Escola* (2008) e Mia Couto, em *E se Obama fosse africano* (2011), que me fazem pensar sobre o mundo. Apresento também novas concepções em outros autores, que oferecerão suporte teórico e uma análise fundamental para a pesquisa em questão, a saber: Maria da Conceição de Almeida, *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição* (2010); Edgar Morin, *O Homem e a Morte* (1976); Henri Atlan, *Entre o cristal e a fumaça* (1992), dentre outros. Os desdobramentos da escrita impulsionarão uma linguagem metafórica como vias de aproximação da realidade e subjetividades humanas, ressaltando o que é transitório e o que é permanente na vida e sala de aula. Tudo isso me faz compor a história do ensino neste vilarejo tão especial: Vila do Café; lugar onde se tece o tempo a partir do meu olhar enquanto professora e moradora dessa localidade, de forma que esta inspire outros professores na arte de semear saberes.

**Palavras-chave:** Vila do Café. Teoria do Pensamento Complexo. Ensino. Colheita.

## ABSTRACT

This is a master's dissertation based on the Theory of Complex Thinking by Edgar Morin (1976, 2003, 2010) that comes to configure the investigative horizon in Teaching (specifically in the context of Basic Education) and Scientific Research. The approach was born from my experience in Vila do Café, a village located in the municipality of Encruzilhada, Bahia. In this scenario, I present through experiences and testimonials from anonymous characters, whether real or fictional (with names of trees and flowers from the region, as well as other symbolic names) a tapestry of time in its various aspects and its relationships with teaching in this village tied to the coffee harvest. In this scenario, I present, through personal records of experiences and testimonies of characters that I have lived with over time in Vila do Café, which in this research I identify with fictitious names of some trees and flowers in the region, as well as other symbolic names, making thus a texture of time in its various aspects and its relations with teaching in this village linked to the coffee harvest. Therefore, I go through the aesthetics of thought that aims at feeding a production differentiated in science, as an educator (inside and out or around the school). Such a bifurcation gains new story lines and meanings, in consonance with other characters who directly or indirectly contributed to the constitution of the local education such as it happens in the planting process until the arrival of the harvest. In particular, I took inspiration from the readings of Daniel Pennac in his book *Diário de Escola* (2008) and Mia Couto, *E se Obama fosse africano* (2011), which make me think about the world. I also present new conceptions in other authors who will offer theoretical support and a fundamental analysis for the research in question, namely: Maria da Conceição de Almeida, *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição* (2010); Edgar Morin, *O Homem e a Morte* (1976); Henri Atlan, *Entre o cristal e a fumaça* (1992), among others. The unfolding of the writing will drive a metaphorical language as a way of approaching reality and human subjectivities, emphasizing what is transitory and what is permanent in life and in the classroom. All this makes me compose a history of teaching in this very special village: Vila do Café; a place where time is woven from my point of view as a teacher and resident of this locality, as a way to inspire other teachers in the art of sowing knowledge.

**Keywords:** Vila do Café. Theory of Complex Thinking. Teaching. Harvest.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Visão distante do povoado de Vila do Café.....	17
<b>Figura 2:</b> Zona Rural de Vila do Café - Região do Mangerona .....	23
<b>Figura 3:</b> Um dos primeiros moradores de Vila do Café - anos 1980.....	30
<b>Figura 4:</b> Rua de Vila do Café num dia de domingo.....	48
<b>Figura 5:</b> Campeonato de Futsal. Quadra Poliesportiva Lindaura Lacerda, em Vila do Café. Novembro de 2022.....	50
<b>Figura 6:</b> Desfile de 7 de setembro. Anos 1990 .....	51
<b>Figura 7:</b> Desfile de 7 de setembro de 1998 - Representando os Presidentes do Brasil.....	54
<b>Figura 8:</b> Trabalhos de pulverização realizados na Fazenda Aliança vizinha à Vila do Café.....	56
<b>Figura 9:</b> Trabalhadores colhendo café de forma manual .....	56
<b>Figura 10:</b> Colheita de Café sendo realizada pela Máquina Colheitadeira .....	59
<b>Figura 11:</b> Colheita de Café sendo realizada pela Máquina Colheitadeira .....	59
<b>Figura 12:</b> Festa Junina na Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães - Vila do Café.....	62
<b>Figura 13:</b> Decorando o barracão para as festas juninas de 2009.....	63
<b>Figura 14:</b> Feira Livre de Vila do Café - Junho de 2022.....	64
<b>Figura 15:</b> Primeira Igreja Católica de Vila do Café.....	65
<b>Figura 16:</b> Protestos por segurança Pública em Vila do Café - Junho de 2016 .....	66
<b>Figura 17:</b> Atividades Realizadas no CRAS de Vila do Café .....	68
<b>Figura 18:</b> Atividades do PELC .....	70
<b>Figura 19:</b> Atividades da Caravana do Lazer em Vila do Café em agosto de 2022.....	71
<b>Figura 20:</b> Estrutura de um fruto do Café.....	89
<b>Figura 21:</b> Sala de aula da Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães, ano 2011, com suas cores laranja e branca.....	98

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Covid-19	(co)rona (vi)rus (d)isease – 2019 / doença do coronavírus/2019
CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
CTC	Capacidade de Troca Catiônica
d.C.	Depois de Cristo
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
GPS	<i>Global Positioning System</i> / Sistema de Posicionamento Global
h	Hora
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e estatística
min	Minutos
Parfor	Plano Nacional de Formação de Professores
PELC	Programa Esporte e Lazer na Cidade
PPGE	Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino
ProVÍdeo	Produtora Universitária de Vídeo
SUDESB	Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>APROXIMAÇÕES</b> .....	14
<b>1 ONDE TUDO COMEÇOU</b> .....	28
<b>2 OUTRAS POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZADO NO MEU VILAREJO</b> .....	46
<b>3 A DIFÍCIL ARTE DE SEMEAR SABERES</b> .....	76
<b>4 A MINHA ESCOLA TRANSITA PELO TEMPO: O TRANSITÓRIO E O PERMANENTE</b> .....	96
<b>5 REAPROXIMAÇÕES</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	117

Pôr do Sol em Vila do Café setembro de 2022



Fonte: Arquivo da autora.



**APROXIMAÇÕES**

## APROXIMAÇÕES

Era uma vez ...

Era o ano de 2007. Nesse ano, lecionava em uma turma de 2ª série<sup>1</sup> do ensino fundamental, turma em que ocorreu um fato atípico.

A escola tinha suas cores verdes e brancas espalhadas pelas paredes, mescladas com o colorido da decoração feita por cada professor em suas respectivas salas de aula.

Eram 25 alunos, sendo 11 meninos e 14 meninas. Sabia bem os nomes de cada um deles. Conhecia os alunos cujos pais os deixavam sozinhos em casa porque precisavam trabalhar na colheita do café. Também conhecia a história de algumas crianças mais velhas que precisavam cuidar das crianças mais novas enquanto os pais estavam ausentes, além dos mais variados relatos apresentados por muitos deles. Conhecia também aqueles alunos cujos pais os incentivavam sempre a realizarem suas tarefas assim que chegavam da escola e aqueles pais que nem sequer atentavam-se ao que tinha que ser feito.

Na segunda semana de aula, nessa turma de 2ª série do Ensino Fundamental, deparei-me com um questionamento de uma aluna que me causou um espanto sem igual até os dias atuais.

Estava iniciando uma aula de ciências. O debate naquele dia girava em torno dos seres vivos. Lembro-me de explicar para os alunos um sentido vago oferecido pelo livro didático de Ciências Naturais da época, que não aprofundava muito a discussão, mas deixava claro que, basicamente, seres vivos são seres que possuem vida e que nascem, crescem, reproduzem-se e morrem.

Na tentativa de ilustrar melhor a questão que estava em debate, recordo-me de tê-la explicado cuidadosamente à turma por meio de exemplos com figuras do livro e imagens de revistas que representavam os seres vivos. Em seguida, após toda a explicação da aula, solicitei que fosse realizado um trabalho em grupo como forma de experimento para testar os conhecimentos adquiridos.

Foram divididos grupos em números iguais ou semelhantes para que pudessem realizar um trabalho com colagens. Recolhi livros e revistas velhas que estavam disponíveis na escola para que pudéssemos fazer recortes e desenhei na lousa como queria que eles organizassem os cartazes: iríamos colar, de um lado, figuras de seres vivos e, do outro lado, figuras de seres que não tinham vida. O trabalho iniciou-se, e os alunos não sentiam dificuldades para realizá-lo,

---

<sup>1</sup> Nome que era dado as turmas dos alunos que hoje são tidas como 3º ano do Ensino Fundamental.

mas é claro que havia toda uma insegurança da idade, pois se tratava de crianças com faixa etária entre 6 e 8 anos, no máximo; então, toda vez que iam fazer a colagem de uma figura, eles me chamavam para se certificarem de que estavam realizando o trabalho da forma mais correta possível.

Foi quando a Maria<sup>2</sup> me chamou para mostrar uma figura que ela havia encontrado e já havia colado. Ela me disse assim: “Tia, veja só, coleí essa figurinha nos seres não vivos”. Quando fui olhar a figura que ela havia colado, fiquei espantada, pois se tratava do desenho de um cachorro morto. E agora? O que responder para a Maria? Afinal, o cachorro é um animal, um ser vivo, mas, na figura apresentada, ele já havia perdido sua vida.

Nem sempre, durante uma aula, há muito tempo para refletir como estou fazendo uso desse registro agora, mas, já naquela época e com vagas leituras, que não me permitiam perceber a dimensão do questionamento da criança, confesso que a dúvida impactou profundamente a minha cabeça. A incerteza ocupou o seu lugar.

Então, naquele momento, as palavras meio que sumiram para responder um questionamento que, até então, parecia simples, mas que, para mim, professora em início de carreira, soou como algo, no mínimo, inusitado.

Retornando ao questionamento de Maria, ela não entendia a magnitude do que havia imposto de imediato à minha mente. Surpresa, após um curto tempo, respondi que estava certo. Contudo, foi uma resposta sem muitas certezas. Foi apenas algo que saiu às pressas da minha mente para oferecer a Maria uma resposta imediata.

Recordo-me de ter saído assustada em direção à secretaria e à sala de professores para compartilhar o caso com os colegas. A princípio, foi tudo muito engraçado, os risos eram incontroláveis, e compartilhávamos a situação uns com os outros. Sem notar a dimensão daquele momento mágico que acabava de acontecer, lembro-me de ainda ter dito: “Errada ela não está”. No fundo, aquela menina de apenas 7 anos provocou um impacto tão grande na minha existência e de todos naquele meio que logo começamos a refletir juntos sobre várias questões por trás da temática levantada.

A partir de então, até os dias atuais, fui buscar refletir sobre conceitos melhor estruturados sobre vida e morte. Ao repensar a incerteza apontada por Morin e Kern (2003) e refletir sobre conceitos de vida e morte a partir dos estudos de Atlan (1992), percebi em sua leitura que este faz uma analogia bem interessante entre o que trazem os textos bíblicos, apontando para questões de vida e morte, em contraposição com o que estudam os biólogos.

---

<sup>2</sup> Nome fictício de uma das alunas



Dentre os vários aspectos mencionados, Henri Atlan aponta que:

Por isso, no que concerne às ciências da vida, chegamos a uma espécie de paradoxo: a biologia se ocupa da vida e da morte, mas não, ou muito pouco, da vida e da morte dos homens reais na sociedade. Algumas aplicações médicas que utilizam conceitos e técnicas biológicas não devem criar nenhuma ilusão; elas só dizem respeito a uma fração pequeníssima da população; depois, e principalmente, afinal, trata-se apenas de problemas de saúde, e não de problemas de vida, o que, no contexto em que estamos, não é a mesma coisa (Atlan, 1992, p. 232).

Compreendo, assim, que explicar vida e morte não é uma tarefa simples, ainda que para uma criança de 7 a 8 anos, mas a explicação maior teria que ser para mim mesma, uma vez que a dúvida perseguiu e persegue parte de minha vida e gera muitos debates até os dias atuais.

Hoje, pensar naquele questionamento promove dentro de mim um ciclo de debates muito extensos. Naquele momento, não havia uma curiosidade científica em torno da situação, e, certamente, aquela criança, que, hoje, é uma mulher formada, sequer se lembra de tal episódio. Vale ressaltar que, talvez, ela fosse se lembrar para o resto de sua vida se eu, naquele momento, a contradissesse.

Relembrar essa aula de ciências de 16 anos atrás continua provocando em mim inúmeras reflexões.

Naquele momento, havia sido lançada a semente da incerteza que perpetuaria em meu pensamento num momento mais tardio.

A partir dessa aula, permito-me adentrar num vilarejo que, bem como esta história, tem em si um vasto acervo cultural, composto de inúmeras vivências que abarcam o campo do ensino.

O ensino, em suas mais variadas vertentes, faz parte do processo que deu lugar a uma comunidade única e complexa neste planeta no qual residimos.

Em Vila do Café, quando o céu vai se tornando em suas tonalidades um vistoso vermelho-alaranjado, as famílias vão chegando do trabalho, as crianças, da escola. Gaivotas, vaga-lumes e as andorinhas sobrevoam e marcam encontros no cenário campestre. Momento mágico que compõe para mim grande esplendor! Para completar tal magnitude, o verde das colinas exerce o seu papel de exalar o aroma da minha terra cafeeira.

Dormi tarde sobre uma página qualquer deste livro. Acordei com pressa de continuar. Preparo-me para pular da cama, mas uma sutil algazarra me para. Pia-se ao redor da casa. Numerosos piados, ao mesmo tempo intensos e contidos. Ah! Sim, a partida das andorinhas (Pennac, 2008, p. 235).

O fragmento acima faz lembrar-me do final de tarde em Vila do Café (Figura 1), marcado pelas belas e diversas manifestações da vida que a natureza nos oferece, tecendo assim um espetáculo sutilmente orquestrado, o qual, para ser devidamente percebido, requer sensibilidade. Nesse contexto, desponta também a escola na qual se passou a história relatada no início deste texto, a qual faz parte das vidas humanas dessa localidade.

**Figura 1:** Visão distante do povoado de Vila do Café



Fonte: Arquivo da autora.

Agora, penso na vida e no exercício da profissão docente. A beleza do poente convida-me a refletir sobre os caminhos pelos quais passamos despercebidos por muitas vezes. É o tecer do tempo que me desperta para essa gratidão. O vai e vem do sol permite-me comparar com os espaços de dentro e fora da escola. Assim como os dias e as noites fazem-se e se refazem trazendo a escuridão e, com ela, as dificuldades, limites, sonhos desfeitos e as dores vividas, essa mesma escuridão me traz a evolução humana, no sentido da transcendência. Aqui, a luz vai dispersando as trevas... O ciclo se renova. Então, “Há um vilarejo ali”.

Há um vilarejo ali  
Onde areja um vento bom  
Na varanda, quem descansa  
Vê o horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração  
 Lá o mundo tem razão  
 Terra de heróis, lares de mãe  
 Paraíso se mudou para lá  
 Por cima das casas, cal  
 Frutos em qualquer quintal  
 Peitos fartos, filhos fortes  
 Sonho semeando o mundo real  
 Toda gente cabe lá  
 Palestina, Shangri-lá  
 Vem andar e voa  
 Vem andar e voa  
 Vem andar e voa  
 Lá o tempo espera  
 Lá é primavera  
 Portas e janelas ficam sempre abertas  
 Pra sorte entrar  
 Em todas as mesas, pão  
 Flores enfeitando  
 Os caminhos, os vestidos, os destinos  
 E essa canção  
 Tem um verdadeiro amor  
 Para quando você for  
 Há um vilarejo ali  
 Onde areja um vento bom  
 Na varanda, quem descansa  
 Vê o horizonte deitar no chão  
 Pra acalmar o coração  
 Lá o mundo tem razão  
 Terra de heróis, lares de mãe  
 Paraíso se mudou para lá  
 Por cima das casas, cal  
 Frutos em qualquer quintal  
 Peitos fartos, filhos fortes  
 Sonho semeando o mundo real  
 Toda gente cabe lá  
 Palestina, Shangri-lá  
 Vem andar e voa  
 Vem andar e voa  
 Vem andar e voa  
 (Monte *et al.*, 2006)<sup>3</sup>.

A partir da canção “Vilarejo”, composta por Marisa Monte, Antônio de Carlos Santos de Freitas, Pedro Baby e Arnaldo Antunes em 2006, apresento o meu lugar, pelo qual tenho tamanho apreço: Vila do Café; um vilarejo que pertence ao município de Encruzilhada e está situado no Estado da Bahia.

Esse mesmo vilarejo, que já vivenciei tantas experiências de ensino muito mais amplas do que aquela aula de ciências ora apresentada, é parte da história de vida de muitos

---

<sup>3</sup> A fonte consultada não é paginada

profissionais que aqui constituíram seu enredo histórico.

Ao apresentar o meu vilarejo, vale ressaltar que este recebeu esse nome devido ao fato de sua atividade e renda principal concentrar-se na produção de café, que atende a toda a região vizinha.

Regressando à canção e suas reentrâncias com o cenário de Vila do Café, deparo-me com a obra de Daniel Pennac, “Diário de Escola”, lançada no ano de 2008. O autor move-me para uma história de vida incrível. Ele relata sua própria trajetória, enquanto um aluno em suas mais variadas fases do ensino. O escritor, que vem de família tradicional, apresenta em sua obra várias ressignificações para a vida. Logo, convida o educador a repensar suas práticas educativas em torno do que, comumente, chamamos de *maus alunos* ou *alunos lerdos*.

Pennac (2008) traça uma abordagem da sua vida, tecendo um paralelo entre o *aluno lerdo* que superou situações difíceis e o renomado escritor e professor que apresenta as tessituras de sua existência, especificamente no contexto da escola, bem como as pessoas e situações que o resgataram daquela condição de *mau aluno*. O autor chama de lerdos os alunos que habitam um contexto fechado aos conteúdos e saberes, além de submissos a um ensino engessado, sem, contudo, adaptarem-se a essa realidade.

Tais alunos permeiam as nossas trajetórias, e é preciso que nós, enquanto educadores, lancemos um olhar sensível sobre eles. Pensando nisso, a partir do recurso da memória, venho por meio deste texto apresentar histórias de vida que se mantêm vivas ao longo dos tempos de forma que possam ficar eternizadas numa dissertação que demonstre vivências da minha localidade, relacionadas à composição local.

As vivências de moradores aqui presentes que permeiam a história desse lugar são muito importantes para mim, pois, de certa forma, ajudaram a moldar também a minha própria história. São parte fundamental da construção da minha vida enquanto cidadã que teve a felicidade de conviver em meio a esse contexto tão misto.

Inclui-se também nessa discussão o fato de que pensar os nossos locais de origem insere-nos numa discussão muito cara para o Pensamento Complexo, que é o princípio da religação entre o uno e o múltiplo, o real e o imaginário, o local e o global, a parte e o todo, uma vez que cada realidade, embora única, é parte integrante de um complexo, sempre marcado pelas peculiaridades de cada parte da qual ele é formado, o que inclui as grandes metrópoles, com sua complexidade de vida, mas também os pequenos vilarejos, com suas tradições e histórias, com sua gente e sua cultura.

Vale ressaltar que o conhecimento forma-se por vários vetores, contudo ainda ocorre uma desvalorização dos saberes que não estão de fato registrados. Edgar Morin adverte-nos

para uma reforma do pensamento que oriente a vida:

Não há mais lugar reconhecido ao pensamento no universo disciplinar. Há filósofos, cientistas que pensam, há não-cientistas e não-filósofos que pensam, mas o pensamento parece uma atividade subsidiária da ciência, da filosofia, quando ciências e filosofias deveriam se dedicar a pensar o homem, a vida, o mundo, o real, e o pensamento deveria retroagir sobre as consciências e orientar o viver (Morin; Kern, 2003, p. 160).

Pensar na possibilidade de trazer histórias de vida do meu local de origem para retratar experiências da vida e do ensino em sua constituição local faz-me também repensar a inspiração da história de Daniel Pennac, que traz para o leitor lados antagônicos de uma mesma história, desde o professor que passou a se dedicar a “salvar” seus alunos com dificuldades dos abismos epistemológicos ao aluno lerdo que conseguiu sair das profundezas do descaso com a escola. História que me faz reconsiderar vários contextos presentes onde moro. Tal fato não me saiu da memória. Não porque a escola seja salvadora dos “meninos lerdos”, mas porque nela é possível descobrir situações da vida desses alunos que outras pessoas ainda não conseguiram observar.

Conseguimos olhar com precisão devido à proximidade que temos com eles durante os duzentos dias letivos. Todavia, a escola é esse ambiente de descobrir pessoas talentosas, e, por muitas vezes, o deixamos de fazer. Em vários momentos, o autor aponta ter sido um ser inútil; essa foi a descrição que o marcou e o acompanhou por longos anos da sua trajetória escolar. Era tido o tempo todo como incapaz. Já estava acreditando nisso.

Depois de os seus professores não depositarem nenhuma confiança nele, ir para a sala de aula era para aquele menino como ser transportado para um disco voador cujo comandante era o professor, e ele, o aluno incapaz que não conseguia entender o que o seu comandante queria. Em breves palavras, comenta que se sentia um intruso na sala. Pensar no futuro, para ele, era algo incomum. Não conseguia enxergar as linhas do horizonte, pois, na sua cabeça, era simplesmente um ignorante e nada mudaria esse fato, já que essa era a sua realidade.

Conforme descrito por Pennac (2008), num intervalo de 10 anos, entre 1959 e 1969, quando já era professor, finalmente, conseguiu vir a ser algo em sua vida. Aponta que o seu primeiro salvador foi um professor de francês da nona série, que enxergou a capacidade de um belo escritor ao observar a sua extrema criatividade em arrumar desculpas para as tarefas não realizadas. Como sempre criava uma história para suas mentiras, o seu professor percebeu ali as possibilidades de ele se tornar um belíssimo narrador e contador de histórias.

Foi quando lhe sugeriu um trabalho. O professor de francês viu naquele menino um

futuro romancista, afinal, já que era criativo para inventar histórias, sugeriu-lhe que produzisse um romance para o qual, toda semana, teria que apresentar um capítulo, um capítulo de um livro escrito por ele mesmo. O tema poderia ser livre. Pela primeira vez, experimentou o prazer em escrever um trabalho. Segundo Pennac (2008, p. 75), o professor de Francês “Que me sinalizou para aquilo que eu era: um fabulador sincero e alegremente suicida”. A partir dessa percepção do seu professor, aquele menino começa a viver uma verdadeira metamorfose.

Não foi uma metamorfose que aconteceu muito rapidamente. Ela levou um tempo. Tirar da sua cabeça que não seria capaz foi uma das tarefas mais difíceis.

Segundo Pennac (2008, p. 211), “Se, além dos mestres célebres, esta antologia propusesse o retrato do inesquecível professor que quase todos encontramos pelo menos uma vez em nossa escolaridade, talvez assim encontrássemos uma luz sobre as qualidades necessárias à prática deste estranho ofício”. Muitos alunos passam uma vida inteira carecendo de encontrar esse professor em seu caminho, e nem todos têm a oportunidade que Daniel Pennac obteve. Essa necessidade parte não só dos alunos lerdos, mas também dos alunos que carregam fardos pesados no seu dia a dia como os pesados sacos de café colhidos no trabalho árduo do campo, o que faz com que aqueles sujeitos, muitas vezes, vencidos pelo cansaço, abandonem a trajetória educacional.

Assim como a escola é um dos principais pontos de partida para a constituição de uma sociedade, segundo o que apontam vários estudos, principalmente após a instauração do capitalismo no mundo inteiro, Vila do Café também vivenciou esse processo. As instituições escolares surgem após ficarem evidentes as necessidades dos trabalhadores rurais e/ou assalariados da época, que precisavam de um lugar para deixarem seus filhos enquanto exerciam suas atividades laborais.

De fato, toda a história de Vila do Café, parte da própria produção do café, que é a máquina motora da sua economia.

A escola enquanto ponto de partida para a socialização de diferentes povos acaba se tornando um aparato histórico inigualável, que vem a ser de suma importância para a constituição de uma história respaldada nas mais variadas experiências de um vilarejo no meio rural no interior da Bahia.

Aquela menina da 2ª série que levanta aquele questionamento numa aula de ciências está longe de ser uma “aluna lerda”, pelo contrário, seu raciocínio é encantador.

A complexidade neste estudo permite-me ligar os elementos das obras *Diário de Escola* (2008), de Daniel Pennac, com os escritos de Mia Couto, em *E se Obama fosse africano* (2011), para uma representação da realidade, abrangendo também o ensino com suas ações e interações

associadas ao campo científico, com vivências que se passam ou se passaram no Vilarinho de Vila do Café, a fim de, assim, formar um complexo, a partir das marcas do tempo nesse meu lugar.

Desse modo, comenta Morin e Kern (2003, p. 43), “Em francês, a palavra “complexo” aparece no século XVI: vem do latim *complexus*, que significa “que abraça”, particípio do verbo *complector*, que significa eu abraço, eu ligo”. A partir desse pressuposto, encontro respaldo para estabelecer essas conexões com a pesquisa em questão.

Seguindo nessa apresentação dos autores que me inspiraram nessa escrita, destaco Mia Couto, um biólogo africano que, na obra escolhida, relata o dia a dia do povo de Moçambique através de um olhar humano, poético e intrínseco à vivência local. Sua obra constitui também uma crítica aos modelos sociais aos quais essas populações locais são subjugadas. Mais que impor o ponto de vista acerca do retrato de uma sociedade, é necessário imergir nela e, dessa maneira, conseguir compreendê-la em sua totalidade. Muito do que ouvimos falar, na verdade, são apenas deturpações da vida que está ali imposta. A visita ao continente africano por seus contos convida-nos à reflexão e compreensão de aspectos culturais do modo de vida local, que, por muitos momentos, foram ignorados.

O livro *E se Obama fosse africano* (Couto, 2011), como um todo, é uma crítica social, política e econômica, mas que não dispensa a culpa do povo que se submete a tais situações. O autor relata que muitos já se acostumaram a esse modo de vida pelo qual estão dominados; muitas vezes, não percebem as riquezas que os cercam, a partir das quais uma simples tomada de decisão de seus povos moçambicanos poderia mudar completamente todo o contexto histórico no qual estão inseridos.

Para além de uma crítica social impactante, Couto (2011) também nos convida a conjecturar sobre a vida e nossos modos de agir perante ela. Enquanto por cá (Brasil), dispomos de altas tecnologias, e há muito desperdício de alimentos, por lá (Moçambique), os equipamentos tecnológicos de fácil acesso à população aqui no Brasil são algo distante da realidade daquele povo. O *Global Positioning System* (GPS) de cortesia empregado nos atos de visitação converte-se em problemas ambientais a depender da época do ano, bem como a escassez de alimentos é parte de suas realidades. O GPS é um aparelho muito utilizado no nosso cotidiano, tem como função buscar a localização geográfica. O termo é originário da língua inglesa, *Global Positioning System*, que significa Sistema de Posicionamento Global. É hoje um forte aliado na localização em vários lugares do mundo.

Desses textos idealizados por Couto (2011) para o contexto de Moçambique, concebo os eventos ocorridos em Vila do Café para compor uma pesquisa científica. Essa abordagem

permite-me referenciar o GPS de cortesia para cruzar outros espaços. Pensar em Couto (2011) possibilita-me ser transportada para Moçambique e questionar como lugares tão distantes compartilham de realidades semelhantes. Tal passagem conduz-me a tratar da Identidade Terrena, como bem anuncia Morin (2010). Sendo assim, o termo refere-se ao desenvolvimento da educação em consonância com o conhecimento planetário, já que somos pertencentes à mesma espécie, para entender a complexidade do mundo. Esses GPSs levam muito mais do que nossa mera imaginação possa pensar. É um trabalho essencial que mantém viva a cultura local, e não caberia, jamais, a Mia Couto, interferir num processo que faz parte daquele cotidiano.

Nessa concepção, Couto (2011) leva-me a pensar nas veredas que se abrem para os encontros entre homens na intenção de evitar as guerras. A partir da abordagem desse autor, coloquei-me a refletir sobre as cortesias que levam as pessoas a visitarem Vila do Café ou mesmo a saírem, em algum momento, de suas casas para se socializarem com outras.

Vila do Café é um local com diversos aspectos culturais evidentes: festas juninas, jogos de futebol, tradições religiosas, desfiles cívicos e tantas outras atividades (Figura 2). Todas elas mobilizam a sociedade, e, apesar de considerá-la, enquanto moradora da localidade, um local pacato, buscando pensar nos eventos que ocorrem eventualmente, vejo que havia em mim um pensamento outrora equivocado.

**Figura 2:** Zona Rural de Vila do Café - Região do Mangerona



Fonte: Arquivo da autora.



Posso observar muito da minha Vila do Café nas histórias dos moçambicanos relatados pelo biólogo. Sobre os incendiadores de caminho de Moçambique e a questão de os prefeitos mudarem as cores da escola, ambos fatores que demarcam a questão cultural de cada região, assim como, em especial, o caso das fogueiras do período junino aqui de Vila do Café, há muito mais do que ensinar e aprender com cada uma dessas situações do que nossa imaginação possa dar conta.

Livros permitem-nos viajar sem sair de casa, bem como associar situações cotidianas dos vários lugares e, com isso, traçar um paralelo para o nosso “mundo interno” de forma que possamos reconhecer a nossa identidade terrena em sua mais variada complexidade.

Assim, partindo desses pressupostos, debruço-me sobre elementos subjetivos da vivência que poderão possibilitar as reflexões do pensamento docente no ensino diante de uma sociedade.

Para justificar a importância da escolha dessa temática, *Vila do Café: lugar onde se tece o tempo*, considero primeiramente a constituição do lugar e a maneira como surgiram as vivências do ensino em Vila do Café que me impulsionaram à escrita para a referida dissertação. Além disso, são considerados os estudos derivados do mestrado em curso, que fortalecem a formação docente e as produções escritas que fazem demonstrar as práticas desenvolvidas nas escolas.

No decorrer dos capítulos, apresento algumas metáforas para permear os conhecimentos adquiridos a partir de outras perspectivas.

Para melhor compreensão de metáfora, temos:

Uma metáfora revela a visão ou a percepção que se tornaram clichês. É nesse sentido que um poeta diz: ‘A realidade é um clichê do qual escapamos pela metáfora’. A metáfora literária estabelece uma comunicação analógica entre realidades muito distantes e diferentes, que permite dar intensidade afetiva à inteligibilidade que ela apresenta. Ao levantar ondas analógicas, a metáfora supera a descontinuidade e o isolamento das coisas (Morin, 2010, p. 91-92).

Isso implica as diferentes linguagens que precisamos utilizar em sala de aula, com vistas ao ensino mais curioso, atrativo e inteligível. A metáfora carrega uma essência poética para dar sentido e significado às coisas, o que gera novas aprendizagens.

O caminho metodológico surge como estratégia para o conhecimento e a ação, diante de um percurso que se altera a qualquer momento. Isso permite a abertura para a Teoria do Pensamento Complexo, que será marcada por vivências do vilarejo, fortalecendo os

pressupostos básicos do processo de construção do conhecimento que se preocupa em compreender as relações das partes com o todo.

Os dados apresentados advêm de histórias que trago a partir da minha memória e/ou de anotações em um diário de curiosidades reais e imaginários que ao longo dos anos registro nele observação de relatos, causos e/ou depoimentos em vários momentos constituídos de aspectos que me chamaram a atenção, bem como, de depoimentos do vídeo sobre Vila do Café realizado em 2000 pela Produtora Universitária de Vídeo (ProVídeo) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Ao iniciar a pesquisa, ler estes registros no meu diário, funcionaram como *insights* que afloraram a minha memória sobre fatos e detalhes ouvidos e vivenciados na Vila do Café. Neste ponto, nos faz lembrar de Maurice Halbwachs, o qual traz que a nossa memória não é só individual, mas, também, coletiva (Halbwachs, 2006). E são estas memórias coletivas que trago neste texto em forma das histórias (fatos, relatos, causos, depoimentos cotidianos etc.) que construíram/juntaram a minha memória individual.

Faz-se importante esclarecer que, embora a pesquisa não precisou passar pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por se tratar de anotações pessoais da autora, tais registros envolvem terceiros que vivem hoje na Vila do Café ou em outros lugares ou mesmo que já desencarnaram, assim seguindo os princípios éticos da pesquisa, aqui neste texto os nomes dos atores sociais, que levaram as minhas anotações, serão apresentados através de personagens do imaginário. Estes serão caracterizados com nomes fictícios, para os quais busco inspiração nas árvores típicas da Mata Atlântica presentes na região, além de outros que julgo serem parte da presença cotidiana de alguns moradores. Objetivando assim realizar uma tessitura do tempo em seus variados aspectos e suas relações com o ensino nesse vilarejo atrelado à colheita do café.

Essa travessia levou-me a escrever os seguintes capítulos: 1- *Onde tudo começou*; 2- *Outras possibilidades de ensino e aprendizado no meu vilarejo*; 3- *A difícil arte de semear saberes*; 4- *Minha escola transita pelo tempo: o transitório e o permanente*.

Com base nas histórias em forma de narrativas apresentadas para elucidar experiências no ensino, busco identificar alguns processos que se configuram no contexto do ato de ensinar em algumas vivências. A ideia é que estas possam provocar o desejo de sentir e criar, na perspectiva de repensar o pensamento docente, ao mesmo tempo em que se levantam discussões sobre as práticas de ensino a partir das mais variadas vivências e do seu surgimento no vilarejo. Concomitantemente, apresento o lugar de Vila do Café ao olhar aos registros que guardo em minha memória.

Em *Onde tudo começou*, apresento ao leitor um retrato breve sobre o lugar onde o tempo se tece nesse trabalho. Aqui, é possível situar as principais características relacionadas ao lugar

onde tudo começou: O vilarejo de Vila do Café. Nesse mesmo capítulo, procuro ilustrar o vilarejo de Vila do Café desde os primórdios do seu surgimento e os desafios para que o vilarejo se instituisse enquanto morada, dominando a cultura cafeeira, à necessidade das primeiras escolas.

No capítulo *Outras possibilidades de ensino e aprendizagem no meu vilarejo*, tento ilustrar o leque de oportunidades que podem ser apresentadas à população como um todo nos horários em que esta não está no trabalho e/ou na escola, expondo outros cenários de aprendizado que vão além dos saberes tradicionais.

No capítulo *A difícil arte de semear saberes*, apresento depoimentos que correlaciono de forma metafórica com a colheita do café e o ato de colher os frutos no ensino. O ponto de partida dá-se por meio da experiência da colheita correlacionada com suas dificuldades e segue com a história de vida de uma alfabetizadora da região que, de uma maneira singular, semeou os seus saberes ao longo de toda a sua trajetória.

No capítulo *Minha escola transita pelo tempo: o transitório e o permanente*, procuro discutir através de metáforas o contraste entre as mudanças das cores da escola, discutindo o que se perde e o que fica a cada mudança de cenário. Enuncio, assim, uma discussão em torno do que é transitório e do que é permanente nesse cenário que perpassa por todas essas transformações ao longo das mudanças de gerenciamento municipal, bem como me situo em meu local de vivência.

Para discutir as questões apresentadas nos capítulos, utilizo como ponto de partida a metáfora do plantio até a colheita do café como aparato implícito em toda a pesquisa, que é indissociável dessa marca do vilarejo. Tenho como premissa que a história do ensino local, bem como a do próprio vilarejo, atrelada à minha história de vida, está intimamente vinculada a todas as questões diretas e indiretas da colheita do café.

Os personagens escolhidos para compor os depoimentos aqui apresentados são, em sua maioria, pessoas acima dos 40 anos, por terem impresso na sua trajetória muito a nos relatar sobre Vila do Café; personagens estes que viram de perto o vilarejo se constituindo e/ou que guardam em suas mais remotas lembranças relatos e vivências que marcaram suas vidas, bem como a minha.

Expresso-me por meio dos contos de Couto (2011), A história de vida de Pennac (2008), pensamentos de Farias (2006) e reflexões de Morin e Kern (2003), também das contribuições de Ceixa (2010), Ingold (2020), bem como de outros aportes teóricos de suma relevância para esta escrita.

Fim de Tarde na Zona Rural de Vila do Café



Fonte: Arquivo da autora.

**1 ONDE TUDO COMEÇOU**

## 1 ONDE TUDO COMEÇOU

*“Se queres ser universal, começa por pintar a sua aldeia”* (Tolstoi, 2023).

Saindo da escola, vou em busca da composição dos caminhos da vida. Assim como diz a frase de Tolstoi, aqui começo a apresentar o cenário do meu local de vivência: a minha linda aldeia, minha tão querida Vila do Café.

Na escola, deixei amigos que fiz ao longo dos estudos, na certeza de, um dia, nos reencontrarmos. Perpassei pelos caminhos de Vila do Café, contemplei o verde, atravessei estradas com grandes dificuldades e empecilhos. Tais vias levaram-me aos saberes acadêmicos e culturais. Agora é a vez de colocá-los em prática.

Neste capítulo, vou apresentar como o vilarejo foi se compondo e como o ensino foi se constituindo. Através de depoimentos, ilustrarei um pouco das dificuldades encontradas e da prosperidade dessa pequena vila, que foi ganhando seu espaço e, em pouco tempo, tornou-se morada e fonte de renda, bem como meio de vida para inúmeros cidadãos. Assim, diante dos relatos, convido-os a refletir sobre como se dá o ensino que é configurado em toda essa conjuntura ao longo dos tempos? Inquietação esta que me leva a observar com outros olhos as questões que tangem ao ato de ensinar diante de tamanhas dificuldades.

A minha história com a educação começou já há algum tempo. Sempre quis ser professora. Minha mãe inspirou-me para tal profissão. Lembro que, nas brincadeiras, encontrava-me no papel da docência sempre interpretando uma professora. A escola muito me ensinou, tornou-me um ser humano melhor, com determinados valores éticos que levarei para a vida. Com imenso carinho e gratidão, venho por meio desta escrita tecer o meu olhar para esta sociedade e toda a sua comunidade escolar: professores, funcionários, pais, alunos e eternos amigos.

Tive professores marcantes que, hoje, são colegas de trabalho. Lembro-me de momentos muito especiais com eles em sala de aula, porém não posso esquecer o quanto era cobrada pelo fato de ser filha de professora. Era evidente que eu tinha que ser um exemplo, principalmente no período da adolescência. Ainda assim, tais cobranças não me impactavam negativamente, pois sempre fui uma aluna dedicada e empenhada em minhas atividades.

**Flor de laranja**, uma professora da época das séries finais do ensino fundamental, hoje com 59 anos, outro dia me encontrou com outra colega dos tempos da escola e relembrou:

*Aquela turma de vocês era uma turma diferenciada. Tudo que levávamos de proposta vocês faziam. Dava gosto de ensinar. Moças e rapazes educados, comportados e comprometidos, coisa que nos dias atuais tem se perdido.*

*Me recordo de um mês de abril onde vocês foram designados para fazer uma dramatização encenando a Paixão de Cristo. Era incrível a dedicação. Vocês estudavam à tarde e à noite, e, pela manhã, a turma se reunia para ensaiar toda a cena. Naquela época, nem precisava dessa preocupação de ter por perto a supervisão de um adulto, podíamos ficar tranquilos que vocês ensaiavam muito em paz.*

*Decoravam as falas, nada de ficar lendo papéis lá na frente. Se desafiavam nos figurinos, corriam atrás de maquiagem, e o resultado não poderia ser diferente.*

*O engraçado dessa peça em especial foi no dia da apresentação, pois vocês conseguiram prender a atenção de todos que assistiam e, ainda por cima, ao final, emocionou quase todos que assistiam.*

*Às vezes, sentimos falta dessa dedicação por parte de alguns alunos atualmente, mas sabemos que ainda tem muitos alunos brilhantes por aí, porém vocês foram inesquecíveis.*

*Honra maior para mim é, após tanto tempo, ter vocês como colegas de profissão. Ficamos com aquele sentimento de dever cumprido, pois vocês conseguiram chegar onde estão (Flor de Laranjeira).*

Flor de laranjeira estava certa, nossa turma era cheia de alunos brilhantes. O curioso é que não havia maus tratos, palavrões, *bullying*, nada do que está cada vez mais presente nos espaços escolares. Estávamos lá de fato com o propósito de nos divertir e aprender.

Um lugar pequeno como Vila do Café, onde todos se conhecem, as turmas na escola parecem ter algo em comum: seguem, a maioria, juntos das séries iniciais até as séries finais do Ensino Fundamental. Essa é uma realidade por aqui. Tenho colegas de profissão que são colegas dos tempos da escola desde a antiga segunda série. Em um tempo marcado pela popularização das tecnologias digitais, temos até um grupo de *whatsapp* de colegas da infância em que, volta e meia, marcamos reuniões para colocar as conversas em dias.

O tempo, veloz e sábio, envereda por caminhos tortuosos e vai deixando levemente as suas marcas. Os conceitos que foram adquiridos em sala de aula foram enraizando-se na minha existência. Aqui, o conhecimento científico transborda para a vida, procurando fugir do engessamento que marca o pensamento científico moderno, a formalização excessiva e a exigência do quantificável questionados por muitos autores que discutem o fazer científico, uma vez que, nem sempre, as respostas para as grandes questões da humanidade são exatas.

Ao longo da viagem, essa escola para a vida ocupa um importante lugar na constituição humana e social, intrínseca à itinerância do homem pelo mundo. Contudo, não posso desmerecer os saberes culturais que ficaram plantados nos conhecimentos ao longo de décadas,

seja na lida com a terra, no contexto da escola ou na cultura cafeeira.

As obras de Maria da Conceição de Almeida que li levaram-me ao aprendizado da ciência frente aos saberes culturais e à ambivalência em sua natureza. A escritora, que gosta de ser apresentada por Ceixa, é professora Titular do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e seus escritos sobre os saberes da tradição inspiram-me na composição desta escrita.

Procuro um pouco dessa percepção da autora acerca dos saberes culturais concebidos por várias gerações. Desperto o desejo de aprender mais, de aprofundar os estudos que foram realizados. A pesquisa, no que lhe concerne, vai ganhando um novo formato, favorecendo a apropriação pela abordagem histórico-cultural de Vila do café (Figura 3).

**Figura 3:** Um dos primeiros moradores de Vila do Café - anos 1980



Fonte: arquivo da autora.

Através das suas inspirações, apresento Vila do Café a partir do meu olhar. Na juventude, ouvi várias histórias que detalham a composição do que viria a se tornar o vilarejo.

Aqui, aprecio gente simples e trabalhadeira que desvenda o cenário cortando longas estradas, perpassando pelas matas para chegar ao caminho das belas fazendas cafeeiras a pé, montada a cavalo ou com suas motos, no mesmo momento em que posso visualizar automóveis e obras modernas.

Tudo o que se sabe sobre o vilarejo advém do depoimento de moradores da localidade, que, na maioria das vezes, já não estão entre nós. Ainda assim, foi possível localizar um vídeo

produzido nos anos 2000, com uma certa riqueza de informações, que aponta um pouco do histórico do surgimento dessa localidade.

Vila do Café não é apenas um lugar de moradores que se deslocam no decorrer do dia para as lavouras e, no final das tardes, retornam para sua casa e mal concluem o ensino médio. O ensino do vilarejo já encaminhou alunos brilhantes para os mais diversos cursos e para as mais diversas universidades afora. De professores a médicos, enfermeiros e outros que até deixaram suas moradias para tentar a vida no exterior. Vila do Café é um lugar que consegue agregar posições antagônicas dentro de uma mesma sociedade. Não podemos, contudo, desmerecer os saberes culturais que estão enraizados com outros que ficaram aqui produzindo esses conhecimentos ao longo de décadas na lida com a terra e com a cultura cafeeira. Almeida (2010) deixa claro um pouco dessa percepção quando nos chama a atenção para a necessidade de preservação da oralidade presente numa sociedade, a qual se traduz em forma de conhecimento:

[...]. Os homens, mais afeitos às longas caminhadas para o trabalho, sabem ler a natureza, compreender a linguagem dos animais e das plantas, os segredos da mata. Desenvolvem um rico conjunto de técnicas agrícolas, extrativistas, de pesca e de conhecimento sobre o ecossistema, mesmo que não registrem essa sabedoria por meio de palavras escritas em livros. Essa enciclopédia de saberes milenares corre o risco de se perder pelo ar, a menos que registros da oralidade se propaguem por gerações seguidas ou que algum apreciador dessas cosmologias de ideias eternize por meio de palavras escritas (Almeida, 2010, p. 51).

Ouvir esses conhecimentos dos saberes tradicionais que esses moradores apresentam a respeito do passado e de todo o aprendizado que adquiriram ao longo dos tempos sobre a história de sobrevivência nessa localidade é, de fato, enriquecedor e inspirador para as gerações.

Ouvir, ler e contar histórias parece ser uma predileção humana universal. As histórias de tradição oral que ouvimos quando crianças constituem, em grande parte, a nossa educação geral. Circulando de memória em memória, mas também de livro em livros, aprendemos através delas as primeiras noções de afetividade, ética, justiça, solidariedade, partilha, amizade e tantos outros valores fundamentais à existência humana (Farias, 2006, p. 15).

Carlos Ademir Farias é autor do livro *Alfabetos da Alma, histórias da tradição na escola* (2006)<sup>4</sup>, livro este que é fruto da sua dissertação de mestrado orientada por Ceiça, na qual

---

<sup>4</sup> Fruto de rigorosa pesquisa bibliográfica e de campo com contadores de histórias em duas regiões geográficas do Brasil Amazônia e Nordeste, o livro é uma reflexão sobre a importância e o valor dos contos de fadas, das fábulas, das narrativas míticas e das lendas na educação e na vida. [...] (Sinopse [...], 2023a).



podemos compreender que, de história em história, mantém-se vivo o percurso através do qual se constituiu uma sociedade rural que traz consigo diversas outras histórias de muitos moradores que a compõem.

Não podemos permitir que as histórias do vilarejo caiam no esquecimento. A morte em si não faz morrer de fato o seu legado.

Edgar Morin em seu livro *O homem e a Morte*<sup>5</sup>, traz diversas discussões sobre vida e morte, partindo da antropologia, biologia e outras áreas, abordando as diversas vertentes que englobam a morte a partir de diversos aspectos. Destaca na apresentação da capa final do seu livro que:

A morte situa-se exatamente na charneira bio antropológica. É o traço mais humano, mais cultural, do 'anthropos'... 'É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. «É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental'. Por isso, parece indispensável integrar a reflexão sobre a morte no estudo da antropologia. E o facto de essa realidade ter andado ausente da preocupação dos cultores de tal ciência só pode ter tido como consequência, no mínimo, a incompletude do conhecimento do homem (Morin, 1976, p. 16-17).

Nas suas sábias palavras, encontro o conforto para re(visitar) essa discussão, que já foi alvo de estudo do autor nesse que é um dos seus primeiros livros, no qual ele discute a morte em suas mais distintas apreciações. Como nos traz Edgar Morin:

Cada ser humano é um cosmos, cada indivíduo é uma efervescência de personalidades virtuais, cada psiquismo secreto uma proliferação de fantasmas, sonhos, ideias. Cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria. Cada um traz em si tesouros, carências, falhas, abismos. Cada um traz em si a possibilidade do amor e da devoção, do ódio e do ressentimento, da vingança e do perdão. Reconhecer isso é reconhecer também a identidade humana. O princípio de identidade humana é unitas multiplex, a unidade múltipla, tanto do ponto de vista biológico quanto cultural e individual (Morin; Kern, 2003, p. 59).

Embora muitos moradores já não estejam presentes entre nós em vida, cada um deles deixou aqui, mais vivos que possamos imaginar, os registros de sua passagem breve por esse vilarejo nas memórias dos que aqui permanecem.

---

<sup>5</sup> O autor apresenta uma tentativa de integrar a morte nos parâmetros da reflexão antropológica. É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental. Por isso, parece indispensável integrar a reflexão sobre a morte no estudo da antropologia (Sinopse [...], 2023b).

Segundo moradores que residem ou residiram há mais tempo na região, cujos depoimentos estão presentes no vídeo ora citado, produzido por Daniel Piccoli e Manoel Oliveira e pela ProVídeo da UESB, em maio do ano de 2000, Vila do Café surge da ideia de alguns fazendeiros de instituir o cultivo do café nessa região. Lá, a partir de depoimentos diversos de seus primeiros fundadores, pudemos sentir a emoção com que relatam as dificuldades enfrentadas nos primeiros momentos em que aqui adentraram.

O vídeo mencionado é uma verdadeira relíquia para a sociedade, pois muitos dos que ali se apresentam marcaram profundamente a história desse vilarejo. O fato é que, vivos ou não, deixaram seu legado, pelo qual as histórias são repassadas a cada geração.

A minha Vila do Café é um lugar com diversas características e consegue mesclar num mesmo espaço o rural e o urbano. Possui hoje, aproximadamente, oito mil habitantes, segundo os últimos dados estatísticos do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), incluindo as zonas rurais; terra de notáveis mestres.

São imensas as leituras que podemos fazer sobre um lugar. Ler não está intimamente aprisionado ao fato de pegar um livro e se debruçar sobre ele. Poderia eu buscar arquivos já produzidos, visualizar imagens e ler palavras para definir esse vilarejo. Da mesma forma, poderia ler por entrelinhas como é Paris ou Moçambique, mas há mais de cada lugar e de cada um de nós em escrituras do que podem dizer meras palavras.

Mia Couto, em seu ensaio *Quebrar armadilhas*, apresenta uma demonstração do quanto além podem ir as leituras:

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página, depende apenas da intenção da descoberta do nosso olhar. Queixamos-nos de que as pessoas não leem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros (Couto, 2011, p. 103).

Nesse mesmo conto, *Quebrar Armadilhas* de Couto (2011), ele chama a atenção para dizer que estamos de fato aprisionados a várias armadilhas, como a da identidade, da hegemonia da escrita, da realidade na qual nos aprisionamos cotidianamente.

Falar de Vila do Café é para muitos uma leitura de mundo que vai muito além dos depoimentos de moradores e histórias que ficam em nossas lembranças.

Para mim, não há como dissociar quaisquer vivências em Vila do Café da questão da colheita. Esta, que é marca registrada em nossa localidade, está intrínseca ao seu processo de

formação. O cuidado com o plantio até que surjam seus primeiros frutos é um processo tão delicado quanto o do plantio do café.

“Desde a sua formação que ocorre com o vigamento da flor até a completa maturação, o fruto de café passa por diversas fases, cada uma delas de importância decisiva na obtenção de cerejas sadias e graúdas” (Mesquita *et al.*, 2016, p. 6). Assim como esse processo, que requer todo um cuidado, também emerge uma sociedade, que, a partir de como são instituídos seus primeiros passos, pode ter definidos fatores relevantes para o seu futuro.

**Jatobá**, um dos moradores que trago nas minhas vagas memórias, foi um dos primeiros moradores a chegarem ao que viria a ser Vila do Café. Conta-me com orgulho que ajudou na construção das primeiras casas, vivenciou de perto as dificuldades apresentadas pelos primeiros fazendeiros e fala dos desafios que enfrentava para ter acesso a uma água com o mínimo de qualidade para o consumo e dos esforços braçais necessários para a sobrevivência na época. Relata também que era um lugar muito chuvoso, o que, muitas vezes, dificultava o acesso a outras regiões vizinhas. Assim como este, com base nas histórias que já ouvi sobre a constituição de Vila do Café, bem como do processo de organização escolar durante esse processo, trago outros personagens inspirados em outras espécies de árvores da região para elucidar melhor a composição histórica do vilarejo.

*Vila do Café era um lugar que chovia muito. Tudo era muito difícil de chegar até nós. Aqui, passávamos até 2 meses de chuvas ininterruptas, e o acesso era muito ruim. Quando iniciamos as construções das primeiras casas, elas eram feitas com material retirado da própria região: casas de pau a pique feitas com madeira retirada da mata, uma espécie de bloco que era feito com barro e o revestimento também de barro. O telhado era improvisado com lona e cobertura de palha de coqueiro até a chegada das primeiras telhas. Assim, íamos sobrevivendo aos temporais (Jatobá).*

Dona **Tambori**, de 80 anos, outra moradora ilustre da região, residente na zona rural do povoado, conheceu de perto a história da Vila. Engraçado ouvir esses depoimentos, pois, com seu jeito individual, cada um tem a sua perspectiva sobre o processo de formação do vilarejo. Em cada depoimento, aprendo algo diferente e ouço uma visão única.

Dona Tamborí é mãe de uma das professoras ilustres da região, que, ainda viva, persistiu na zona rural ao lado do seu marido já falecido e nesta criou seus filhos até que cada um criasse suas próprias asas. Ela traz relatos incríveis dessa mesma época:

*Quando me mudei para a região, só tinham 2 casas, e eram de dois moradores que já não estão mais presentes em vida entre nós. Estes eram conhecidos como Seu Jordão e Seu Urgulino e ocupavam suas residências bem ali onde*

*hoje é a nossa linda praça principal. Havia também dona Santa, já falecida, que foi a primeira vendedora de produtos de beleza aqui em Vila do Café. Seu Jordão era um empreendedor nato que já chegou investindo no comércio da localidade, mesmo vindo da cidade de Cândido Sales; ele sonhava longe que Vila do Café, um dia, pudesse se tornar uma cidade.*

*Logo em seguida, veio o senhor Joaquim Roxo, que também colocou uma loja no centro. Essa loja vendia de tudo num mesmo espaço; antigamente, eles tinham esses costumes. Lá vendiam roupas, alimentos, bebidas, tudo em um só espaço e, aos poucos, começaram a chegar outros comerciantes, que vinham, na maioria, da cidade de Divisópolis (que pertence a Minas Gerais, porém é próxima ao nosso vilarejo). Eles chegavam com os carros carregados de mercadorias e já vendiam por ali na feira sem precisar tirar tudo do carro. Após um curto espaço de tempo, foram surgindo outros pontos comerciais e dando uma movimentação maior na localidade (Tamborí).*

Impressiona lembrar o carinho com que as pessoas mais velhas expressam seus momentos de lutas em tempos tão remotos. A capacidade de eles se reinventarem em um lugar completamente novo me leva a uma profunda reflexão sobre o quanto foram guerreiros nessa caminhada. Hoje, encontramos algumas pessoas com os rostos marcados pelas cicatrizes do tempo que afloram não só em seu rosto, mas também em seus corações e nos fazem sentir mais fortes para seguirmos nossos próprios caminhos.

Seu **Artur**, ainda vivo, conta no vídeo que foi o primeiro comprador de terrenos aqui na localidade e que, a partir dele, outros vieram.

Na narração do vídeo, certamente, após coleta de dados minuciosos, podemos perceber que os motivos de as pessoas escolherem Vila do Café como sua morada são os mais diversos: desde uma busca por nova vida até mesmo por encontrar aqui um refúgio após serem expulsos de outras terras.

Ainda nos relatos de dona Tamborí, são inúmeras informações que ajudam a contar um pouco dessa história. Ela continua o seu relato dizendo:

*Me lembro também que o primeiro médico que atendeu aqui foi o senhor Rodoaldo, e, além disso, uma pessoa marcante da região foi o doutor Nestor (advogado), que advogava em troca de posses de terra na região. Isso ajudou muito o pessoal da região, pois, em seu leito de morte, ele retornou doando esses lotes de terras para várias pessoas, o que permitiu a muitos recomeçarem suas vidas ou dar os primeiros passos.*

*A maioria dos empreendedores que chegaram aqui no início eram pessoas que não tinha muita leitura, sabiam pouco ou nada da escrita e, ainda assim, tiveram uma visão grandiosa.*

*Eles já sabiam que eram terras férteis que poderiam lhes dar muito dinheiro no futuro, por isso não pensaram duas vezes em investir na localidade (Tamborí).*

Assim, rodeado de histórias, meu vilarejo começou a ganhar forma.

No vídeo, rico de informações, é possível perceber nas imagens as ruas, que ainda não dispunham de pavimentação, e a simplicidade das casas, que, em sua maioria, eram feitas de taipa (uma construção com madeira preenchida e revestida de barro).

Lá também podemos perceber os dois lados de que compõem a colheita do café: de um lado, pessoas extremamente ricas e, do outro, trabalhadores em condições precárias que só conseguem tirar do trabalho o básico para sua sobrevivência e, muitas vezes, nem isso.

Quando o café começa a ganhar forma e tomar o cenário, com ele ficam evidenciados os vários problemas de ordem social. Entre estes, podemos citar o caso das mães, que, com um considerável número de filhos, não tinham com quem deixá-los para se deslocarem ao trabalho na colheita, que, geralmente, demandava e ainda demanda o dia inteiro de árduo trabalho. Trabalho este que, além de exaustivo e, muitas vezes, expor os trabalhadores a um sol extenuante ou mesmo às chuvas ininterruptas, não garantia segurança e alimentação adequada nem para esses trabalhadores, nem para os seus filhos.

Assim como muitos moradores, o senhor **Braúna**, de 85 anos, que faz parte da história local e vivenciou as principais transformações do vilarejo, veio com sua família desde muito cedo para tentar uma nova vida. Em seu depoimento, é possível perceber que a luta foi imensa, principalmente no início de tudo. Como ela mesma diz, “*nada era fácil, mas seguimos lutando*”. A sua história, apesar de única, foi também a história de muitas pessoas aqui da região. Apesar de o tempo ter passado, ainda é hoje a história de muitas.

*Em pouco tempo já tinha café para todo lado. Eu vim para cá com minha esposa e meus 3 filhos para tentar a vida. Nós saíamos de casa cedo, o sol nem tinha raiado ainda. Já havia muita terra plantada, mas tudo era bem pertinho. Íamos a pé ou a cavalo para trabalhar na colheita. Como uma das minhas meninas já era mais velhinha, ela tomava conta dos outros dois menores enquanto a gente trabalhava o dia todo na lavoura. De lá vinha o sustento da minha família. Não era nada fácil, mas era tudo mais em paz que hoje. Hoje temos terra a perder de vista, mas tá tudo muito mudado. A gente deixava as crianças em casa, e, primeiramente, Deus tomava conta de cada uma delas, e nada de mal nunca aconteceu (Braúna).*

Essa capacidade de transformar um solo completamente novo em outras terras, a partir de um olhar sensível e dinâmico de moradores como o senhor Braúna, foi, sem sombra de dúvidas, determinante para que Vila do Café emergisse enquanto grande produtora de café. A colheita do café, nem sempre, foi tão técnica e “com um manual padrão a ser seguido”. Nos primórdios, eram imensas as dificuldades encontradas por aqueles que, com ousadia e fé, deram os seus primeiros passos.

Segundo dados apresentados no livro *História do Café*, de Ana Luiza Martins (2012), estudos comprovam que o café tem sua origem na África, especificamente na Etiópia, desde os primórdios dos anos 575 d.C., porém a Europa foi a responsável por difundir o cultivo da planta. Em seu livro, podemos acompanhar de forma bem detalhada como se deu o processo da inserção do consumo do café em ambientes públicos e como cada país foi se adaptando a ele; lembrando que, a princípio, este fora desvendado como fonte de energia, e seu consumo dava-se por meio das suas polpas (Martins, 2012, p. 29).

No Brasil, segundo historiadores, suas primeiras mudas chegaram ao território em meados do século XVIII. A história da chegada do Café ao Brasil está cheia de controvérsias e demasiados acasos. Martins aponta que:

A exemplo das tantas narrativas que traçam a rota do café do Oriente ao Ocidente, a chegada da planta ao Brasil também é envolta em relatos extravagantes. Os registros têm um ponto em comum: a figura de Francisco de Melo Palheta como autor do feito de introduzir as primeiras sementes no Pará, no ano de 1727. Em torno desse personagem construiu-se uma mística romântica, que parece ser da natureza dos relatos alusivos à trajetória do café pelo mundo, associação ditada talvez pelo caráter da bebida, estimulante dos sentidos e da imaginação (Martins, 2012, p. 38).

A maior parte das leituras acerca da temática gira em torno dessa mesma história: de que o café difundiu-se, de fato, primeiramente, no estado do Pará e, depois, espalhou-se por todo o litoral brasileiro. O fato é que, em algum momento, esse café do tipo arábica invadiu a região, provavelmente vindo de Minas Gerais, e adentrou o espaço do que viria a se tornar o povoado de Vila do Café.

Quando o café começou a ser cultivado na região, as barreiras para sua proliferação eram gigantescas. Máquinas agrícolas eram uma realidade bem distante. Tudo era feito de forma braçal. O serviço demorava dias para ser concluído.

Seu Braúna traz um pouco do relato dessa situação:

*Era muita mata virgem. Um local imenso tomado pelas matas, o rio era profundo, limpo, e os primeiros fazendeiros começaram o serviço de limpeza. Eu e mais uns 5 amigos pegávamos nossas enxadas, enxadões, facões e serrotes e partíamos mato adentro para fazer a limpeza do terreno. Em alguns momentos, depois que o serviço pior já estava feito, utilizávamos os animais (burros, éguas, cavalos, gado etc.) para arar a terra, pois já ajudava bastante. Só depois da terra limpa e arada é que começávamos a plantar as mudas.*

*As pessoas, às vezes, compravam as mudas dos vizinhos mineiros, outros começaram a cultivar suas próprias mudas por cá, mas só depois de um bom tempo.*

*Naquela época, chovia demais. Era um trabalho de muita dificuldade. Bem diferente do que vemos hoje em dia.*

*Mesmo assim, com muita luta, as primeiras fazendas de café surgiram com todas essas dificuldades (Braúna).*

Chega o café, chegam os novos moradores, cada um com sua bagagem, cada um com suas dificuldades, e, logo, chega junto a cada um deles o desejo de oferecer um futuro melhor para os seus filhos.

Já não bastava apenas assinar o nome e saber contar, os pais queriam mais. As percepções em torno da necessidade de um olhar mais pautado na educação começam a surgir com maior força. Com tais dificuldades sendo evidenciadas, os trabalhadores começaram a ir à luta em busca dos seus direitos básicos. Um dos direitos que começaram a ser cobrados foi o direito à educação.

Num dado momento, é notório que Vila do Café vivia meio que às margens dos interesses da sede do município. Os trabalhadores relatam que passaram muito tempo sem saberem sequer o que era um salário e não dispunham de conhecimentos acerca dos seus direitos básicos.

Das histórias relatadas no vídeo e das recordações que tenho de relatos informais sobre a nossa região, nosso vilarejo constitui hoje um espaço que compreende o velho e o novo num mesmo lugar. Ainda é possível localizarmos fazendas de café que mantêm resquícios das primeiras salas de aulas improvisadas, que foram sendo construídas no decorrer dos tempos para manter a educação das pessoas que moravam na zona rural. A maior parte das grandes fazendas recebia moradores temporários que vinham exclusivamente para trabalhar na colheita do café, e, devido à demanda, algumas salas de aulas eram abertas para garantir o ensino de pais e filhos no período necessário.

Partindo da necessidade do trabalho e ficando evidentes as disparidades sociais que começam a surgir, as pessoas não demoram a perceber que precisavam avançar mais em suas vidas de modo a tentar garantir um futuro melhor para os trabalhadores locais e também para os seus filhos. É criado, então, o primeiro sindicato, e, a partir das cobranças deste, são criadas também a primeira escola e a primeira creche de Vila do Café, a creche que viria a suprir a necessidade das mães, que agora teriam um local seguro para deixar seus filhos menores enquanto podiam trabalhar na colheita.

Dentre as primeiras professoras que lecionaram na região, algumas acabaram ficando até os dias atuais. Dizem que a primeira escola chamava-se Mendes de Sá, mas não funcionava em local oficial. O modelo de ensino na época era multisseriado, pois não havia demanda de

alunos suficiente para que fossem montadas turmas seriadas, então todos se juntavam numa mesma classe para o aprendizado.

Uma das professoras da época, a quem nomeei de **Jacarandá** e tem 57 anos, acompanhou de perto e fez parte da construção desse processo do ensino em Vila do Café. Trago com carinho especial por ser alguém muito marcante na história da Educação, pois, no que tange às histórias do ensino, ela, sem sombra de dúvidas, é parte central de toda a trajetória vivida naquele tempo. Em breve depoimento, outrora, relatou-me:

*Em 1985, quando cheguei aqui na Vila para dar aula, encontrei poucas casas, poucos moradores, Vila do Café estava apenas iniciando. Não tinha muitos recursos e nem colégio para receber aqueles alunos. Eu comecei no mercado Municipal, onde eu trabalhava dois turnos, o outro funcionava num cômodo ali da praça onde hoje é uma loja de frangos. Além de mim, logo chegaram outras duas mulheres para trabalharem como professoras. Tinha uma quantidade até boa de alunos, pois eles vinham de todos os arredores de Vila do Café, daquelas fazendas circunvizinhas, mas era assim muito difícil. No Mercado Municipal, recebia o nome de Escola Mendes Sá; esse foi o nome da primeira escola da Vila, e achei tudo muito difícil para trabalhar, pois não tinha cadeira para eles, era multisseriado, trabalhava do pré até a quarta série, tudo junto na mesma sala.*

*Me lembro de, um dia, ter pedido a um aluno, que hoje é colega de profissão, para ir na praça pedir um banquinho emprestado para que eu conseguisse lugar para mais um aluno. Ele, indo lá, a senhora falou para ele que eu fosse pedir na prefeitura e que a casa dela não era lugar para pedir banco ou cadeira para aluno não e que fosse pedir lá na prefeitura.*

*Aí, quando o aluno chegou que me falou isso, ele chegou todo sem graça, né? Aí eu falei com ele assim: “tem nada não, meu amor, tia vai providenciar”. Mas aí, comigo mesmo, eu pensei sozinha que eu ia mesmo, mas não para pedir uma cadeira, mas para pedir uma escola.*

*A primeira vez que eu fui lá, o prefeito disse que não ia fazer uma escola só para 75 alunos. Eu trabalhava com 75 alunos naquela época, todos juntos. Eu voltei, mas não perdi a esperança não. Voltei assim preocupada. Passados alguns dias, retornei novamente, e ele não mudava de ideia; quando foi na quarta vez que fui, eu falei para ele que não ia terminar o ano, que estava muito difícil, que ali não era o local adequado e que estava muito difícil. Eu fui destinada mesmo a desistir. Só que, dessa vez, eu fui com o administrador da Vila da época, que era o senhor Marcelo, aí falei para ele que, com 75 alunos, que, no próximo ano, teria 100 e assim por diante. Foi quando ele deu um voto de confiança e, finalmente, iniciou a construção do primeiro prédio oficial, que é a Escola Municipal Vitalina Martins Lacerda (Jacarandá).*

Uma história de muita luta. Havia um sentimento de acolhida imenso. Não havia transporte escolar, e a saída da escola era em grupo para que houvesse uma ajuda mútua a fim de garantir que todos chegassem em segurança em suas casas.

Acolher pessoas aparenta ser algo típico de lugares pequenos. Sempre houve muita



confiança e sensibilidade com os mais necessitados.

Eis que os primeiros frutos começam a surgir tímidos na plantação. Vinham em forma de lutas sindicais, participação popular, administração pública e da cobrança da comunidade. Agora, o plantio já surtia seu tímido efeito, e sementes que são lançadas em terra fértil não há como não germinarem. Precisarão de seus mais extremos cuidados, pois uma plantação não pode ficar abandonada. Carece de nutrientes e tudo quando for necessário para que os frutos cresçam saudáveis para atender as suas demandas.

Inicia-se, então, a formação do endosperma ou semente, a princípio de aspecto leitoso. Neste estágio, o crescimento é interrompido por certo período, no qual ocorre o endurecimento do endosperma, etapa conhecida como granação. Nesta fase, também, a formação do fruto pode ser prejudicada por estiagens prolongadas, temperatura elevada, deficiência nutricional, com aparecimento de frutos chochos e mal granados (Mesquita *et al.*, 2016, p. 6-7).

Assim também foi na vida dos povos do nosso vilarejo: foi necessário um tempo para que o endurecimento das ideias se posicionasse no espaço da comunidade. Contudo, o vilarejo e sua evolução não haviam parado, estavam apenas se tornando mais rígidos, fortes e preparados para a longa caminhada.

Ainda sobre as escolas, há quem diga que a primeira escola oficial da localidade foi fundada nos tempos do prefeito Milton Rocha, meados, mais ou menos, de 1986. Vale ressaltar que, apesar de este prefeito da época ser apontado como analfabeto, ele considerava a educação algo de suma relevância para uma sociedade, apesar de ter custado a perceber que o local carecia de um prédio público oficial. A primeira escola dispunha apenas de 4 salas de aula, e seus professores, em sua maioria, não possuíam formação adequada para ministrar as aulas, porém tinham aptidão para a tarefa e, assim, foram designados.

Ceiza nos convida a refletir sobre o conceito de analfabeto empregado para designar algumas pessoas:

Qualificar alguém como analfabeto é, via de regra, classificá-lo como sem conhecimento, sem cultura. [...]. Mas a escrita e a informática não são os únicos códigos de expressão do pensamento e da cultura. Há outros alfabetos por vezes em desuso pelos portadores da cultura científica e acadêmica, e as narrativas orais podem bem ser entendidas como alfabetos da alma (Almeida, 2010, p. 84).

A partir dessa conceituação apresentada por Ceiza, cabe refletir se, de fato, o prefeito ora citado poderia mesmo ser considerado um analfabeto.

O tempo passava, e as professoras se viravam como podiam. Como a energia elétrica custou a chegar, mesmo após a inauguração oficial da primeira escola, que levou o nome de Escola Municipal Vitalina Martins Lacerda, o ensino ainda tinha que ser ministrado com a iluminação de lampiões e/ou velas.

Os locais para ambos os funcionamentos não dispunham de tudo quanto os professores necessitavam, porém, considerando a época e as condições oferecidas, atendia as necessidades do momento.

As dificuldades eram as mais variadas possíveis, e as professoras sentiam-se angustiadas por uma mudança e para oferecer um ensino com o mínimo de qualidade possível. Assim, até elas próprias começaram a se deslocar até as autoridades locais buscando condições melhores para que a tarefa de ensinar ocorresse de uma forma, no mínimo, adequada.

*Naquela época, as pessoas ficavam todas na minha casa, quem vinha pra cá, a prefeitura não pagava nada. Tinham muitos professores de Macarani e de outras localidades, e eu fazia o acolhimento das pessoas diante da necessidade, senão não aconteceria o processo.*

*Nisso, eu trabalhava também no noturno à luz de lampião a gás. Quando terminava o horário, a gente ia deixando nas casas. Outros que moravam longe ia para suas casas andando na escuridão de volta para suas casas. Mesmo em 1986, quando inaugurou a escola Vitalina, ainda não tinha energia, era com o lampião também. Mas a gente percebia que, mesmo assim, os alunos tinham interesse e tinham boa vontade, e os pais tinham aquela confiança de mandar ali para estudar, e havia um respeito muito grande entre a comunidade e os professores. Professor era visto assim, bem diferente do que nos dias atuais.*

*Naquela época também, eu fazia as matrículas em casa. Batia de porta em porta para matricular esses alunos. Foi também quando a Vila do Café começou a se desenvolver muito, e os jovens começaram a trabalhar, e já havia aquela dificuldade de mantê-los na escola por causa do café. Eu fazia o acolhimento de muita gente até que eles puderam conseguir alugar um local para eles.*

*Em 1987, quando tive meu primeiro filho, foi também o ano que foi inaugurada a energia elétrica aqui de Vila do Café.*

*Hoje já se passaram 37 anos desde aqueles primeiros passos, e, mesmo cansada, fico feliz por ainda estar atuando na educação e podendo contar essas histórias para você (Jacarandá).*

As matrículas eram feitas de uma forma peculiar: as professoras deslocavam-se de porta em porta buscando seus alunos. A insistência era algo comum, pois, com a colheita do café, mantê-los estudando passa a ser um divisor de águas para os professores da época, e o mesmo desafio faz-se presente até os dias atuais.

Agora, já com um prédio em particular funcionando, outras demandas começaram a

surgir, afinal, as escolas só ofereciam as séries iniciais do Ensino Fundamental. A demanda foi aumentando, e nossa população foi ficando com sede de conhecimento e maior avanço educacional. Assim, a busca pela sequência dos estudos teve o seu início.

Outro profissional que vivenciou todo esse processo de perto vou nomear de **Pau D’Alho**, hoje com 60 anos, para compor um depoimento importante sobre a composição e extensão do ensino em tempos anteriores. Ele foi marca central para que o ensino, agora constituído nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pudesse avançar e alçar voos mais longínquos aos estudantes. Um daqueles professores inesquecíveis na história do nosso vilarejo que tem tanto para contar que não caberia em meras páginas desta dissertação.

*Foi no governo do então prefeito Milton Rocha que as escolas de Vila do Café começaram a surgir.*

*A família Martins era um grupo político da época, e a outra família forte eram os Palles. No Governo de Milton Rocha, foi construída a Escola João Martins de Almeida, e só tinham inicialmente 4 salas de aula.*

*Aí depois, a Escola João Martins passou por uma imensa reforma, que cresceu muito e foi a primeira que estendeu o ensino para além das séries iniciais, até se estender para as séries finais; mas, inicialmente, ela funcionava apenas como extensão das séries finais, aí a parte burocrática dela era comandada toda por Encruzilhada. O diretor da Escola de Encruzilhada, nessa época, era Dr. Lau. A coordenadora geral da Educação, na época, era a ilustríssima professora Beatriz.*

*Na época, fui eleito vereador e tinha um interesse enorme em fundar o ginásio aqui da época. Então, fui até seu Lau e fiz o pedido formalmente. Fui em busca então dos profissionais para lecionar nessas turmas. Nessa época que veio a maior parte dos professores, que estão quase se aposentando hoje. Tudo aconteceu de forma lenta; no primeiro ano, funcionou a quinta série, depois, a sexta e assim sucessivamente. Somente no ano de 1997, a Escola Municipal João Martins de Almeida foi emancipada e se tornou independente de Encruzilhada para ofertar o ensino fundamental completo. Nesse ano, me tornei o diretor. Levou um certo tempo, então, após certo período, a escola cresceu e começou a atender burocraticamente as escolas da região vizinha, como o povoado de Boa Vista da Tapera (que fica a 8km de distância) e a Vila Bahia (que fica a cerca de 8km de distância).*

*Naquela época, a maior parte dos pais não incentivavam muito os filhos a estudar. A maioria completava apenas a 4ª série, e, para eles, já era o suficiente, porque não havia como levar para outra cidade; depois dessa conquista, os alunos puderam continuar seus estudos, e hoje já temos médicos, doutores, advogados e futura mestre da educação aqui na Vila. Fiquei de 1997 a 2008 como diretor da Escola. Eu tive a sorte de ter secretárias boas que me ajudaram muito na escola, elas eram muito organizadas e foram muito importantes no processo. Tivemos e temos até hoje professores de destaque. A disciplina naquela época era outra. Me lembro quando você também foi aluna, a gente tinha o prazer de ter turmas que a gente pedia e eles obedeciam, eu não sei se a chegada do celular veio para ajudar ou para prejudicar. As redes sociais são um grande problema. O*

*público de agora é outro. Antes, a gente falava, o aluno obedecia; hoje, os pais chegam dizendo para a gente ver o que faz porque eles não estão conseguindo fazer mais nada. Temos professores do ensino tradicional que aquela maneira de trabalhar daquela época foram se perdendo, deveria ter se adequado às tecnologias, mas muita coisa não poderia ter se perdido, como o respeito ao professor, a disciplina.*

*Comecei na escola sem formação, e foi no ano de 1983, só com 8ª série, lá em Encruzilhada, entrava na folha como auxiliar de ensino. Depois, fui buscando estudar, aperfeiçoar o ensino, fiz normal superior, fiz graduação de matemática e pós-graduação. São 40 anos na educação (Pau D'Alho).*

Pau d'Alho marcou e marcará sempre a história do ensino local, pois, graças aos seus pequenos passos, meu vilarejo conseguiu compor formatos do ensino jamais imaginados.

Mesmo que sem perceber, muitas vezes, fazemos parte do processo de construção histórica da educação de uma localidade e sequer nos damos conta. Outro dia, em conversa informal com moradores da localidade, recordávamos aos risos uma situação atípica. Um grupo de pessoas com o Vereador Elias deslocou-se até a cidade de Vitória da Conquista para entregar nas mãos do governador do Estado da Bahia um projeto que pedia o imediato início da obra de uma escola para atender o Ensino Médio em Vila do Café. Até aquele presente momento, o Estado fazia uso do espaço de uma escola municipal apenas no turno noturno para ofertar ensino médio aos alunos que concluíam o ensino fundamental. Eu estava presente nesse grupo de pessoas juntamente ao vereador. Não se passaram muitos dias, e a obra foi, finalmente, iniciada. Hoje a escola oferece Ensino Médio no diurno e no noturno, assim os meninos mais jovens não precisam se deslocar até Encruzilhada, como faziam, devido ao fato de o funcionamento noturno em outra unidade escolar não lhe atender a demanda.

Foi uma conquista valiosa e que mudou os rumos da Educação local.

Como aluna, vivenciei todo esse processo contado por Pau D'Alho, pois, a cada passo do ensino que eu avançava, era também uma mudança e avanço no ensino que acontecia. Ainda tive que me deslocar para a sede do município para cursar o Ensino Normal Médio (antigo magistério), pois aqui não havia a oferta dessa modalidade. Assim que concluí, Vila do Café também começou a oferecer o Ensino Médio, mesmo que como extensão do Colégio Estadual José Palles Sobrinho em Encruzilhada, mas que já facilitava o acesso dos alunos para conseguirem avançar com os estudos sem precisarem se deslocar do seu local de moradia.

Era o início de tudo. Dificuldades propostas, muita terra ainda a ser preparada para o recebimento de mais frutos, desafios geográficos, econômicos e tantos outros, mas nenhum destes deixou que Vila do Café fosse lançada ao esquecimento. Num processo lento e cauteloso, a terra estava sendo arada para a plantação em seus mais variados aspectos. Os frutos que já

vinham maturando, começaram a sua etapa de florada com sucesso.

Arriscaria dizer que sociedade constitui-se de um emaranhado de informações. Ainda que não pareça, ao final, posso observar que tudo está intimamente conectado, e a Teoria do Pensamento Complexo entende que haja uma re ligação dos saberes para que o conhecimento, de fato, constitua-se. Quando uma sociedade compõe-se, um dos seus marcos principais são as escolas. Escolas são sinônimos de resistência. Mas o que acontece com a sociedade enquanto esta se afasta do espaço escolar? Onde vão parar os nossos alunos? Que fazem? O que compartilham? Qual é o papel da escola diante dessas questões? Esses e outros questionamentos convidam-nos a várias reflexões, que podem nos levar a compreender de fato o papel de uma escola na sociedade.

Na tentativa de discorrer sobre tais questionamentos, configuro a escrita do próximo capítulo. Contudo, vale ressaltar que pessoas como Flor de Laranjeira, Jatobá, Tamborí, Braúna, Jacarandá, Pau D' alho e muitos outros, que estão ou não entre nós, lançaram sobre o solo fértil de Vila do Café as primeiras sementes do que viria a configurar uma colheita diversificada. Quer seja no plantio do café, quer seja no ato do ensino, constituíram-se como autores de uma história única para essa sociedade.

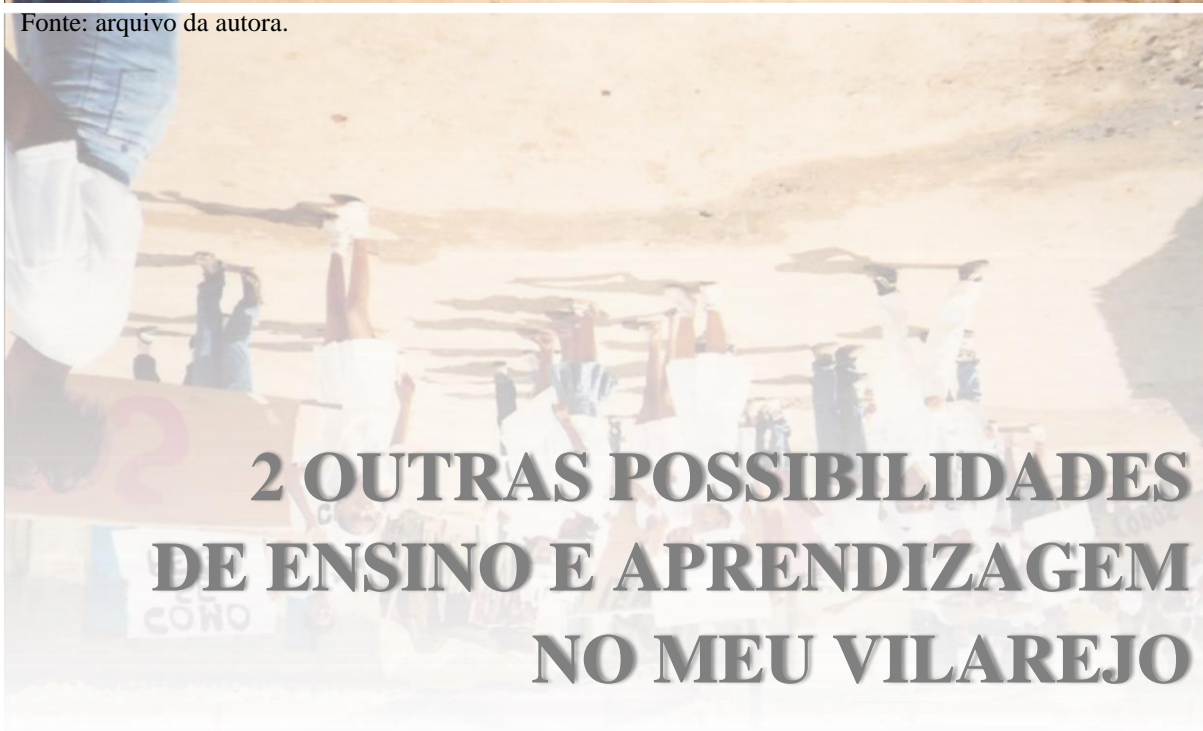
As primeiras colheitas jamais serão esquecidas.

A partir das primeiras colheitas e com o vilarejo já moldado, o ensino ocupa o seu espaço e se apresenta por inúmeras possibilidades. Pensando no ato de ensinar para além da sala de aula, apresentarei a seguir reflexões sobre outras possibilidades de ensino e aprendizagem que move Vila do Café.

Desfile Cívico, anos 2000



Fonte: arquivo da autora.



## 2 OUTRAS POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZADO NO MEU VILAREJO

Depois que uma semente se lança em solo fértil, seu crescimento é eminente. Crescer faz parte do processo natural de instituição de quaisquer sociedades. Crescer faz parte do processo, contudo esse crescimento pode trazer consigo uma série de aspectos que não podem ser negligenciados. Como nos remete Edgar Morin:

O desenvolvimento tem dois aspectos. Por um lado, é um mito global no qual as sociedades que chegam a se industrializar alcançam o bem-estar, reduzem suas desigualdades extremas e facilitam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar. Por outro lado, uma concepção reducionista, na qual o crescimento econômico é o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais. Essa concepção tecnoeconômica ignora os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura (Morin; Kern, 2003, p. 82).

Com Vila do Café não poderia ser diferente, o crescimento populacional e econômico chega alavancado por uma gama de situações outrora inesperadas.

Durante muito tempo, nossa vila foi um lugar sem muito investimento na cultura, lazer, esportes; de fato, não havia no vilarejo uma movimentação que agitasse constantemente o lugar, como ocorre nos grandes centros urbanos. Ainda não dispõe de muitas opções de lazer, o que é, de fato, triste, pois um lugar que não dispõe de muito lazer, por vezes, acaba levando pessoas a construir os seus “lazer ilegais” e desencadeia, com isso, uma série de problemas sociais na comunidade. Contudo, observando mais atenta a sua rotina anual, consigo vislumbrar perspectivas que se encaminham para um mover-se e remover-se de eventos temporários que vêm modificando esses aspectos locais.

Pensar nos questionamentos sobre onde estão nossos alunos fora do horário de funcionamento das escolas inclui pensar em quais atividades podem ser oferecidas para estes nos horários ociosos. Logo, vou apresentar um pouco das atividades que trazem lazer à população como um todo. Algumas destas fazem parte da tradição local de forma que uma está diretamente relacionado com a outra, e estas estão conectadas à escola, seja de maneira direta ou indireta.

Assim, com frutos amadurecidos e/ou em processo de maturação, porém, com suas raízes já bem fincadas, tudo se encaminha para uma boa colheita no futuro.

Após a granação, a cor verde intensa do fruto passa para o verde-cana, evoluindo para o vermelho ou amarelo, conforme a cultivar. Há um aumento da síntese de açúcares, com alteração nos ácidos e compostos fenólicos responsáveis pela adstringência do fruto verde. Os constituintes químicos atingem teores que conferem características peculiares de maturação completa, destacando-se a presença da mucilagem, que é um hidrogel solúvel e coloidal, parte integrante do fruto, composta de 85% de água e 15% de sólidos (Mesquita *et al.*, 2016, p. 7).

Investindo nos cuidados devidos, o fruto tende a vingar saudável e oferecerá o seu melhor aos interessados.

Uma sociedade assim cresce. Tudo passa a ser ofertado à sua população como um mercado livre e aberto onde você pode selecionar o que é importante para que leve para sua casa. Contudo, se um determinado fazendeiro descuida-se da sua plantação, infelizmente, ele terá de lidar com pragas que danificam a plantação, e os seus frutos se desenvolverão de forma adoecida.

Na escola, volta e meia, ficava questionando a mim mesma aonde iam meus alunos. Alguns conhecemos por completo, inclusive suas famílias, outros, nem tanto. A curiosidade sempre vinha à mente.

Já que essas crianças, jovens e adolescentes estão expostos a esse “mercado” livre aberto com ínfimas oportunidades, o que esperar que eles façam em seus horários ociosos?

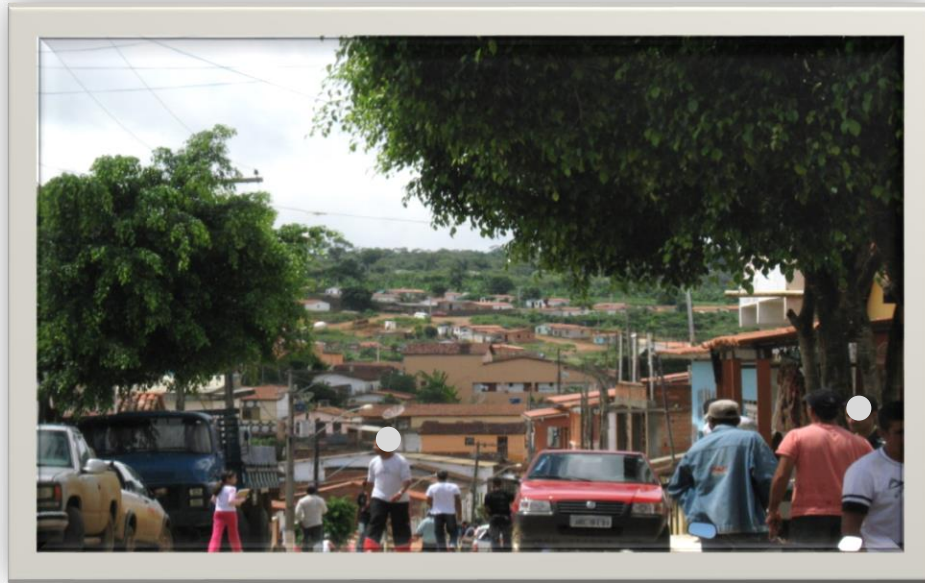
Para os alunos em idade escolar, é corriqueiro que passem, no mínimo, 8 horas do seu dia numa creche (no caso de parte da educação infantil), e os demais destinam 4 horas do seu dia aos estudos nos demais segmentos do ensino, que são ensino fundamental (1º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano).

Assim está distribuída sua carga horária diária nas unidades de ensino. E, geralmente, é como se ocupam todos em idade escolar ou os que, após certo tempo longe das escolas, retornaram os estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos ou Ensino regular noturno.

Para os adultos que já concluíram os seus estudos ou que deixaram de estudar devido a outros ofícios, não sendo a escola uma opção, os seus dias são ocupados com trabalho, lazer e ócio (Figura 4).



**Figura 4:** Rua de Vila do Café num dia de domingo



Fonte: Arquivo da autora.

Para a nossa população como um todo, no que diz respeito ao lazer, as opções são consideráveis. Geralmente, as pessoas podem ir às igrejas e seus eventos, aos bares, a um futebol com os amigos na quadra poliesportiva local, ao ensino noturno, para alguns, aos jogos extras nos finais de semana, a algumas festas restritas com baixa periodicidade e à tradicional festa junina, que é um grande marco aqui na região. Assim, a sociedade oferece abertura para outras atividades de forma que nossos alunos tenham oportunidade de adentrar novas caminhadas para além dos muros escolares. Por meio dessas atividades, muitos talentos podem ser descobertos, e o incentivo a práticas esportivas, bem como a outras, torna-se relevante para o crescimento saudável das pessoas.

Em tempos não muito distantes, antes de toda essa tecnologia invadir nossos lares, podíamos ver famílias inteiras sentadas à beira da calçada conversando alegremente uns com os outros compartilhando histórias, casos e projetos de vida. Hoje é meio que raro e/ou inexistente. Também, para além da chegada das tecnologias, temos também os fatores da criminalidade, que acabam invadindo esses espaços, pois, devido à riqueza da região, infelizmente, acaba atraindo pessoas mal-intencionadas que cometem atrocidades diversas, o que deixa os moradores em posição de maior vigilância de que antigamente.

Um dia um senhor de cerca de uns 70 anos, a quem vou chamar pela árvore **Pequizeiro**, que reside desde os seus 15 anos aqui no nosso vilarejo e que acompanhou de perto muitas das mudanças que já foram tecidas até aqui, relatou-me mais ou menos o seguinte:

*Quando era mais jovem, não tinha muita gente morando por aqui não. A gente chegava mais cedo da roça, sem essa correria toda que vemos nos dias de hoje.*

*Assim que a gente tomava um banho e um belo café da tarde, principalmente nos dias mais frios, a gente costumava acender uma fogueira em frente às nossas casas, e colocávamos alguns tamboretas para sentar. Ali, a gente ficava por um bom tempo proseando, contando causos e histórias. Não tinha energia elétrica, não tinha televisão, mas tinha maior paz e silêncio.*

*Quando a energia chegou por aqui, as pessoas que conseguiam ter uma televisão em casa eram as pessoas com uma condição de vida um pouco melhor, pois o aparelho era muito caro. A meninada se juntava para ir para a janela dos vizinhos que tinham a televisão e ficavam hipnotizados com aquela novidade.*

*Para conseguir falar com um parente distante era muito difícil. No começo, era por cartas. Os que iam e vinham levavam. Depois, chegou um telefone na cidade. Tinha um ponto comercial que funcionava só para fornecer atendimento de ligações para as pessoas. Você ia lá, pagava e ligava ou, então, a pessoa ligava, marcava um horário, a moça do ponto mandava nos avisar, e, na hora marcada, a gente ia lá para atender (Pequizeiro).*

Quando a escola começou a atender os meninos mais novos, para pais e mães tornou-se um alento, afinal, agora, a escola tinha a tarefa de manter as crianças ocupadas por uma pequena parte do dia e os fins de semana. Nas férias, para os que não possuem muitas condições para fazerem viagens, podem ocorrer várias possibilidades. Alguns, conseguem se divertir brincando com amigos, desvendando as fazendas e andando pela região com parentes e familiares; já outros, que não têm muitas pessoas próximas por perto para se divertirem, acabam entediados e ficam contando as horas para o retorno às aulas.

De alguma forma, aparentemente, a escola é parte da história de formação de cada sociedade, não só pelo fato de oportunizar a escrita da história de um lugar numa simples redação de início de ano ou numa roda de conversa informal com amigos e familiares. Compartilhar saberes faz parte da tradição de diversos lugares. Com vila do Café não seria diferente.

O Brasil, que leva esse clichê de ser o “país do futebol”, dissemina de fato essa cultura por toda a parte, desde as atividades escolares, em que, enquanto professores, somos cobrados constantemente a oferecer campeonatos estudantis para nosso alunado; a população de fora do espaço escolar também faz jus à fama. Um evento que costuma movimentar a cidade são os campeonatos de futsal e de futebol, que acontecem periodicamente na quadra poliesportiva ou no campo local (Figura 5). Por se tratar de um vilarejo com população que não ultrapassa 9 mil habitantes, não dispomos de muitas opções de lazer, não que esta seja uma justificativa plausível, mas é o que, geralmente, ocorre nos pequenos vilarejos.

**Figura 5:** Campeonato de Futsal. Quadra Poliesportiva Lindaura Lacerda, em Vila do Café. Novembro de 2022



Fonte: Arquivo da autora.

A quadra poliesportiva disponível para a população é apenas uma e, nem sempre, está em bom estado de conservação. Ainda assim, com toda a simplicidade, as pessoas divertem-se muito, e famílias inteiras dirigem-se à quadra para acompanhar os jogos quando marcados. São momentos únicos, que, mesmo passageiros, movimentam a cidade e parte da economia, pois algumas pessoas aproveitam o momento para disponibilizar venda de lanches e bebidas em barracas nos arredores dos eventos.

Há também alguns campos de futebol, não em tamanhos oficiais, mas suficientes para que a população também consiga marcar um pouco de entretenimento.

Um dos moradores da região, pai de um dos nossos alunos, relata-nos a importância dos campeonatos. Vou nomeá-lo aqui de **Pau de Óleo** para trazer o seu depoimento, que elucida a importância de um evento que, para muitos, pode não ter relevância, mas que, para outros, é dos momentos mais esperados.

*Os campeonatos de futebol e de futsal são aquele momento esperado para muitos homens que trabalham duro a semana inteira. Além de movimentar a cidade, permite a nós termos uma outra ocupação. Temos alguns pais de família e jovens que não gostam de barzinhos e nem de frequentar as igrejas, então uma boa ocupação é o esporte.*

*Por meio dele, além dos momentos de treinamento, tem as disputas internas e externas que nos permitem nos familiarizarmos com as pessoas.*

*Está cada vez mais necessário o investimento no esporte. Faz muito bem para a saúde (Pau de Óleo).*

Outro evento que era parte da história de Vila do Café, era o desfile cívico de 7 de setembro.

Esse memorável evento era um momento luxuoso e marcante. Aqui, a escola vinha para as ruas, e o vilarejo parava para cortejar esse momento lindo. Havia um investimento altíssimo nos figurinos, que nunca desapontavam. Conta-se que os alunos eram treinados nas escolas para marcharem sincronizadamente de modo a garantir que tudo chegasse bem perto da perfeição.

Alunos, pais, sociedade preparavam-se por meses para marcharem de uma ponta à outra do vilarejo, desfilando as belezas que eram produzidas. Os temas variavam muito. Nos primeiros desfiles, não havia uma temática direcionada para outras discussões. Geralmente, estava tudo atrelado mesmo ao motivo da comemoração do 7 de setembro, tido como Independência do Brasil (Figura 6).

**Figura 6:** Desfile de 7 de setembro. Anos 1990





Fonte: Registros cedidos à autora.

Com o passar dos anos e com a sofisticação das informações, os temas foram ganhando escalas mais pertinentes a outras temáticas. Foram realizados desfiles com temáticas sobre as regiões do Brasil, cultura nordestina, política geral e presidentes do Brasil, abuso sexual contra crianças e adolescentes, gravidez na adolescência, drogas e diversos outros temas, com a finalidade de impactar a sociedade com as questões que vinham emergindo e demandando a discussão.

O tão esperado 7 de setembro foi tradição durante décadas. Após certo tempo, essa manifestação cultural não vem mais sendo tão sustentada como antes, nem suscita o mesmo entusiasmo por parte dos alunos, que davam um “show” nas ruas. Os motivos são os mais variados, e, dentre alguns que já ouvi, estes são os mais citados: alguns alunos sentem vergonha de se caracterizar de qualquer tema que seja para irem às ruas; só se dão ao trabalho caso seja atribuída uma nota considerável na unidade do ano letivo. Outra possibilidade gira em torno dos alunos que não se sentem motivados a participar, aí, como alguns já não vão mesmo, outros que participam acabam se desmotivando também.

Atualmente, também há reclamações sobre a questão do período de preparo para o desfile; geralmente, é meio corrido, pois o tempo parece ter virado um inimigo social que passa tão apressado que nunca dá tempo preparar tudo o que é necessário.

Aquela doação de tempo extra por parte de todos os envolvidos, a dedicação de horas extracurriculares para o preparo do desfile já não são uma realidade. Há uma alta concorrência

com as tecnologias, e é possível haver todo um preparo por parte dos envolvidos e a população sequer parar um tempo para contemplar a passagem dos meninos pelas ruas. Atualmente, como são 3 escolas e 1 creche, o desfile acaba gerando meio que uma “competição” desnecessária, e se perde totalmente o contexto do seu foco temático.

Enfim, são diversos os fatores que contribuíram para que os desfiles de 7 de setembro não sejam mais algo tão impactante como foi um dia.

Não há como excluir o 7 de setembro de um momento de aprendizado. Há socialização, há criação, há companheirismo, parte da escola para a sociedade, mas os princípios do aprendizado seguem a cada passo dado na rua e desde a sua constituição no processo.

Em depoimento de que me recordo vagamente, uma moradora que já participou dos desfiles de 7 de setembro, a qual nomearei de **Quixaba**, disse-me o seguinte:

*Me recordo de um desfile de 7 de setembro do ano de 2000. Nessa época, a coisa já estava começando a melhorar por cá. As pessoas já tinham condições de vida um pouco melhores dos tempos anteriores, e o desfile era uma tradição. Não tinha esse negócio de não querer participar não: tinha que ir de qualquer jeito.*

*Nós, alunos, nunca confrontávamos nossos professores. Minha mãe sempre dizia assim para mim: Filha, aqui em casa, nós quem mandamos, na escola, são os seus professores, respeite-os sempre. Assim nós o fazíamos.*

*Quando era época do desfile, era um evento que parava toda a localidade. Vila do café, com a maior parte das ruas sem calçar, saía toda nas portas para apreciar esse momento. Eram várias histórias que costumavam ser debatidas como temática dos desfiles, e nós abraçávamos a causa, e nos vestíamos a rigor. A escola entrava com parte do material, mas os pais tinham papel fundamental ajudando. Minha mãe, por exemplo, que era costureira, sempre ajudou nesse quesito.*

*Não precisávamos de muito para sermos felizes (Quixaba).*

Quixaba era daquelas alunas que não perdiam por nada o evento. Conta que sonhava com o dia. Hoje, já avó de alguns de nossos alunos, ela demonstra saudades de uma época que ela considera um ouro e parte da tradição local.

O desfile cívico sempre foi um momento marcante para mim quando jovem. Era daqueles momentos em que a ansiedade saltava aos olhos, acelerava os batimentos cardíacos e enchia de orgulho toda uma geração.

Recordo-me de um ano em que nossa turma ficou encarregada de representar os presidentes do Brasil até o presidente em vigor naquele momento. Caracterizei-me do primeiro Presidente da República, que foi o Marechal Deodoro da Fonseca. Nas aulas de história, estudávamos mais sobre o conteúdo e observávamos suas vestimentas para tentar reproduzir

com o máximo de aproximação no dia do desfile. Eram momentos de muito aprendizado, apreensão, nervosismo, mas também de muita gratidão após a tarefa ser apresentada.

Saíamos organizados e alinhados pelas ruas tentando manter o mais impecável possível a produção realizada. Como nossa equipe ficou com os presidentes da República até aquele momento, tivemos que sair com a ordem de posse de cada um deles: desde o primeiro até o atual do momento, que, naquele caso, era o Presidente Fernando Henrique Cardoso (Figura 7). Não havia pressa para caminhar. A intenção era demonstrar com o máximo de tempo possível nossas faixas, nossa produção. A população parava para contemplar aquele momento único. Os professores ficavam sempre orgulhosos com o empenho de cada turma.

**Figura 7:** Desfile de 7 de setembro de 1998 - Representando os Presidentes do Brasil



Fonte: Registro cedido à autora.

Os desfiles não deixaram de acontecer. Embora com menor frequência e todas as questões anteriormente citadas, volta e meia, aquela chama reacende-se, e acaba sendo executado. Contudo, a regularidade com que ocorria, que era anualmente, já não compõe a realidade.

Ainda que o desfile de 7 de setembro tenha sido durante décadas uma grande marca da cultura local, outra tradição cultural que ganhou espaço na história de Vila do Café, sem sombra de dúvidas, é a festa junina.

A festa junina é um evento, de fato, consolidado. Nunca deixa de acontecer, exceto no período da pandemia de Covid-19, que assolou todo o mundo.

As festas juninas em Vila do Café ocasionam vários fenômenos interessantes, que impactam diretamente o andamento da comunidade, principalmente nos aspectos econômicos, pois é nesse período que está ocorrendo a tão esperada colheita do café.

É um período atípico. Todo o mundo que, geralmente, não tem um emprego fixo ou algum problema que limite a sua rotina está trabalhando ou faturando em alguma coisa relacionada à colheita do café. Os trabalhos disponíveis giram em torno do transporte dos trabalhadores, vendas na feira livre e negociações de sacas de café com base na cotação da bolsa de valores (há muita especulação, e os preços tendem a subir ou cair de acordo com a lei da oferta e da procura). Ocorrem também vendas de produtos que auxiliam os trabalhadores na colheita, tais como luvas, sacos de café e pano para o trabalho diário e direto na lavoura. Os próprios colhedores também acabam tendo esses trabalhos relacionados à temporada como fonte de renda única anual para garantirem a sua sobrevivência.

Recordo-me de lembranças desse período, quando vinham muitos trabalhadores de vários lugares do Brasil para trabalhar especialmente nessa colheita do café. Eles se instalavam em casas de aluguel ou nos alojamentos da fazenda até que a colheita findasse. Atualmente, esse cenário ficou meio que no passado, pois, com o passar dos anos, a colheita passou por uma modernização considerável, e muitas fazendas já se utilizam de máquinas para a realização da colheita, assim, o trabalho humano foi reduzido em número considerável.

Esse período das festas juninas também é um momento que impacta diretamente nas escolas, pois, ainda que seja ilegal o trabalho de pessoas menores de 18 anos, os adolescentes ainda se arriscam para obter alguns trocados nessa época de fatura. Assim, muitas escolas perdem alunos do turno diurno para estudarem no turno noturno. Na mesma proporção, os que já estavam no noturno, muitas vezes, acabam desistindo dos estudos, pois, geralmente, são vencidos pelo cansaço.

O trabalho na colheita tem também um fator interessante: você termina o dia sabendo o quanto faturou, uma vez que, geralmente, é estipulado o valor da lata de café e os trabalhadores medem todos os dias quantas latas conseguiram colher. Como, todos os dias, as latas são contadas para levantamento de rendimento por pessoa, os trabalhadores vão embora todos os dias tendo noção da média que conseguiram levantar por dia em dinheiro. No ano de 2022, estava sendo pago o valor de 7 a 8 reais por lata de café. Algumas pessoas conseguiam pegar até 50 latas ou mais dependendo da condição da lavoura.

Além de o trabalho braçal ser muito extenuante, este ainda é a maneira como muitas famílias adquirem o básico e até mais que isso para sua sobrevivência num mundo cada vez mais competitivo e de trabalho manual escasso (Figura 8).



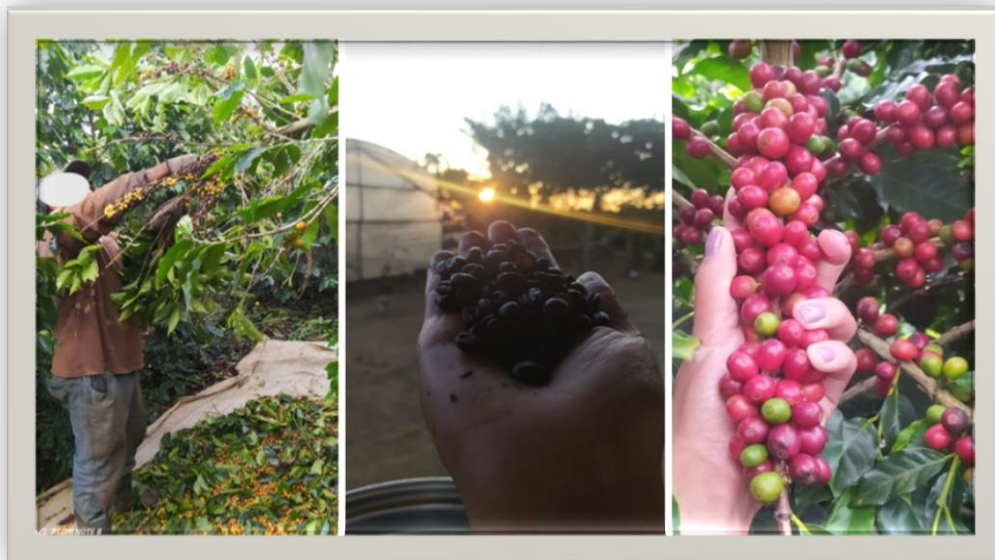
**Figura 8:** Trabalhos de pulverização realizados na Fazenda Aliança vizinha à Vila do Café



Fonte: Arquivo da autora.

O número de lavradores que trabalham na colheita do café vem reduzindo consideravelmente a cada ano com a chegada das máquinas colhedoras de café (Figura 9). Uma só máquina consegue realizar o trabalho de centenas de pessoas em um curto espaço de tempo. Esses dados alarmantes acabam impactando diretamente a renda das famílias, que se desafiam a irem cada vez mais longe em busca de oferta da sua mão de obra para o trabalho.

**Figura 9:** Trabalhadores colhendo café de forma manual



Fonte: Registros cedidos à autora.

Dados recentes apontam que colher com máquinas traz maior rentabilidade aos cafeicultores, conforme dados apresentados na revista Cultivar:

A colheita manual corresponde a cerca de 40% do investimento de uma safra de café. Por isso, a adoção da colheita mecanizada tem se tornado uma realidade, apresentando alto rendimento operacional e custos mais baixos na operação, por conta da rapidez, do bom rendimento do maquinário e da redução de mão de obra, atingindo uma economia de 30% a 40% em relação à colheita manual, além de influenciar na boa qualidade do produto. Portanto, a colheita mecanizada consegue reduzir os custos de produção devido à rapidez com que as atividades são executadas, como também através do rendimento operacional do maquinário (Silva, 2020).<sup>6</sup>

Devido a esses e a outros fatores, deparamo-nos cada vez mais com máquinas que adentram os espaços das grandes fazendas, que têm a condição necessária para tamanho investimento, o que acaba refletindo em menor oferta da colheita braçal na região. Contudo, não é uma realidade para os pequenos produtores, pois o investimento é alto, desde o corte completo e replantio dos pés de café para se adaptarem aos espaços necessários para locomoção das máquinas até os financiamentos valiosos efetuados nos bancos. Ainda assim, conseguir vagas nas fazendas de oferta de trabalho manual tem sido uma tarefa cada vez mais difícil.

Nos relatos de um morador ao qual nomearei de **Sabugueiro**, de 45 anos, podemos perceber o quanto o impacto da chegada das máquinas faz-se presente na movimentação econômica local e na vida daqueles que esperavam anualmente a colheita para mudarem suas vidas.

*Outro dia, estava me lembrando da folia que era a época da colheita. Praticamente todos os jovens de 12 anos acima, se não tivesse outra atividade, ia para a colheita do café.*

*Reuníamos grupos gigantes e partíamos para a colheita, como quem ia para uma festa. Afinal, esse era o momento para ganharmos uns trocados, para comprarmos algum bem que queríamos muito ou mesmo para ajudar nossas famílias.*

*Havia uma disputa para ver quem pegava mais latas. Era muito bom quando a roça acabava de abrir para a colheita, pois o café estava bem carregado, porém, como estratégia, os fazendeiros sempre deixavam as melhores quadras para o final, assim, ele garantiria que todos pegassem os menos fartos primeiro, e, depois, todos ainda estariam entusiasmados para colher os que ficaram. Era sempre assim.*

*Ano após ano, íamos sobrevivendo como podíamos até a hora de uma maior fatura. Aqui na região, os maiores fazendeiros, que disponibilizam de melhores condições, investiram alto nas máquinas. Foi um trabalho que não*

---

<sup>6</sup> A fonte consultada não é paginada.

*aconteceu da noite para o dia. A maioria teve que cortar tudo e replantar no espaço adequado para a passagem dos maquinários. E aí o entusiasmo dos jovens foi se acabando.*

*Aquela imensidão de gente que chegava de toda parte para trabalhar não apareceu mais. Cada um procurou seu rumo e tentou fazer outra coisa para sobreviver.*

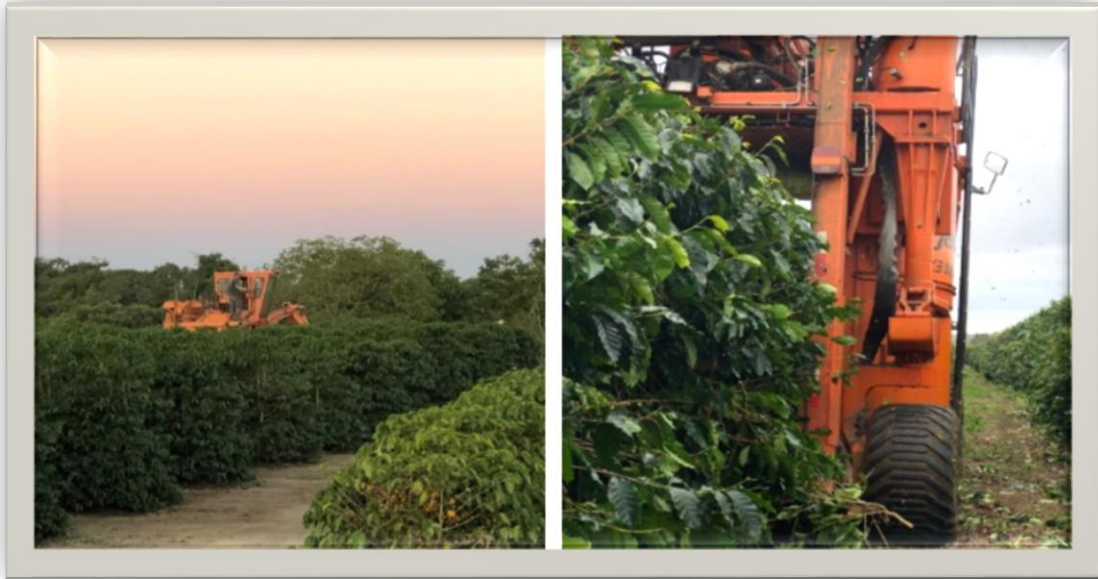
*Hoje, a colheita ainda tem muita gente empolgada, que ganha seu dinheiro, mas a maioria aqui da região tem preferido ir para as fazendas do Espírito Santo. Lá, houve um investimento muito alto no café. E, para não ter muita perda, há muito trabalho braçal. Todo ano, no período de abril até lá para agosto, saem ônibus lotados de pessoas que saem daqui para ir colher café lá. Veja como é a vida.*

*As máquinas fazem o serviço de milhares de pessoas num curto espaço de tempo, ou seja, é mais lucrativo para quem pode investir. E, agora, Vila do Café, que acolhia gente de toda a região na colheita do café, agora, leva mão de obra daqui para outro estado (Sabugueiro).*

Esse relato apontado por Sabugueiro convidou-me a pensar uma série de questões: muitos de nossos alunos embarcam nessa jornada para trabalhar no estado do Espírito Santo devido ao fato de a sua lucratividade ser maior, e alguns deles regressam querendo recuperar o tempo perdido na escola após 2 ou 3 meses fora. Cai nas nossas mãos o desafio de tentar recuperar um tempo perdido, considerando que, se a tentativa não for feita, eles podem se dar por vencidos e desistir de aprender algo na escola.

É outra realidade com a qual temos que lidar constantemente nessa nova colheita. Agora, a colheita é cada vez mais mecanizada (Figuras 10 e 11), com máquinas para realizar todo o tipo de serviço que imaginarmos: lavar, secar o café, beneficiar, separar, torrar, moer, enfim, além daquelas que lidam diretamente com a terra, como plantadeiras, semeadeiras, pulverizadores, arados e tantas outras; traz consigo também fatores de ordem do aprendizado constante em seus mais variados aspectos. Nossa clientela precisa compreender que, já que não se pode contra elas, é melhor tentar se aperfeiçoar para apreender a manuseá-las.

**Figura 10:** Colheita de Café sendo realizada pela Máquina Colheitadeira



Fonte: Registros cedidos à autora.

**Figura 111:** Colheita de Café sendo realizada pela Máquina Colheitadeira



Fonte: Pulsar imagens, 2010.

Os desafios são diversos, mas uma coisa é fato: esse é o período em que a sociedade do vilarejo fica exposta a seu maior poder aquisitivo do ano. A feira livre local, que acontece todos os domingos, ganha dimensões espaciais lindas de se ver. Ocupam ruas que, no decorrer do ano, geralmente, nem são ocupadas, e as pessoas são mais vistas nas ruas, nos bares,

restaurantes, sorveterias, na pracinha, enfim, sentem-se mais à vontade para sair. Os alunos, na escola, também começam a surgir com roupas novas (no caso daqueles que sabemos que vêm de família mais carente), levam mais merenda extra para a escola, enfim, não há como negar que a felicidade salta-lhes aos olhos.

Um feirante que, há muito tempo, reside na região e é conhecido por todos no vilarejo, ao qual chamarei de **Pau Terra**, aponta os altos e baixos do comércio no decorrer do ano. Ele vislumbra o encanto do trabalho na lida diária da feira com a árdua tarefa de trazer todo domingo seus mantimentos para serem vendidos. Já está nessa tarefa há mais de 20 anos e a faz com muito carinho e dedicação. Isso ele nem precisa contar, podemos vislumbrar nos seus olhos que, por mais que haja desafios, ele escolheu isso para si.

*Parecem dois mundos, um diferente do outro. Quando é período de festa junina, todo mundo tem um dinheirinho. Tudo o que a gente traz vende. Quando acaba a colheita, já cansei de voltar para casa com mais da metade da mercadoria. Eu, que vendo farinha, verduras e legumes na feira, já percebi como as coisas mudam de uma hora para a outra.*

*O bom desse período é que o pessoal que é daqui que acabou indo morar fora aproveita esse momento para visitar os familiares e também para curtirem as festas juninas.*

*Eu mesmo tenho parentes, amigos e conhecidos que só vejo nessa época do ano. É emocionante poder vê-los (Pau Terra).*

Em meio a todo esse clima de altos e baixos ao qual fica exposta a sociedade, o local da festa começa a ser preparado. Em tempos anteriores, era construído um barracão de madeira e palhas de coqueiros que enfeitava todo o lugar. Era uma verdadeira festa para a criançada.

São pessoas que têm parentes aqui e que precisaram se mudar para outra localidade, que agendam suas férias para estarem de volta nesse período do ano. O barracão era um clássico. Totalmente rústico e enfeitado com chapéus de palha, fitas, chitas e muitas bandeirolas. Com o tempo, essa decoração aprimorou-se; primeiro, pelas questões ambientais, que já não permitem o desmatamento da madeira e das palhas para essa finalidade e, segundo, porque foram sendo descobertas alternativas para ornamentações mais práticas, que também causam lindo efeito visual para os visitantes e toda a comunidade.

Agora, o local do evento dispõe de uma cobertura metálica que é aplicada justamente para que a praça tenha um local público e coberto para eventos, o que contribuiu muito para que os organizadores consigam manusear a decoração com maior tranquilidade. O espaço tornou-se mais sofisticado e moderno, contudo a essência da festa permanece viva. É o momento mais esperado do ano.

Quem teve a oportunidade de vivenciar as festas juninas em outro momento da história percebe notoriamente as mudanças que ocorreram no local do evento. Aquela cobertura metálica que auxilia a população não só no evento junino, mas também no acontecimento da feira livre, garantindo que os feirantes não se molhem, dá uma nova visão ao cenário, que antes tinha maiores características rurais que as atuais.

Em alguns momentos, há na programação apresentações de quadrilhas juninas das escolas e de outros locais vizinhos, que nos fazem apreciar essa dança típica tão linda. Os senhores já com certa idade saem de casa para apreciar esse momento lindo. Já presenciei alguns deles acompanhados de filhos e/ou outros parentes levando seus bancos para se sentarem e apreciarem as apresentações. Fora que é a única festa cultural em que todos se sentem à vontade para dar uma espiada sem sentimento de culpas e julgamentos.

Como o próprio nome diz, *Festa Junina*, a festa, de fato, acontece em junho, e Vila do Café recebe bandas locais e da região circunvizinha que tocam para a comunidade de forma gratuita por um período que, geralmente, varia de 2 a 4 dias consecutivos. Nesse mesmo tempo, vale ressaltar que é também o momento das férias de inverno aqui na região, diferentemente de outras localidades do Brasil, onde essas ocorrem no mês de julho. Nessa época, há um recesso de cerca de 7 a 10 dias, em que as atividades escolares são suspensas. Contudo, as escolas também realizam pequenas festas juninas para seus alunos (Figura 12). Há uma movimentação intensa. A escola fica toda decorada, e os ensaios tornam-se frequentes. É também um período de muitos reencontros dentro e fora dos espaços escolares, além de um clima completamente caipira tomar conta do lugar. As famílias, bem como os feirantes e donos de bares, fazem quentão, caldo de pinto, amendoim cozido, milho cozido e outras comidas e bebidas típicas da época, que são fáceis de serem encontrados por todas as partes.

**Figura 122:** Festa Junina na Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães - Vila do Café



Fonte: Arquivo da autora.

Durante os festejos, além de toda a movimentação financeira que há por trás do evento, devido à alavancada brusca por conta do período da colheita de café, há também um momento de envolvimento de todos. Nesse momento, podemos encontrar nossos alunos que estão frequentes e também aqueles que deixaram de frequentar a escola por quaisquer motivos. O local do evento fica exatamente na praça principal de Vila do Café, o que assegura que, praticamente, todos deem ao menos uma passada rápida, mesmo aqueles de famílias com

segmento evangélico,

O “barracão” onde é realizada a festa é também um lugar para rever velhos amigos (Figura 13), reunir a família e conversar aleatoriamente com conhecidos durante os dias frios do inverno, que chegam a atingir temperaturas entre 7 e 15 graus. Além disso, a decoração chama a atenção, o que proporciona aos visitantes um belo ambiente para fazer suas fotografias para guardar de recordação.

**Figura 13:** Decorando o barracão para as festas juninas de 2009



Fonte: Arquivo da autora.

No mesmo espaço da praça principal de Vila do Café onde são realizados os festejos juninos, também ocorre tradicional e semanalmente a Feira Livre de Vila do Café.

Esta feira tem um dia definido: domingo. O dia de domingo, mais que um dia de feira, é também um momento de socialização e de reencontro entre várias pessoas. É na feira que revemos pessoas que só aparecem no domingo para comprar suas verduras e outros mantimentos. Lá, vende-se de tudo.

A feira livre de Vila do Café recebe feirantes e compradores de toda a região da zona



rural vizinha. Vêm pessoas de municípios vizinhos como também da zona rural de Ribeirão do Largo e de Mata Verde, que é uma cidade mineira que faz fronteira com o estado da Bahia e fica a apenas 8 quilômetros de distância.

Quando estamos no período da colheita, o movimento da feira é consideravelmente maior, pois os feirantes vêm de locais ainda mais distantes e ocupam os espaços nos arredores de toda a praça.

Na feira, podemos encontrar desde crianças a idosos, que se vestem da melhor forma possível para, muitas vezes, apenas irem se sentar no banco da praça e dialogar com amigos.

Os feirantes são muito comunicativos e trabalham como verdadeiros empreendedores.

A feira livre é, sem sombra de dúvidas, um marco para nossa região (Figura 14). Contudo, a feira, no período junino, ganha dimensões diferenciadas. Geralmente, costumam ocupar ruas e avenidas que, no dia a dia, não são agraciadas com a presença das inúmeras barracas que surgem vindas de várias partes da região e também de locais muito distantes, como da Grande São Paulo e Belo Horizonte.

**Figura 14:** Feira Livre de Vila do Café - Junho de 2022



Fonte: Arquivo da autora.

Outro fator cultural marcante na região são as manifestações religiosas, principalmente protestantes e católicas (Figura 15). Não tenho um catálogo exato do número total dos templos religiosos em Vila do Café, mas são muitos. Manter os templos em pleno funcionamento também garante à parte da população que os frequenta momentos de socialização e lazer, em família ou não.

**Figura 153:** Primeira Igreja Católica de Vila do Café



Fonte: Arquivos pessoais da autora.

Inclusive, muitos pais estimulam desde muito cedo que seus filhos frequentem alguns desses espaços. Essa é uma atitude louvável, pois, uma vez que estes estão ali ocupados com tarefas religiosas, na maioria das vezes, sobra pouco tempo para que se envolvam com entretenimentos proibidos, que, infelizmente, também fazem parte da realidade.

Os templos religiosos funcionam de forma muito organizada. Geralmente, eles dividem entre seus membros tarefas para serem cumpridas, o que garante o seu pleno funcionamento durante o período necessário.

Os horários e periodicidade de funcionamento de cada um deles variam muito, a depender da sua organização. Uns funcionam todos os dias da semana, outros, somente a partir

da quinta. Uns oferecem atividade em separado para crianças, para mulheres, para homens ... Outros funcionam duas a três vezes por semana. Enfim, cada um tem a sua forma de se organizar e também tem os seus momentos de celebrações e festividades, o que garante aos seus integrantes variadas formas de socialização e diversão para além das atividades corriqueiras de cada um deles.

Também, dispomos de ações que são temporárias. Volta e meia, surgem para nos ensinar algo, ainda assim, não é algo corriqueiro e obrigatório.

Vila do Café também já esteve ao acaso da falta de proteção policial por parte dos órgãos responsáveis. Muitos moradores foram para as ruas com faixas e cartazes denunciar o descaso e clamar por segurança (Figura 16). A solução tardou, mas chegou. Infelizmente, muito estrago já tinha sido causado. Tivemos jovens que adentraram o mundo do crime, das drogas, e alguns perderam suas vidas.

**Figura 16:** Protestos por segurança Pública em Vila do Café - Junho de 2016



Fonte: Arquivo da autora.

Contudo, algumas políticas públicas sociais vieram como suporte em parcerias com a secretaria de Educação e Assistência Social, com a finalidade de levar um pouco de socialização, informação e lazer à comunidade. Uma dessas ações foi estabelecida pelo Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), que foi implementado e estabeleceu a periodicidade de atividades para crianças e jovens, bem como ocupações para a terceira idade, que é um público, muitas vezes, esquecido pela sociedade.

Os espaços dentro e fora da escola são todos como parte de um voo na árdua tarefa de ensinar. Temos o livre arbítrio de ir e voltar quando quisermos. Podemos vivenciar espaços de lazer nos quais, ao mesmo tempo em que ensinamos, todos aprendemos numa sociedade na qual se mantêm vivas suas tradições, embora haja sempre alguém ou algo que nos conduza por caminhos diversos.

Não precisamos caminhar muito pelos bairros locais para identificarmos quantos “ficaram” para trás na jornada escolar. Muitos destes, hoje, tornaram-se pais e mães jovens, donas de casa, agricultores, comerciantes. Alguns se enveredaram pelos caminhos tortuosos das drogas (que, aparentemente, não são um caso extremo, mas também assolam parte da população).

Visando intervir nessas questões, foi instituída a Educação de Jovens e adultos, que deveria tentar corrigir essa defasagem no processo, porém outros problemas são subsequentes do ensino noturno.

Em tempos atuais, o ensino noturno traz consigo uma gama de fatores diferentes dos nossos antepassados. Já não há apenas aquela pureza relatada por alguns professores de quando os alunos iam para a escola porque queriam realmente aprender. Hoje, o ensino noturno tornou-se também uma distração para jovens que querem ter um lugar a mais para frequentarem durante a semana, e, além dessa realidade, os enfrentamentos atuais são bem diferentes de uns 10 anos atrás.

Em nosso vilarejo, é normal encontrarmos jovens que estão com defasagem nos estudos ou que tiveram que interrompê-los para poderem ajudar a sustentar as suas famílias, bem como temos jovens que constituíram uma família de forma precoce, o que os levou a se distanciarem do ensino.

Resgatar esse público de volta aos espaços escolares é um verdadeiro desafio. A escola já não representa um atrativo sensível e acolhedor para a maioria. Muitos até tentam: vão lá e se matriculam e, logo, desistem. Num levantamento recente, ouvi relatos de pessoas de uma unidade escolar que foram realizar uma campanha de matrícula para Educação de Jovens e Adultos e detectaram mais de 250 possíveis alunos fora da escola. Esse dado alarmante é

justificado por uma série de fatores nos relatos dos interessados. O fato é que há uma carência de políticas públicas voltadas para essa clientela, bem como há necessidade de um despertar que venha a lhes causar maior interesse pela escola.

Talvez, uma das grandes saídas para que esse despertar ressurgja na vida dessa clientela escolar seja, justamente, o resgate da cultura local, que, volta e meia, encontra-se perdida e entregue aos acasos do tempo.

Um dos meios de resgate de parte da sociedade acontece via CRAS, que oferece atendimento psicológico, atividades recreativas, atividades físicas, atualizações de beneficiários de programas sociais do governo, enfim, Vila do Café realmente carecia dessa iniciativa (Figura 17).

**Figura 17:** Atividades Realizadas no CRAS de Vila do Café



Fonte: Vila do Café, Cras, 2023.<sup>7</sup>

O CRAS também colabora com o monitoramento da frequência dos alunos na escola para manutenção dos benefícios sociais recebidos pelas famílias por parte do governo e, com as escolas, estabelece os encaminhamentos necessários; também intermedeia ações de

<sup>7</sup> Imagens publicadas no Instagram.

encaminhamentos para o Conselho Tutelar em caso de necessidades.

Periodicamente, aparecem algumas ações sociais que também oferecem lazer e atividade física para a população. Um desses programas de maior durabilidade foi o Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC). O PELC dispunha de oficinas de pinturas, salas de esportes, jogos e atividades físicas, programa de incentivo à leitura, programas de arte e artesanato etc.

Em Vila do Café, o programa atendeu 484 beneficiados nas modalidades de caminhada, futebol, futsal, ginástica, leitura infantil, recreação e arte terapia. Para atingir o número de beneficiados e ter mais qualidade nas atividades propostas, o PELC firmou parcerias com outros projetos da área de esporte e lazer, além de buscar um público que não tinha nenhum vínculo com o esporte, constituído pela maioria dos participantes.

Dentre os diversos parceiros, o projeto contava com Igrejas, associação dos moradores de Vila do Café e Projeto Resgatando a Infância, que conta com uma equipe de 28 voluntários, entre eles, médica, dentista, educador físico, conselheira tutelar, pedagogo, arte educador, vereador, estudantes, nutricionista, donas de casa e líderes religiosos. Entre as parcerias do PELC, temos também o Colégio Estadual Nancy de Castro Esteves, onde os alunos participam de um projeto de resgate às brincadeiras de infância a partir das obras do artista plástico Ivan Cruz.

Já ouvi relatos fascinantes sobre o encanto de idosos com as atividades do PELC e as atividades para idosos do CRAS. Chegar à terceira idade e se perceber no acaso da solidão podem acarretar uma série de outras situações para idosos. Contudo, muitos deles deram-se a chance de sair de suas casas para se aventurarem em atividades específicas para esse público, e o resultado não poderia ter sido melhor: melhor qualidade de vida, evidenciada em seus sorrisos largos. Outro dia, dona **Jabuticabeira**, moradora de 75 anos, que vive sozinha em Vila do Café, falou-me um pouco sobre como se dão esses momentos.

*Todos os dias, acordo bem cedo. Quando tinha o PELC, saíamos às 6 da manhã para uma caminhada, que era das maiores alegrias. O bom da caminhada é que íamos ao ritmo que dava para todos, sem forçar, sem pressa. Todos com idades parecidas, e aproveitávamos para colocar os assuntos em dias.*

*No CRAS, nos encontramos semanalmente. Temos atividade de bordado, pinturas, temos palestras e tantas outras atividades. São momentos únicos. Conseguimos ouvir histórias de todo mundo e sabemos que não estamos sozinhos nesse mundo. Minhas filhas e netos moram aqui na Vila, mas prefiro morar sozinha em minha casa. Sempre que podem, elas vêm me visitar. Não me sinto só nesse mundo, e estar no CRAS traz uma distração para os meus dias.*

*Já aprendi muita coisa lá. O bordado mesmo, vivo me aventurando a produzir*

*alguma coisa quando estou em casa.*

*Já tivemos danças também, as aulas de dança eram muito divertidas, eu não sei dançar nada, mas nunca ri tanto em toda a minha vida.*

*Ainda bem que temos pessoas que se disponibilizam a cuidar de nós nem que seja por algumas horas. É muito gratificante (Jabuticabeira).*

É possível perceber o impacto que simples momentos de socialização podem causar na vida das pessoas.

Ainda sobre o PELC, o Programa tem uma durabilidade mínima e não contempla o mesmo local com uma certa periodicidade, mas, quando vem, sempre deixa as suas marcas (Figura 18).

**Figura 18:** Atividades do PELC



Fonte: Registros cedidos à autora.

Outro programa social de lazer inesquecível é a Caravana do Lazer, organizada em parceria com a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB) e que já levou lazer e diversão para várias localidades do Estado da Bahia.

O intuito da caravana é gerar esse entretenimento social, principalmente para crianças e jovens, porém os adultos acabam se jogando na diversão. Geralmente, o programa organiza-se da seguinte forma: por intermédio da prefeitura, associação, vereadores ou outra parte interessada, a caravana deve ser requisitada no *site web* disponível. Após a solicitação e aprovação, as partes interessadas devem providenciar estadia e alimentação para os formadores

do lazer, que se descolam com uma van ou micro-ônibus recheado de brinquedos e jogos para a criançada. Os requerentes também são responsáveis por providenciar as autorizações para seu funcionamento, como espaço (que, geralmente, é em praça pública ou quadra, ou campo de futebol), bem como requisitar segurança pública e assistência de ambulância para o caso de necessidade.

Após todos os procedimentos legais estarem encaminhados através de ofícios e totalmente certificados, é agendado um dia para recrutamento dos voluntários que irão oferecer assistência no dia da atividade. As pessoas inscrevem-se como voluntários e passam por uma formação que, geralmente, dura dois dias, na qual eles aprendem as técnicas necessárias para lidar com o público no dia das atividades. Durante esse dia, eles são distribuídos entre os brinquedos, que dispõem de uma infinidade de equipamentos, como: piscina de sabão, dominó e xadrez gigantes, piscina de bolinhas, oficinas de pintura e bambolês. Também é disponibilizado jogo de tênis, brinquedos infantis etc. Aqui, na época, incrementamos o momento com serviços básicos de saúde, como aferição de pressão arterial e índices de glicemia, bem como oferecemos distribuição de algodão-doce e pipoca gratuitamente (Figura 19).

**Figura 19:** Atividades da Caravana do Lazer em Vila do Café em agosto de 2022



Fonte: Arquivo da autora



No fim de uma dessas caravanas, uma criança de apenas 8 anos, a qual chamarei de Laranjeira, veio falar comigo quando viu os equipamentos sendo desmontados e guardados.

Ela puxou minha blusa, eu me abaixei, e ela cochichou em meu ouvido: “*Tia, amanhã, eles vão vir de novo? Eu não queria que eles fossem embora*” (Laranjeira). Fiquei emocionada com suas sinceras palavras, pois havia uma pureza tão linda na sua fala que dava para perceber o quanto algumas horas de atividades diferenciadas impactaram tão positivamente a sua vida.

Embora nós, adultos, tenhamos ficado ali naquela correria preocupados com as burocracias e os riscos para as crianças, elas se jogam de corpo e alma para viver de perto cada uma daquelas emoções. Elas querem experimentar tudo. Olhando de perto, consigo perceber sorrisos sinceros carregados de tantas histórias de vida e de gratidão, e, por alguns instantes, a gente se permite viver de perto toda aquela alegria compartilhada por muitos deles.

O “Dia de Lazer”, geralmente, estende-se por 4 a 5 horas de lazer gratuito a todos que se interessarem e, sempre, é um dia inesquecível para a comunidade.

As atividades de lazer citadas mostram um leque de possibilidades de afazeres que podem ser atribuídos à sociedade como um todo. Ainda assim, muitos não comparecem.

Embora o PELC e a Caravana do Lazer sejam atividades atípicas e não corriqueiras, quando aparecem, deixam suas marcas e muito nos ensinam.

Por vezes, ponho-me a perguntar como é a vida daqueles que não estão na escola e que nunca os encontramos em atividades de lazer, nos espaços religiosos, nas festas tradicionais da região, no CRAS, nos espaços comuns a todos. Pensar no que fazem os alunos e seus familiares enquanto não estão ali ou se fiz todo o possível para tentar resgatar aqueles que, de alguma forma, precisaram do meu incentivo para seguir na árdua caminhada convida-me a uma série de reflexões.

Enquanto educadora, sempre que vejo um aluno nas ruas e que já não frequenta mais o espaço escolar, sinto uma grande tristeza e faço reflexões. Retomando Pennac (2008), questiono-me sobre o que se passa naquelas cabecinhas e se, de repente, não teriam se cansado dessa busca obsessiva por chegar lá, quando o autor nos contempla com o seguinte pensamento:

[...] Há uma enorme quantidade de pessoas, nesta cidade, que têm medo de não chegar *lá* e que acreditam que não estão nem *aí*... Mas essas pessoas ligam, sim, elas fingem, deprimem, derivam, reclamam, batem, tentam dar medo aos outros, mas se há uma coisa em que pensam muito é esse *lá*, é isso o que estraga suas vidas e é esse *tudo* o que as enche (Pennac, 2008, p. 94).

Tal reflexão me faz pensar que, talvez, esses meninos estejam cheios de cobranças, projeções de futuro, peso sobre suas costas. Esses mesmos compõem hoje todo o arcabouço

cultural dessa sociedade: os que *chegaram lá* e os que estão *cansados de tudo*.

Ainda assim, no que tange à preservação da história de uma sociedade, elas devem ser deveras mistas, cheias de inquietudes, questionamentos e antagonismos e preservar os mais diversos lados de cada situação, pois, infelizmente, nem tudo são flores.

Para mantermos viva a preservação cultural local, devemos considerar todas as adversidades. A cultura nesse contexto diz respeito às formas de preocupação com a linguagem dos recursos naturais, por parte das sociedades, ao longo do tempo, às tradições, à valorização da arte em suas mais variadas vertentes, dentre outros. Certamente, o sentido de pertencimento é construído a partir da sua história e cultura local.

Ao me apropriar desse conhecimento, atravesso as paisagens do passado e pouso no presente para uma linguagem polissêmica. Por esse motivo, neste estudo e escrita da dissertação, as concepções da história, geografia, biologia e outras ciências têm contribuído para uma análise integradora da dimensão humana. Tomar conhecimento dos saberes tradicionais, através dos moradores do vilarejo, é transcrever seus dizeres para a pesquisa e, assim, avizinhar-me da história de sobrevivência dessa localidade, que é, de fato, enriquecedora.

Ceiza aponta-nos para a necessidade da preservação cultural dos saberes de uma sociedade:

Não se trata de decretar a morte da instituição científica e edificar um altar para os saberes da tradição. Trata-se mais propriamente de reconhecer, no interior da cultura científica, a tentativa inútil da purificação dos fenômenos. Melhor seria empreender uma busca arqueológica de fragmentos do pensamento humano que se acondicionam nas camadas narrativas das experiências mais arcaicas. Arcaico aqui, longe de significar resíduo de entulho de um domínio cognoscente passado e marcado pela permissividade inoperante, se atem, conforme lembra Edgar Morin, ao sentido mais original do vocabulário grego *arché* e significa, ao mesmo tempo, o que é fundador, anterior, subterrâneo, soberano, subconsciente, supra consciente, persistente, permanente e comum a todos os homens. (Almeida, 2010, p. 40).

Cuidar da lavoura como um todo é uma das melhores formas de garantir que não percamos a qualidade dos seus frutos. Esse cuidado pode começar na escola, porém, fora dela, com esses programas sociais, certamente, a parceria tende a funcionar de forma que alguns maus cuidados não venham a comprometer o resultado da nossa colheita. Afinal, quando se planta e se tem todo o zelo e cuidado necessários, as expectativas de uma boa lavoura aumentam.

Assim como a colheita passou por uma metamorfose, o ensino também vem traçando

novos rumos constantemente.

Manter viva a história de uma sociedade, resgatando todos esses saberes tradicionais que compõem o seu enredo, acaba por se tornar um dever para mim enquanto educadora no decorrer das produções enquanto se tece o tempo.

Do Plantio ao Fruto do Café - Fazenda de Parentes da Autora



Fonte: Arquivo da autora.



**3 A DIFÍCIL ARTE DE  
SEMEAR SABERES**

### 3 A DIFÍCIL ARTE DE SEMEAR SABERES

Se há um ditado popular que é muito conhecido em quase toda a sociedade é o de que quem planta colhe. Talvez esta seja uma das grandes certezas que perpassam pela cabeça de muitas pessoas, afinal, ainda que a colheita tarde, ela, de fato, não costuma falhar.

De volta para a escola, é impossível falar das questões que tangem ao ensino local sem tratar de temáticas relacionadas à colheita do café. Uma questão está intimamente relacionada à outra desde os primórdios do surgimento do vilarejo e das primeiras escolas, como já foi apresentado no capítulo anterior, até os dias atuais, e os fatores relacionados à colheita continuam movimentando o vilarejo em seus mais variados aspectos.

A colheita, quando se trata do ato de colher resultados no processo ensino/aprendizagem, muitas vezes, é um processo mais lento do que se possa imaginar. Talvez, o ato de ser lento possa perpassar pela cabeça de muitos professores como algo inalcançável, motivo este que pode deixá-los, muitas vezes, desacreditados em seus alunos. Assim, apontá-los como lerdos, desinteressados e imputar-lhes um rótulo que demarque suas evidentes incapacidades, talvez, sejam o refúgio de muitos dos nossos colegas de profissão.

Não é uma tarefa simples, contudo alguns professores fazem desse processo ensino/aprendizagem uma missão, pois sabem que, assim como na colheita do café, esse é um processo que exige paciência, dedicação e aptidão para, finalmente, colher seus frutos.

No ensino regular diurno onde trabalho, esse processo não é diferente; temos ali os filhos de trabalhadores rurais que vivem da colheita do café e que surgem no cenário educacional com suas bagagens as mais diversas possíveis, o que torna a minha missão muito importante, como a dos demais.

Ensinamos em meio a uma gama de informações, dentre elas, a cultura; na visão de Ingold (2020), no que tange aos aspectos da cultura humana a partir da imaginação pedagógica:

A cultura humana, na imaginação pedagógica, é uma imensa pirâmide. Na sua ponta está a voz da razão, singular e resplandecente. Com sua pretensão de universalidade, a razão é indiferente a variações na experiência daqueles que falam com ela em seu nome. Transcendendo a experiência, fala com uma voz e uma só, e todos os que falam com ela, são, portanto, intercambiáveis. Na base da pirâmide, enxame de memes variados competem pelo hospedeiro na boca dos quais vão colocar suas declarações proverbiais, e em cujas mãos eles vão colocar seus modelos prescritos. Esses hospedeiros também não têm voz alguma que possam chamar de sua. Eles são apenas vetores, fadados a transmitir os memes com os quais foram infectados - e qualquer pessoa infectada com o mesmo meme, dirá a mesma coisa. Eles não falam por eles mesmos, mas pela cultura. [...] (Ingold, 2020, p. 34).

Esse trecho do seu livro convidou-me a refletir sobre esse pensamento cultural, tendo em suma um mundo de marionetes (Ingold, 2020), pois, de fato, é isso, meio que de forma inconsciente, acabamos repetindo formas e meios de ensinar e perpassando por isso através de gerações. Muitas vezes, ocorre sem sequer percebermos que assim o fazemos. Está impregnado na nossa cultura de fato.

Contudo, no nosso vilarejo, o ensino sempre se fez de uma forma peculiar. Talvez eu, enquanto educadora, o veja assim.

Ao acompanhar a história de vida de muitos educadores que aqui estão e que por aqui passaram, ousou dizer que é uma maneira de ensinar que faz a diferença.

Há profissionais da educação que dedicaram suas vidas nesse processo de ensino/aprendizagem. Alguns destes marcam nossas vidas profundamente, e buscamos nas lembranças seus ensinamentos, atitudes e dedicação na árdua tarefa de ensinar. Escolas e memórias caminham juntas, como nos aponta Tim Ingold:

Para aqueles de nós criados em sociedades nominalmente ocidentais ou modernas, a palavra “educação” evoca mais comumente memórias de ir à escola. Nós passamos por lá para nos lembrarmos de ser educados: aprender a ler, escrever, a contar e calcular e, por estes meios nos tornamos conhecedores de todos os ramos do conhecimento, das ciências às artes e letras, que compõem o legado da nossa civilização (Ingold, 2020, p. 15).

Aqui no vilarejo de Vila do Café, não foi diferente, pois este é um vilarejo com histórias tão particulares que fazem dele um reduto inesquecível para a vida de muitos que por aqui passaram. Bem como num processo civilizatório pelo qual passa a humanidade, essa premissa é discutida por Edgar Morin e Anne-Brigitte Kern no seu livro *Terra Pátria*:

A tomada de consciência de nossas raízes terrestres e de nosso destino planetário é uma condição necessária para realizar a humanidade e civilizar a Terra. Neste sentido, o reenraizamento terrestre é em si mesmo uma finalidade. Tudo está ligado: a elaboração de nossas finalidades terrestres necessita o conhecimento e o reconhecimento de nosso dasein cósmico, de nossa identidade terrena, de nossa condição antropológica, da idade de ferro planetária (Morin; Kern, 2003, p. 99).

Quase que numa missão civilizatória, que ajuda a preparar um povo para uma sociedade planetária, conforme apontado por Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 98): “A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária”. Assim, muitas são as pessoas

que fazem parte da história de formação de um lugar, desde os primeiros moradores aos que vieram tempos depois para deixar suas marcas na constituição da história de vida de uma população, até seus marcantes professores. Não deixar que as raízes se percam é fundamental para manter viva a identidade de um lugar.

Nesse vilarejo, também temos personagens marcantes para a educação. Professores que podem apresentar cenários no ensino que marcaram e marcam a vida de vários cidadãos. A primeira escola do Vilarejo de Vila do Café compõe um cenário que é berço de muitas histórias de vida.

Em meados dos anos 1980, foram erguidas suas primeiras salas de aulas, e, assim, foram recrutadas suas primeiras professoras. Professoras sim, pois, curiosamente, era costumeiro nesse período somente as mulheres atuarem no ofício de ensinar.

Nesse cenário rural, nos anos 1990, chegou à região um grupo de mulheres com seus respectivos esposos e filhos em busca da constituição de uma nova vida.

Estabeleceram moradas, e a maioria delas já havia concluído o magistério<sup>8</sup>, assim, estavam aptas a lecionar. Não que isso fosse um problema anos atrás, pois, durante muito tempo, a formação era algo distante da realidade desses cenários rurais, bucólicos, e o ensino ficava restrito a uma pequena parcela da população e era ofertado pelas pessoas que tinham um certo conhecimento para o exercício da tarefa.

Em se tratando de ensino, algumas histórias em particular chamam mais a atenção do que outras, pois, quando uma sociedade reconhece o trabalho de alfabetizadoras a partir de suas ações em sala de aula, é válido dizer que elas deixaram marcas profundas em suas vidas; marcas estas que constituíram cidadãos de todo um vilarejo.

A Teoria do Pensamento Complexo possibilita-nos transitar entre o real e o imaginário, e por que não pensar em pessoas que resgataram não só alunos, talvez lerdos, mas também resgataram vidas? Ensinar num cenário rural cujos alunos são oriundos das mais adversas condições de vida convoca-nos a diversas possibilidades, o que faz dos professores que ali lecionam, especialmente no ensino noturno, grandes heróis.

A verdade é que, segundo o que sempre escutamos nos encontros com colegas professores, sempre foi um desafio gigantesco manter frequentes os alunos do ensino noturno, que hoje é chamado de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Manter estudando alunos do ensino noturno, carregados de todas as particularidades que abarcam o contexto rural, cansados após um dia árduo de trabalho na colheita do café, certamente, é uma tarefa ainda mais

---

<sup>8</sup> Substantivo masculino. Cargo de professor. Exercício do professorado. A classe dos professores. (Dicio, 2022).

complicada.

Ouvi histórias de alunos que, esgotados pela fadiga da colheita, chegavam à escola muito cansados. A aula iniciava-se às 18h30min, outras vezes, às 19h, no período que compreende o período mais intenso da colheita do café, que vai, geralmente, de abril até meados do mês de agosto. Muitos desses alunos compareciam até as 20h à escola, mas, dificilmente, deixavam de frequentar.

Tentando compreender um pouco dos motivos pelos quais nossos alunos chegam ao esgotamento físico a ponto de se ausentarem das aulas no período noturno, podemos apontar diversos fatores. A colheita em si já é um trabalho extenuante. Não é fácil acordar por volta das 4 horas da manhã para se deslocar até uma dessas fazendas de café para iniciar o trabalho. Além das distâncias, que, em alguns casos, são percorridas a pé, há também vários fatores climáticos que impactam diretamente essa relação: os dias chuvosos e os dias ensolarados.

Para compreendermos os fatores climáticos e seus impactos na vida desses trabalhadores rurais, primeiro, devemos compreender o contexto em que se dá o seu trabalho.

O trabalhador rural inicia sua rotina no dia anterior. Como vai ficar o dia inteiro fora na lida com o café, precisa deixar tudo devidamente preparado com tudo o que ele necessitará naquele dia: alimentação, água, café, lanches e todos os adereços necessários para a atividade. Então, ao final de cada dia, ele já tem que se preparar para o outro. No fim de semana, após descansar e cuidar da sua casa, eis que se iniciará uma nova semana de trabalho.

Cuidadosamente, ele prepara os alimentos e seu pano de café (uma espécie de manto feito com o mesmo material dos sacos em que os cafés são armazenados). Separa luvas para proteger suas mãos (pois os grãos podem causar lesões e escoriações ao serem puxados os galhos do café), chapéu ou boné e blusas de manga longa para se proteger do sol ou da chuva. Também providencia botas ou qualquer calçado do tipo mais resistente para pisar com maior segurança nos terrenos acidentados. Leva muita água. Geralmente, os trabalhadores colocam esse material todo numa mochila, com a qual estarão por onde forem trabalhar. Procuram um local à sombra, geralmente embaixo do café, para se protegerem do aquecimento e dão início ao trabalho.

Há algumas formas distintas de executar a colheita manual. Para essa execução, podem ser utilizadas peneiras; o trabalhador vai colhendo e deixando cair nela, e, quando esta fica cheia, ele passa para um saco de armazenamento. Há também a possibilidade de deixar cair no próprio chão e, depois, voltar rastelando com uma ferramenta específica para isso e, depois, armazená-los nos sacos. Ainda pode forrar os pés de café com um pano que é tipo um tapete, porém, feito de material semelhante ao dos sacos de armazenamento para que, ao puxar o café,



ele vá caindo nesse pano. Essas são as formas mais utilizadas para a colheita.

A maioria opta pela utilização dos panos para a colheita. O trabalho é este: puxar os grãos maduros dos galhos do pé de café enquanto esses caem em seus panos, que foram devidamente posicionados em torno do pé. Ali vão caindo e se amontoando. Às vezes, é possível forrar até mais de um pé de café com o mesmo pano, isso vai depender do tamanho, que varia muito. Após atingirem um certo volume e ficar pesado para que seja arrastado para outros pés de café, o trabalhador coloca o café colhido em sacos e os deixa amontoados nas filas ou nas pontas destas para que os demais trabalhadores da fazenda passem recolhendo-os para a contagem.

Nos dias ensolarados, apesar de abrilhantarem o verde do café e, assim, enaltecem cada vez mais a beleza da paisagem, os trabalhadores precisam tomar cuidados redobrados. É preciso proteger a pele para que não sejam acometidos de queimaduras graves; vale utilizar desde chapéus, blusas de mangas longas e calças até luvas para proteção das mãos. Hoje já é comum utilizarem também protetores solares, fato este que não foi corriqueiro durante muitos anos.

Curiosamente, é nos dias ensolarados que animais peçonhentos costumam surgir e causar grandes espantos aos trabalhadores; talvez, devido ao mesmo calor extenuante, cobras procurem locais mais frescos para se enroscarem. Já cansei de ouvir vários relatos a respeito de cobras entrelaçadas aos pés de café e que acabam atacando os trabalhadores de forma inesperada. Na região, há muitas cobras venenosas, e há um número crescente de uma espécie perigosa, que, infelizmente, já levou muitos a atendimento médico imediato e até mesmo ao óbito. Há quem diga que elas acabam se expondo devido ao uso desenfreado de defensivos agrícolas, que as deixam um pouco mais agitadas do que o costume e as fazem querer sair em direção a locais mais frequentados por humanos.

Daí, vencer o calor do momento e todas as questões que giram em torno da situação já faz desses homens e mulheres grandes guerreiros.

No que diz respeito aos períodos chuvosos, são dias apontados por muitos como dias melhores para o trabalho. A maioria diz que o sol em excesso ocasiona desgaste físico maior, afinal, muitas vezes, são mais de seis horas expostos ao sol fatigante e trabalhando com poucas pausas. Logo, os dias chuvosos são um alento. Contudo, nesses dias, há outros fatores que acabam acarretando outros desgastes físicos.

As roupas acabam pesando. O café no pano molhado com a terra também umedecida acaba pesando ainda mais. Em algumas fazendas, há espaço entre as filas de café para que os demais trabalhadores possam entrar com um carro para recolher os sacos de café que vão sendo

acumulados. Nem todas são organizadas assim, portanto, quando não há essa possibilidade, os trabalhadores precisam deslocar os sacos cheios do café molhado e agora mais pesado até as pontas das filas onde ficam os carreirões (local de passagem de veículos) para que esses sacos sejam recolhidos pelo transporte adequado.

Daí, juntam-se diversos fatores: lama, roupas molhadas, café molhado, volume e peso, o que vai acarretar um final de dia desgastante. Os pesos dos sacos de café carregados por esses trabalhadores nessas filas enormes podem ocasionar problemas a depender da postura que adotam. Algumas mulheres que vão trabalhar acompanhadas dos seus maridos acabam tendo ajuda deles para essa atividade. Outras se viram sozinhas.

Há muito tempo, havia crianças nessa empreitada; adolescentes que se viraram como podiam em meio a toda essa adversidade. Os sacos pesados, muitas vezes, eram compartilhados entre os amigos para o manuseio. Após certo tempo, o trabalho infantil foi proibido na lavoura do café. Há uma fiscalização intensa e rigorosa nesse aspecto para evitar, inclusive, a evasão escolar. Contudo, durante muito tempo, famílias inteiras garantiam sua sobrevivência trabalhando em conjunto, desde os mais jovens aos mais velhos da casa.

Certo tempo, um desses cafeicultores que trabalhou na lavoura do café enquanto criança relatou-me um pouco da sua trajetória. Vou nomeá-lo aqui de Cedro Rosa.

**Cedro Rosa** é morador da região desde os 6 anos. De família carente, começou a trabalhar muito cedo para ajudar a família com o sustento. Hoje, é um homem casado e com muitas histórias para compartilhar.

*Minha família pode-se dizer que é daqui. Meus pais vieram para cá logo em meados dos anos 1990. Eles contam aquelas histórias das dificuldades da época, porém creio que as condições já não eram tão precárias como na época da fundação.*

*Quando chegamos, já tinham as escolas, mesmo com as limitações, mas, como meus pais não tinha emprego fixo e assalariado, não tinha outro jeito, o jeito era trabalhar mesmo na lida com o café.*

*No começo, eles faziam de tudo: aravam a terra, plantavam feijão nos espaços entre as fileiras do café, roçavam, aplicavam veneno... Meu pai era o que mais se prontificava a lidar com a terra porque ele entendia mais do assunto. Minha mãe cuidava mais da casa e ia mesmo para a lida somente na época da colheita.*

*Houve uma época que as coisas ficaram muito difíceis. Meu pai adoeceu, e o serviço estava muito pesado para minha mãe. Eu devia ter uns 11 anos de idade e tinha uma irmã novinha de apenas 5. Nessa época, não teve jeito, todo mundo teve que partir para a colheita.*

*Meu pai, que teve que passar por uma cirurgia, acabou tendo que ficar mais restrito em casa, aí ele cuidava da pequena. Minha mãe e eu íamos fazer as*

*tarefas difíceis.*

*Me lembro de um dia chuvoso que a colheita estava apenas começando. O café dava gosto de ver: estava todo carregado e bem amadurecido. Seus grãos enormes chegavam a brilhar nos meus olhos. Só de olhar, eu já conseguia imaginar o quanto seria bom para meus pais manterem nossa alimentação. Então, eu passei a ir todos os dias ajudar minha mãe. A vila tinha aquela fama de ser chuvosa ao extremo. Eram chuvas assustadoras, só saímos de casa para trabalhar mesmo porque a necessidade era imensa. Eu tinha onze anos, mas já era maiorzinho. A chuva, que era muito abençoada, também trazia os problemas. A roça que trabalhávamos era aqui pertinho mesmo. Conseguíamos chegar nela com 25 minutos de caminhada. O maior problema era na hora de carregar os sacos de café. Minha mãe, toda debilitada e cansada também do trabalho de casa, me ajudava, e juntos arrastávamos aqueles sacos molhados e pesados até o terreiro. Tinha dias que eu chegava em casa com os braços e pernas muito doloridos. Mal conseguia tomar um banho, comer e já me deitava para repousar para o dia seguinte. Minha mãe, muito guerreira, ainda ia providenciar o almoço do outro dia, cuidar das roupas encharcadas e providenciar tudo para levarmos novamente no dia seguinte.*

*Foram tempos muito difíceis.*

*Me lembro que, nesse ano, eu fiquei atrasado na escola, pois, após perder mais de 4 meses de aula ajudando na colheita, foi impossível recuperar o tempo perdido na escola.*

*Minha mãe, que tinha acabado de retornar aos estudos no ensino noturno, infelizmente, também foi vencida pelo cansaço. E não foi por falta de incentivos não. Por várias ocasiões, me recordo de ter a presença de professoras e diretoras batendo à nossa porta para saber os motivos pelo qual não estávamos indo estudar. No começo, até que minha mãe tentou. E, nos dias que não conseguíamos, por algum motivo, ir para a roça, eu também tentava ir para a escola, mas a coisa foi fugindo ao controle. O cansaço invadiu nossas vidas.*

*Triste lembrança de um momento muito difícil para todos nós.*

*Com o passar do ano, meu pai conseguiu se recuperar. Em seguida, ele foi convidado por um amigo para tomar conta de uma pequena terra bem próxima aqui da Vila. Então, nos mudamos para lá. Foi nesse momento que conseguimos mudar nossas vidas, pois, agora, tinha o transporte escolar que passava para me pegar para ir para a escola e eu não precisava mais perder aula e minha mãe também conseguiu voltar para terminar os estudos. Nos horários que não estávamos na escola, todo mundo ajudava com alguma coisa, assim o trabalho não ficava pesado para ninguém.*

*Através disso que aprendi a lidar com a terra. Depois de muito batalhar, eu consegui concluir o ensino médio. Agora, já tenho minha própria terrinha e tento manter meus filhos sempre em dias com a escola (Cedro Rosa).*

Para compreender esse contexto pelo qual passou Cedro Rosa, vale lembrar que havia uma flexibilização e compreensão da parte de todos nas escolas, pois todos compreendiam o quanto a lida com o café causava extremo cansaço aos nossos alunos. Atrasados ou não, na maioria das vezes, eles estavam lá. Tomados pelo cansaço, muitos diziam ser a escola um

descanso e que reencontrar os colegas era algo deveras libertador. Depois, ser acolhidos pela professora, que está lá o tempo todo, era algo libertador para a maioria.

O fato de o professor estar lá pode fazer a diferença, tal como o Daniel Pennac descreveu outrora:

É imediatamente perceptível a presença do professor que habita plenamente a sala de aula. Os alunos a percebem desde o primeiro minuto do ano, nós todos temos essa experiência: o professor acaba de entrar, ele está totalmente lá e isso se vê pela sua maneira de olhar, de cumprimentar os alunos, de se sentar, de tomar posse da mesa. Ele não se dispersou por medo das reações deles, ele não está fechado em si mesmo, não, ele está por dentro do que faz, logo no começo ele está presente, distingue cada rosto, a turma existe sob o seu olhar (Pennac, 2008, p. 105).

É notável que são professoras que estavam mesmo lá quando os alunos precisavam. Eram daquele tipo de professoras que, se o aluno não aparecesse, reuniam o grupo de alunos e, na hora do intervalo, dirigiam-se até sua casa para verem o que havia acontecido. Essa, sem sombra de dúvidas, não é uma prática mais tão comum nos dias atuais, porém não foi extinta, ainda que em outro formato, ainda ocorre muito. Essa prática era parte do cotidiano e, talvez, tenha feito toda a diferença na vida de muitos desses alunos.

Ainda assim, muitos, em algum momento, não conseguiram o êxito de seguir por um ano ou outro. O peso dos sacos do café com os pesos de várias outras questões cotidianas de suas vidas, muitas vezes, extrapolavam o limite do suportável.

A tarefa da educação, mais do que meramente ensinar, era mesmo um trabalho de resgatar vidas. Não era proposto pela Secretaria de Educação, era algo do instinto mesmo. Essas professoras dedicavam-se de corpo e alma para garantir um ensino de qualidade diferenciado e altamente próximo de seus alunos. Os resultados eram visíveis ao final do ano: turmas do ensino noturno que terminavam lotadas, o que hoje é praticamente uma raridade.

Havia sim todos os tipos de alunos, aqueles interessados, aqueles idosos, aqueles que eram tidos como desinteressados, aqueles mais jovens, uns com muitas dificuldades, outros, talvez, com poucas, tínhamos todos os cenários dentro de uma mesma sala de aula, mas todos recebiam a mesma atenção. Não havia distinção de cor, raça, gênero ou classe social. Nem entre os próprios colegas, nem entre as professoras. O número de escolas era reduzido, nem sequer possuíamos equipamentos eletrônicos como os que temos hoje em dia. Ao ouvir histórias como essa, reflito como seria nos dias atuais quando me deparo com colegas de profissão questionando o que vai ser da educação de jovens e adultos no futuro, pois está cada dia mais difícil trabalhar com esse público.

Ir para a escola era como um encontro de gala, pois esses senhores, jovens, adolescentes e adultos vestiam-se como se estivessem se direcionando a um grande evento. A escola era para eles um lugar de muito respeito. Em meio às várias histórias que ouvi, nunca ouvi falar que, naquela época, atendíamos alunos com péssimo comportamento, atitude que exigisse expulsar da escola, debates de injúria racial ou algo do tipo. Parece que havia maior civilidade entre os alunos e maior respeito entre eles. As professoras também não se queixavam de seus comportamentos com a gravidade e frequência com as quais nos deparamos nos dias atuais. Às vezes, uma conversinha ou outra que acabavam se aprofundando um pouco além do normal. Depois, os adultos tinham essa característica de quererem contar um pouco sobre suas vidas, e, muitas vezes, isso criava uma certa algazarra na sala de aula.

Outro dia, ouvi de uma dessas professoras que os alunos eram muito unidos e que, quando faltava merenda na escola, uniam-se, faziam uma merenda em conjunto. Alguns tinham até o hábito de levarem a garrafa de café para a escola.

Talvez, a educação de antes não fosse lá todo esse mar de rosas que eu ouvi por aí, mas, sem dúvidas, a educação dos dias atuais dispõe de muitas histórias diferentes das daquela época. Os alunos de hoje não são os alunos de ontem. Os problemas modificaram-se, modernizaram-se com o marketing, tecnologia e tantos outros fatores que permeiam nossa sociedade. Garantir o funcionamento de uma escola de jovens e adultos hoje é como um desafio invencível, mas, naquela época, o que será que fazia as turmas funcionarem de fato e com um número de alunos considerável? Talvez, a atitude conjunta de alunos e professores, por si só, na tentativa de manter a salvo um ensino que se via com todas as premissas para não dar certo. O fato é que funcionava naturalmente.

Para ilustrar ainda mais esse histórico de tantos docentes que abrilhantaram o cenário do nosso vilarejo, venho compartilhar algumas vivências de uma professora em especial que aqui vou nomear de **Angel**.

Angel, então jovem, recém-chegada no Vilarejo com sua família, foi recrutada para trabalhar numa dessas turmas de jovens e adultos. Recentemente formada, cheia de gás para trabalhar, lançou-se como uma dessas professoras que estavam dispostas a resgatar cada aluno.

Era uma alfabetizadora de mãos cheias. Mãos cheias de muito conhecimentos e saberes para repassar ao seu público.

Como num processo árduo de colheita, parafraseando a história contada por um cafeicultor local há muito tempo, o qual vou nomear de **Gentil**, a professora Angel começou o lindo processo do plantio.

O senhor Gentil me diz que a viagem do processo todo começa no plantio, que deve

estar com o solo devidamente preparado para receber as sementes de café. Uma boa adubação do solo e manejos para evitar pragas e outras doenças são fator fundamental nessa etapa. Ele recomenda que o plantio seja realizado num período mais chuvoso, pois alega que, quanto maior for a umidade do solo nesse período, melhor será a garantia de que as mudas irão vingar.

Todo cafeicultor, principalmente os que não têm condições de irrigar suas terras, conta com um equilíbrio total dos fatores climáticos para que a colheita funcione de fato. Isso me remete a Mia Couto, ao tratar sobre as lavouras nas terras moçambicanas:

Não quero perder-me em meandros filosóficos. Mas grande parte dos moçambicanos (e imagino dos angolanos) lida com categorias de tempo bem diversas daquela que norteia uma empresa de seguros. Para essas culturas, o futuro não só não tem nome como a sua nomeação é interdita. Na maior parte das línguas moçambicanas há palavra para dizer “amanhã” — no sentido literal do dia seguinte (monguana, mundjuku, mudzuko). Mas não há equivalente para o termo ‘futuro’, nomeando o tempo por inaugurar. A noção de futuro trabalha num território que é do domínio sagrado. Antever o futuro é uma heresia, uma visita não autorizada. O porvir está ligado aos ciclos agrícolas e diz-se pela previsão das colheitas e das chuvas. E como as chuvas são mandadas e encomendadas, a ideia desse tempo ainda por acontecer resulta de equilíbrios entre os vivos e os antepassados. A manutenção desse equilíbrio compete a forças que nos escapam (Couto, 2011, p. 124).

A questão das chuvas por cá não é uma questão tão ligada às divindades religiosas como é para grande parte dos povos africanos apresentados por Mia Couto, mas a sua relevância para a garantia de bom plantio, florada e, conseqüentemente, boa colheita é fator indiscutível.

Por apresentar clima e altitude favoráveis para a produção de alguns alimentos, o distrito de Vila do Café disseminou a cultura cafeeira e trouxe consigo desenvolvimento local bem como gerou emprego e renda. Com o avanço da agricultura, criaram-se junto a estas grandes fortunas e um desequilíbrio econômico, o que acaba meio que polarizando a sociedade entre ricos e pobres.

O solo local de topografia favorável à produção de café, as práticas agrícolas adotadas e o uso de insumos químicos bem aplicados fizeram de Vila do Café um verdadeiro polo produtor de Café no estado da Bahia.

Assim como o solo deve estar apto ao plantio, a sala de aula precisa ser cuidadosamente preparada para receber os seus frutos. Frutos estes que necessitam de cuidados especiais para que venham a florescer.

O senhor Gentil relata que há um café específico que predomina em toda a região, que é o café do tipo Arábica, que só se desenvolve bem em regiões com altitudes acima de 900 metros. Além disso, é necessária uma análise do solo através de algumas técnicas (calagem ou

gessagem)<sup>9</sup> para que, a partir dessa, sejam direcionados meios para a escolha das mudas, controle de pragas, além de um bom manejo de capinas, podas, equilíbrio nutricional (adubação e pulverização) adequados para o desenvolvimento da lavoura.

Nossos alunos também têm lá suas características. Quando o professor adentra o espaço da sala de aula, ele não vai localizar somente um tipo de público a ser atendido, deveremos estar aptos a lidar com a mais variada diversidade em seus múltiplos aspectos. Logo, bem mais trabalhoso que na lavoura do café, o manejo para se chegar a uma boa colheita em sala de aula faz do profissional de educação alguém extremamente apto para lidar com tal trabalho. Eis o desafio lançado à professora Angel.

A educação em si é um processo contínuo de produção. Tim Ingold relata-nos sobre o processo de educação de forma democrática:

A educação democrática, em suma, é a produção não do anonimato, mas da diferença. Não é o que nos torna humanos, pois como criaturas nascidas do homem e da mulher somos todos humanos desde o início. É o que nos permite que os seres humanos coletivamente se façam, cada um em seu caminho. É um processo não de tornar-se humano, mas de devir humano [...] (Ingold, 2020, p. 37).

Logo, além do processo de produção que se faz ao caminhar, é uma missão também humanitária.

O senhor Gentil conta também que a florada ocorre sempre entre os meses de setembro e novembro e pode variar um pouco de uma região a outra e segundo o tipo de café. Diz ser de fundamental importância esse período da florada para que haja uma proteção natural da semente.

Há muitas pessoas que ganham as suas vidas produzindo as mudas para serem revendidas aos cafeicultores locais.

O senhor Gentil diz que, numa colheita de café, para se ter a excelência de bons grãos, demora 7 meses desde o plantio até a primeira florada. Após a florada, normalmente, os grãos levarão mais 7 meses para entrarem no período de maturação, quando poderão ser devidamente colhidos, secos e processados.

A colheita do café é um momento de muita expectativa na região. Não se fala de outra

---

<sup>9</sup> “Na calagem, é possível **eliminar a acidez, aumentar o [Capacidade de Troca Catiônica] CTC** e melhorar o **aproveitamento de nutrientes**. Na gessagem, ocorre a **redução do alumínio** em profundidade, o **aumento do sistema radicular** em profundidade e **maior absorção de água e nutrientes**” (MF Magazine, 2020, grifo do autor)\*.

\* A fonte consultada não é paginada

coisa. De fato, esse é o período em que mais há movimento na economia local.

Existem famílias que se juntam para trabalhar na colheita e guardam o dinheiro adquirido para a sobrevivência durante todo o ano até que chegue a nova colheita. Enquanto isso não ocorre, há outros tipos de serviço para garantir a qualidade das plantações de café. Algumas dessas atividades estendem-se a limpar devidamente o terreno, e também existe o café, que acaba caindo no chão, e, muitas vezes, pagam-se pessoas para voltarem catando. Há a eliminação de pragas que podem adoecer o café, e, para isso, é necessária a aplicação de insumos agrícolas no combate às pragas, enfim, a colheita do café exige muito esforço e dedicação para que se colham de fato bons frutos.

Segue-se um período de crescimento rápido (expansão), prosseguindo até o fruto verde atingir seu tamanho final, caracterizado pelo endurecimento do endocarpo (pergaminho). O déficit hídrico, a deficiência nutricional, a incidência de doenças pode ocasionar a queda prematura dos chumbinhos (Mesquita *et al.*, 2016, p. 6).

A garantia de frutos saudáveis alimenta a perspectiva dos resultados. Isso talvez explique a expectativa do povo quando chega o período de maturação, pois acaba ocorrendo muita especulação dos preços, que sobem e descem acompanhados pela bolsa de valores e pelos mercados nacional e internacional, e, dependendo da oferta e da procura, muitos cafeicultores ficam entusiasmados com os resultados.

Assim como esse processo lento e bem elaborado da colheita do café, faz-se também o processo de ensino.

O aluno que adentra o espaço escolar pela primeira vez é como aqueles grãos de café que são semeados de modo a se tornarem mudas produtivas. O fazer pedagógico aqui é de suma relevância para a garantia e efetivação desse processo demorado, que, como afirma Pennac (2008), é uma verdadeira metamorfose. Cada palavra proferida, cada gesto, cada dia a dia são algo extremamente importante para os resultados. Algo importante que Daniel Pennac relembra-nos é que é preciso mesmo fazer o que tem que ser feito, independente de com quem você esteja lidando:

Os professores que me salvaram- e que fizeram de mim um professor- não eram formados para isso. Eles não se preocuparam com a origem da minha enfermidade escolar. Eles não perderam tempo em buscar as causas nem a me passar sermões. Eles eram adultos confrontados com adolescentes em perigo. Mergulharam de novo. Perderam-me. Mergulharam de novo, dia após dia, mais e mais.... Acabaram me tirando de lá. E muitos outros, comigo. Eles literalmente nos resgataram. Nós lhes devemos a vida (Pennac, 2008, p. 33).



Angel, realmente, não se preocupava com os medos que carregavam aqueles jovens e adultos, que nunca haviam pisado os pés na escola ou que frequentaram tempos atrás e tiveram que abandonar os estudos pelo caminho. Ela sempre foi magistralmente aquela professora que ia lá e fazia o seu melhor dentro das condições que lhe eram apresentadas.

Uma aluna da turma de Angel no ano de 1995, a quem chamarei de **Limoeiro**, hoje com 51 anos, estava recordando alguns momentos das aulas daquela época.

*Em 1995, eu já tinha 23 anos. Estava muito atrasada nos estudos porque tive que deixar a escola cedo para ajudar no sustento da família. Acabei me casando cedo e me tornando mãe muito cedo também. Então, só aos 23 anos que tive condições de retornar para a escola.*

*Nesse ano, as coisas já não eram mais tão difíceis. Agora as coisas já estava se encaixando melhor, pois já tinha energia elétrica, já tinha um prédio para acontecer as aulas e as coisas estavam começando a se encaixar melhor.*

*A turma da professora Angel era umas das mais cheias. Nunca vi tanto aluno numa sala de aula. Os mais velhos diziam que ela tinha muita paciência para ensinar, e havia uma fila enorme de pessoas que queriam estudar com ela.*

*A aula começava, estávamos sempre ali compartilhando um pouco do nosso dia a dia uns com os outros, mas todo mundo levava muito a sério a hora das tarefas.*

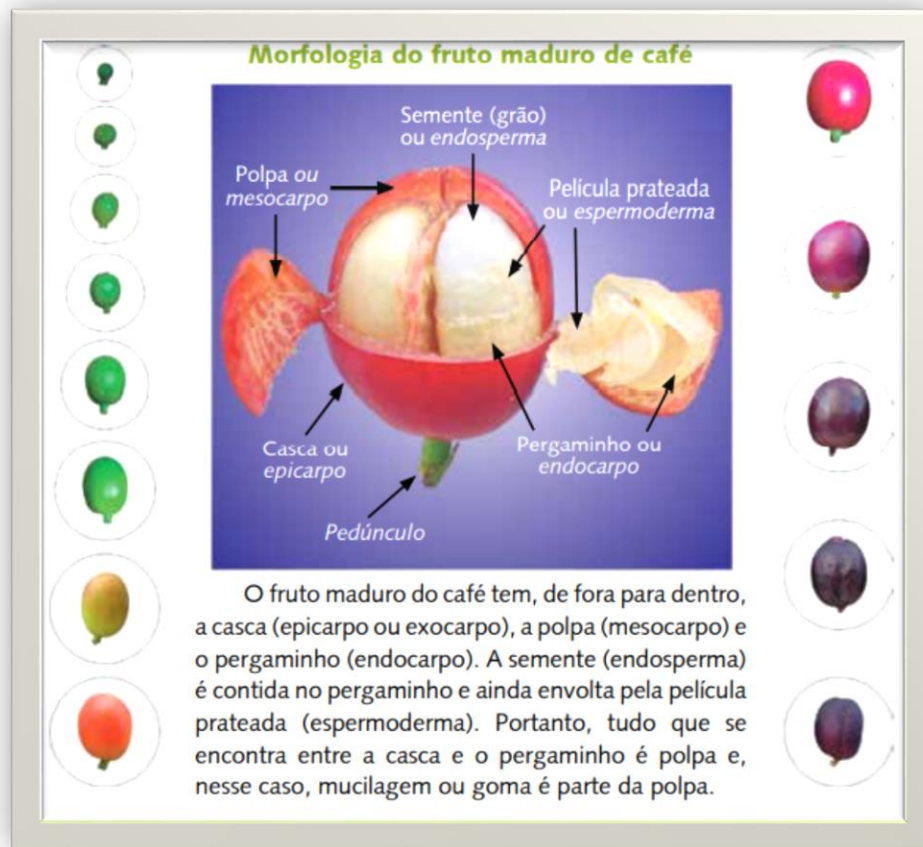
*Era muito bom quando conseguíamos aprender alguma coisa. Eu mesma ficava boba, pois, quando eu tinha abandonado os estudos, mal sabia fazer meu nome.*

*Mesmo com esse tanto de aluno, eu não sei como ela conseguia, porque, no final do ano, já estava todo mundo lendo. Era como uma mágica que não víamos acontecendo, quando nos dávamos conta, já estava acontecendo e era muito gratificante (Limoeiro).*

As turmas eram bem unidas no mesmo propósito. Havia de fato um propósito ao ir para a escola. Nada que pudesse acontecer ofuscava essa busca pelo aprendizado.

O ser humano é complexidade. O grão de um café é tão complexo como um ser humano, podemos observar melhor alguns dos seus detalhes na figura 20.

**Figura 20:** Estrutura de um fruto do Café



Fonte: Mesquita *et al.* 2016, p. 6.

O processo de amadurecimento do café bem como o processo do amadurecimento de um aluno são, da mesma forma, um processo complexo. Nesse caminho, nem sempre, estamos preparados para lidar com algumas adversidades que podem surgir no caminho da sua constituição, como nos relata Daniel Pennac:

Nossos ‘Maus alunos’ (alunos considerados sem futuro) nunca chegam sozinhos à escola. É uma cebola que entra na sala de aula: algumas camadas de desgosto, medo, preocupação, rancor, raiva, vontades não satisfeitas, renúncias furiosas, acumuladas no fundo de um passado vergonhoso, um presente ameaçador, um futuro condenado. Olhe como eles chegam, seus corpos em formação e suas famílias dentro das mochilas. A aula não pode começar antes que o fardo seja depositado no chão e que a cebola seja descascada. Isso é difícil de explicar, mas um só olhar às vezes é suficiente, uma frase de simpatia, uma palavra de adulto confiante clara e estável, para dissolver as tristezas, tornar mais leves esse espírito, instalá-los num presente rigorosamente indicativo (Pennac, 2008, p. 55).

Nem só nossos maus alunos, mas ousaria dizer que todos os alunos são esse complexo de camadas de vivências e cargas pesadas que esperam na escola poder descarregar.

Angel compartilha que, um determinado dia, em meados dos anos 90, estava ministrando uma aula de história. Após as discussões que se seguiam na demanda da aula, ela solicitou que cada aluno fizesse um desenho da sua família. Em sua turma, havia muitos jovens que precisavam estar estudando no ensino noturno, para que, durante o dia, pudessem trabalhar na colheita do café para garantir o sustento próprio e/ou da sua família.

Muitos entre esses jovens eram adolescentes que se tornaram donas de casa ou mães prematuramente. Outros, jovens que viviam em lares perturbadores acompanhados dos mais diversos conflitos.

Aqui, em se tratando de um público composto por jovens e adultos, podemos apreciar o cenário da maturação quase que completo. Na colheita do café, seria basicamente assim:

Após a maturação, inicia-se a senescência do fruto e a seca gradativa da mucilagem. Neste período, podem ocorrer infecções microbianas influenciadas principalmente pela umidade relativa do ar, tanto em frutos na planta, tanto naqueles já caídos, que constituem a parcela denominada varrição (Mesquita *et al.*, 2016, p. 7).

Não sabemos o controle de qualidade, a formação ou a vivência pela qual cada um desses alunos possa ter passado; assim, nesse processo árduo da sua maturação, não temos propriedade nem controle para saber o que carrega cada um em sua história de formação para a vida.

Ao iniciar a atividade, um desses jovens fez o desenho da sua família, e, em meio ao desenho, havia um homem caído. Angel, tomada pela curiosidade, perguntou ao aluno porque havia o desenho de um homem caído na sua família. Foi quando foi surpreendida com a resposta do aluno, que alegou que a pessoa caída era a representação do seu pai, que sempre vivia bêbado e caído pelas ruas. O jovem rapaz foi tomado pelo choro, e uma tristeza imensa invadiu a sala inteira. Nesse momento, o jovem foi acolhido por toda a turma, que o encheu de abraços e palavras reconfortantes. A professora tentou confortá-lo com abraços e palavras.

Angel explica que acolher era um processo natural no crescimento desses alunos. Eles gostavam de se sentir queridos, ouvidos, abraçados. E, na sua tarefa de regar aquelas plantas em crescimento, ela o fazia de bom grado.

Embora, nesse árduo caminho entre plantio e colheita, Angel tenha se deparado com as mais variadas situações, seguia firme no propósito que lhe fora apresentado. O sentimento que Angel possui por aqueles jovens e adolescentes pode ser comparado com o que Daniel Pennac

traz:

Eles eram os *meus alunos*. (Esse possessivo não marca propriedade alguma, ele designa um intervalo de tempo, nossos anos de magistério, quando nossa responsabilidade de professor se encontra inteiramente engajada em relação a esses alunos.) Uma parte do meu ofício consistia em persuadir *meus* alunos de que a gentileza, melhor de que o tapa na cara, predispõe à reflexão, de que a vida em comunidade demanda engajamento de que o dia e a hora da entrega de um dever não são negociáveis, de que um dever mal feito é para ser refeito no dia seguinte, de que isso, de que aquilo, mas também de que nunca, nunca mesmo, nem meus colegas nem eu os abandonaríamos no meio do raso rio [...] (Pennac, 2008, p. 134).

Assim, por meio desse jeito único de agir, o processo de maturação desses meninos vinha se fazendo presente naquela escola de forma tão processual e natural que os frutos começaram a surgir pouco a pouco naquela plantação.

Com raízes bem fincadas, cientes de que pertenciam àquele lugar e de que deveriam valorizar as suas próprias histórias de vida, Angel ensinava e aprendia num movimento cíclico e que combate as barreiras da linearidade.

Na colheita, bem como no ensino, muitas vezes, deve ser feita uma limpeza para que o café venha a produzir melhor no próximo ano:

Consiste em fazer, quando necessário, uma limpeza próxima ou sob a saia do cafeeiro com rastelo ou rodo de madeira, arruadores ou sopradores mecânicos. Evitar remover terra em excesso para não danificar as raízes do cafeeiro. Há casos em que são feitas aplicações de herbicidas na rebrota do mato após ter sido cortado com roçadora tratorizada ou manual (Mesquita *et al.*, 2016, p. 9).

No processo de ensino, o professor também carece de oferecer esse cuidado com a sua plantação, sua sala de aula. Essa limpeza consiste no debate acerca de várias temáticas pertinentes que possam auxiliar o seu público a lidar com questões cotidianas, talvez de uma forma mais leve, que venham a refletir melhor sobre suas vidas de modo a sempre avançar.

Com timidez, ela conta que já houve momentos de desânimo, mas o pessimismo nunca foi a sua maior bandeira. Como sugere Couto (2011, p. 28), “Os desafios são maiores que a esperança? Nós não podemos senão sequer ser otimistas e fazer aquilo que os brasileiros chamam de levantar, sacudir a poeira e recuperar-se. O pessimismo é um luxo para os ricos”.

Num conto de Couto (2011) intitulado de “Os sete sapatos sujos”, ele emprega uma verdadeira lição social sobre a questão da culpabilidade, em que, muitas vezes, insistimos em apontar o outro em lugar de reconhecermos em nós mesmos a responsabilidade por

determinados atos. Ele inicia contando que, em Zâmbia, um pequeno país africano vizinho de Moçambique, estava a comemorar a construção da sua primeira Universidade, que chegara após árdua campanha de arrecadação para fundá-la. Lembra que, na época, em 1966, o então presidente veio a público anunciar que, finalmente, ela estava pronta: a primeira universidade do país. Na época, os zâmbios passavam fome, e a pobreza estava ali instaurada, mas todos da sociedade fizeram uma mobilização maciça para arrecadar fundos para a construção do monumento. Doavam de tudo o que tinham. Naquele ano, Couto (2011) conta que a economia de Zâmbia obteve um dos seus melhores números, que, nem de longe, chegam aos pés da economia de hoje. Passaram-se mais de 40 anos, e nada mudou. Lá está a tão sonhada universidade, mas aquele sonho expresso por senhores idosos da época, que, em suas doações, acreditavam que tirariam seus filhos e netos da pobreza, não passou de utopia.

Couto (2011) convida-nos a várias reflexões quando ele aponta que a pobreza não é apenas uma questão financeira. Ele coloca que, para avançarmos numa sociedade, precisamos nos despir de sete sapatos sujos: o primeiro sapato seria a ideia de que os culpados são sempre os outros e somos sempre vítimas; o segundo sapato é a ideia de que o sucesso não nasce do trabalho; o terceiro sapato é o de que o preconceito de quem critica é um inimigo; o quarto sapato é a ideia de que mudar as palavras muda a realidade; o quinto sapato é a vergonha de ser pobre e o culto das aparências; o sexto sapato seria a passividade perante a injustiça; e o sétimo sapato seria a ideia de que, para sermos modernos, temos que imitar os outros.

Despirmo-nos desses sete sapatos sujos para avançar foi talvez um “tapa na cara” da sociedade para que possa enxergar para além das aparências. Numa escola, também se dá esse processo. O ato de ensinar precisa se despir desses sapatos sujos, que já vêm se apresentando como fuga de uma realidade.

Aqui em Vila do Café, ninguém ficou à espreita da construção de um prédio escolar para fazer a diferença na educação. Educadoras como Angel e Jacarandá vieram e deram o seu melhor, despidas de quaisquer sapatos sociais na luta por um ensino de qualidade. Talvez, se estivessem presas aos estigmas impostos por esses sapatos, que insistem em nos ser calçados hora ou outra na caminhada, Vila do Café não se constituiria como se constituiu atualmente.

Chegava-se ao fim de mais um ano, e Angel orgulhava-se de poder vislumbrar os resultados tímidos e surpreendentes que alcançara com a turma. Eis que é chegado o momento da colheita.

Carlos Magno Mesquita define como avaliar o período ideal para a colheita:

Consiste na avaliação do grau de maturação do café em cada gleba ou talhão,

devendo ser feita próximo à colheita. Tem como finalidade orientar na tomada de decisão de iniciar ou não a colheita, como também definir com melhor precisão e clareza por qual talhão ou gleba deverá iniciar-se a colheita (Mesquita *et al.*, 2016, p. 11).

Num determinado momento do ano, Angel já tem a decisão ideal para dar início ao processo da colheita. Avalia dados, comprometimento, aproveitamento, avanços, percepções, empenho, enfim, um conjunto de fatores determinantes para decidir-se segura sobre o desempenho da sua turma.

Com resultados que se estendiam entre 80 e 100% dos alunos em processo de maturação, a alfabetizadora podia finalmente colher alegremente os frutos advindos dessa difícil e longa caminhada. Colhe com orgulho. Mesmo havendo os que não conseguiam alcançar a maturação completa até o final, nunca desanimava com a escola e estava pronta para continuar recebendo os cuidados do plantio no ano seguinte. Como em toda plantação, eles já compreendiam que o processo de maturar é lento e desigual, o que não removia o êxito de apreciar aquela professora que sempre esteve lá.

Como o despertar para uma boa colheita, Angel cumprira sua missão.

Fim de ano, e o saldo, que apresenta números positivos e negativos, venceu como um todo o fardo do cansaço de um ano letivo completo, e a professora descansa para que mais um ano letivo se inicie.

Angel é uma educadora que chegou a Vila do Café no ano de 1989, acompanhada do seu marido e com uma filha de apenas 3 anos, na tentativa de começarem uma nova vida.

Ela também lecionou lá naquele canto improvisado nos primórdios da implantação do ensino no Vilarejo de Vila do Café.

Testemunhou de perto os avanços pelos quais passou nosso vilarejo e viu surgir cada prédio escolar que foi instaurado ao longo dos anos.

Acompanhou as idas e vindas de muitos alunos que sentiam vontade de estudar, mas que, muitas vezes, foram vencidos pelo cansaço. No ano seguinte, sempre tentavam mais uma vez.

Além de inspirar alunos e professores de toda a região, é uma inspiração pessoal para mim. Hoje, com 56 anos, Angel segue lecionando com o mesmo carinho e dedicação de sempre de modo a proporcionar o melhor do ensino para os seus alunos.

Dos seus 34 anos de carreira na Educação, a única instituição local na qual não experimentou lecionar foi a creche Municipal Nelzira Palles; nas demais, teve oportunidade de oferecer um pouco da linda essência de seu trabalho em cada uma delas. Ao caminhar pelas

ruas, sempre é elogiada pela brilhante atuação como uma professora que marcou a vida de muita gente nesse pequeno vilarejo.

Seu trabalho excepcional, principalmente com a alfabetização de jovens e adultos, sempre é lembrado por pessoas adultas e idosas que vivenciaram a experiência de estar com essa profissional em sala de aula.

Quem diria que alguém com uma história de vida tão brilhante possa ser também uma pessoa que enfrentou os mais variados desafios.

Vivenciou um casamento frustrado. Hoje, permitiu-se dar uma nova chance para o amor e estabeleceu uma união com outra pessoa, por quem tem muito carinho e apreço e com quem convive de forma harmoniosa.

Teve três filhos: uma menina e dois meninos. Os meninos chamam-se Anderson e Robson. Anderson formou-se em engenharia Elétrica e foi desvendar os solos portugueses, onde fez mestrado, instituiu moradia na companhia de sua esposa e vivencia o doutorado. Robson cursa Sistemas da Informação em Vitória da Conquista, onde reside já há algum tempo; é o mais jovem da família.

A menina... Bem, aquela menina é a mesma que chegou aqui em Vila do Café acompanhada da Angel com apenas 3 anos e que vos escreve nesta dissertação contando resumidamente e toda orgulhosa uma breve história da carreira de sua mãe.

Fachada da Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães, Vila do Café, Encruzilhada, BA. 22 de setembro de 2022



Fonte: Arquivo da autora.

**4 A MINHA ESCOLA TRANSITA  
PELO TEMPO: O TRANSITÓRIO E  
O PERMANENTE**



#### 4 A MINHA ESCOLA TRANSITA PELO TEMPO: O TRANSITÓRIO E O PERMANENTE

O interessante das escolas é que nelas ocorrem ciclos constantes, assim como na vida. Mas, apesar de constante, existem possibilidades de mudança; pais, filhos, netos que ali estão vão perpassando anos após anos, e nós, professores, ficamos.

Desde a escola enquanto espaço físico até sua influência na sociedade e todas as possibilidades vivenciadas dentro e fora da sala de aula, o ato de ensinar é de fato um processo complexo. Porém, o ato de ensinar também nos convoca ao ato de reaprender a aprender, conforme nos apresentam Edgar Morin e Anne-Brigitte Kern em seu livro *Terra Pátria*:

Precisamos aprender a ser aí (dasein), no planeta. Aprender a ser é aprender a viver, a partilhar, a comunicar, a comungar; é isso que se aprendia nas e pelas culturas fechadas. Precisamos doravante aprender a ser, viver, partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. Não mais apenas a ser de uma cultura, mas a ser terrestres (Morin; Kern, 2003, p. 90).

Decerto, nesse processo da caminhada, adquirimos vínculos e logo nos percebemos aprisionados a esses laços constituídos. Com isso, vamos assistindo a esses ciclos que acontecem constantemente de forma quase que automática nas vidas dos que por ali passam e deixam sempre um pouco da sua história, assim como partem levando um pouco ou muito de cada um de nós.

Do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução; mas este produto é, ele próprio, reprodutor em seu ciclo, já que é o indivíduo que, ao se acasalar com indivíduo de outro sexo, produz esse ciclo. Somos, portanto, produtos e produtores, ao mesmo tempo. Assim também, quando se considera o fenômeno social, são as interações entre indivíduos que produzem a sociedade; mas a sociedade, com sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura (Morin; Kern, 2003, p. 119).

Tais interações ocorrem constantemente no ambiente escolar. As interações ficam mais intensas quando trabalhamos ao lado de pessoas com as quais temos vínculos afetivos. A cada início de ano letivo, observa-se uma renovação de um novo processo de colheita.

Era início de mais um ano letivo, e todos estavam retornando após o período de férias escolares. Aquela escola, que já passou por tantas mudanças ao longo dos tempos, continua ali, localizada nas proximidades da saída do vilarejo de Vila do Café, zona rural do Município de Encruzilhada. Sua localização é na saída do vilarejo com destino a um povoado ainda menor,

que se chama Boa Vista da Tapera, com o qual Vila do Café faz fronteira e fica distante cerca de sete quilômetros em uma das extremidades. Essa mesma escola é onde compartilho do mesmo ofício de minha mãe, meu esposo e também grandes amigos que fazem parte da minha história de vida.

Uma instituição de ensino que é para mim como uma segunda casa. Suas salas de aula são muito bem distribuídas, sua sala de professores, que, ora está numa posição, ora muda para outra, tem histórias que não caberiam em um só livro. A escola que acolhe aqueles que dela fazem parte adequa-se ao clima da região. O frio assustador do inverno faz com que suas paredes denunciem o clima extenuante e frio, pois é possível ver refletida nas paredes, principalmente do pátio da escola, uma umidade da qual o local fica tomado nos períodos do inverno. Já no calor, também merecera uma atenção especial, uma vez que, antes, dispunha de pouquíssima ventilação e esse calor se fazia insuportável. Agora, toda reformada e com janelões amplos, atende melhor a demanda da circulação do ar. De fato, ela se adapta a qualquer situação.

A escola também fica situada bem ao lado de um posto de combustível e também próxima de um posto de saúde, com o qual trabalha sempre em parceria, o que ajuda muito em vários momentos. Recebe alunos de toda a microrregião<sup>10</sup> local. Foi fundada no ano de 1999 e recebeu esse nome em homenagem ao então político Luís Eduardo Magalhães<sup>11</sup>.

Já teve muitas cores. Geralmente, muda a cor da sua pintura a cada 4 anos, quando há mudança de gestão pública municipal, que prioriza geralmente as cores em destaque nos partidos para decorar prédios públicos e não faz com que todos esses espaços percam por completo a sua real identidade. Independente das cores pintadas, nada muda na sua essência, de gente comprometida e preocupada com os seus. É uma questão cultural local. Talvez a ideia de imputar nos espaços públicos novas cores venha a representar algo para além do colorir; talvez seja o marco de uma renovação necessária: uma nova gestão, novos ideais, novos saberes a serem introduzidos. Ainda que as cores sejam modificadas com certa frequência de tempo, a essência é permanente (Figura 21).

---

<sup>10</sup> Denominação utilizada para se referir às regiões da zona rural de difícil acesso e distantes da sede, que é o vilarejo de Vila do Café.

<sup>11</sup> Filho do ex-governador da Bahia e senador Antônio Carlos Magalhães, um dos mais importantes políticos brasileiros, Luís Eduardo Magalhães morreu quando estava no auge de sua carreira, preparando-se para disputar o Palácio de Ondina (residência oficial do governo baiano). Nascido no dia 16 de março de 1955, quando seu pai iniciava a carreira política como deputado estadual, Luís Eduardo demonstrou logo cedo a sua vocação ... (Uol, 2006).

**Figura 214:** Sala de aula da Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães, ano 2011, com suas cores laranja e branca



Fonte: Arquivo da autora.

Pensar nas questões antagônicas entre o transitório e o permanente transporta-nos para uma infinidade de possibilidades. No que diz respeito ao ensino, são duas discussões presentes e cotidianas cujo entendimento, muitas vezes, passa despercebido pelos nossos olhos.

Nesse aspecto, trazendo para os princípios da Teoria do Pensamento complexo, Morin e Kern (2003) apresentam-nos o conhecimento como sendo algo bem diferente do comum, pois seria algo multidimensional e provocador que aponta que não há possibilidade de existir um conhecimento completo e reconhece que o transitório é algo que faz parte de todo um esquema organizacional de conceitos, logo, permeado de incompletude e incertezas.

Uma unidade escolar pode apontar o que é transitório e o que é permanente a partir de diversos aspectos: quer seja no que diz respeito aos aspectos humanos, quer seja nos aspectos físicos.

Em se tratando dos aspectos humanos, podemos elucidar a questão dos profissionais que compõem o quadro de funcionários de uma escola. Muitos deles estão ali desde quando iniciaram suas carreiras na educação, independente do cargo que ocupam ou ocuparam. Alguns vêm e vão. Assim, esse processo vai se constituindo ao longo dos tempos.

O conceito por trás da palavra transitório faz-nos perceber que seria aquilo que é

temporário, que dura apenas certo tempo e, depois, se desfaz, ou seja, nada no qual podemos fincar nossos pés. Logo, a partir da questão dos funcionários que, constantemente, são movidos de uma escola para a outra, podemos vulgarmente dizer que esses passaram por um processo transitório. Contudo, essa análise precisa ser constantemente revisada e repensada. Assim como Pennac (2008) discute a questão dos professores que estão lá, presentes de fato em suas salas de aula, também necessitamos averiguar quais funcionários estão verdadeiramente presentes em suas funções.

Há funcionários desde o porteiro até o diretor, que, no exercício de suas funções, mais que cumprir seus deveres burocráticos, cativam e acolhem para si alunos, colegas de trabalho e a comunidade do entorno. Esses, mesmo que precisem se deslocar para outra escola por motivos de força maior, sempre serão lembrados pela “marca” que imprimiram na vida das pessoas com as quais conviveram. Assim, esse funcionário viveu um processo transitório, mas ficou marcado permanentemente naquela história.

O que é permanente é algo que não se apaga à medida que se tece o tempo. É algo que estará sempre lá, ainda que se passem muitos anos; sempre impregnado nas lembranças e auxiliando a reviver a história perpassando entre as gerações.

As escolas são um portal de permanentes lembranças.

Nas minhas vagas lembranças, consigo vislumbrar os meus caminhos dentro da escola na pessoa de uma aluna que sempre esteve ali presente na tarefa de aprender. A escola em que hoje leciono foi parte de apenas 1 ano na minha trajetória em lugar de aluna. Contudo, em minha trajetória de educadora, é lá que leciono desde os 19 anos.

Quando aluna, lembro-me bem de colegas que sumiam por algumas semanas da escola e, depois, retornavam. Alguns deixavam de frequentar somente alguns dias. Havia muita compreensão por parte dos professores, que os acolhiam de volta como se nada tivesse acontecido.

Não sei se era algo comum nos tempos mais remotos, nós, crianças e adolescentes, não discutíamos muito as necessidades alheias. Evitávamos ficar incomodando as pessoas com seus motivos pessoais mediante algumas decisões. Não sei se era o meu jeito peculiar de me encaixar na sociedade, só sei que ninguém questionava nada. Pelo menos, eu não percebia. Talvez não tivesse a maturidade necessária para compreender que, nos lares de alguns colegas, faltava-lhes de tudo e que o período em que desapareciam misteriosamente da escola fosse justamente aquele momento da tão esperada colheita do café. Período este em que, finalmente, poderiam ter a oportunidade de ajudar seus pais com a renda daquele momento.

Os que saíam um dia ou outro e ressurgiam eram denunciados pelo cansaço presente em

seus olhares. Geralmente, tímidos e de poucas conversas, apenas faziam o que precisava ser feito.

Só hoje percebo que, apesar de ter sido criada longe dos corredores das colheitas do café, elas estavam mais próximas de mim do que eu poderia imaginar. Eram parte do contexto social explícito e escancarado que impactava diretamente as salas de aula.

Já adolescente, com a curiosidade mais aguçada, as conversas começam a ganhar forma, e, então, começamos a compreender para além daquilo que está escancarado nos olhares. Assim, começamos a nos dar conta do quanto há de famílias carentes num vilarejo como o nosso. Toda essa diversidade acaba se encontrando num mesmo espaço, que é a sala de aula.

A escola que transita pelo tempo com suas várias turmas, profissionais e cores, naquele momento, ainda surgindo no cenário, já agregava para si histórias inesquecíveis e desafiadoras de meninos que, ainda adolescentes, já tinham que carregar o peso dos sacos molhados do café em suas costas. Jovens que, talvez, não estivessem preparados para tal tarefa, mas não tinham escolha. Outros até tinham, outros até se divertiam na atividade, posto que fazê-lo sem uma necessidade evidente e tortuosa deve ser bem mais reconfortante do que se ver obrigado e/ou, muitas vezes, sem outra alternativa. Geralmente, não lhes restavam outras alternativas a não ser encarar a lida com a colheita tão jovem e sem muita força ou habilidades, para ajudarem no sustento da família.

Talvez por falta de compreensão ou de orientação, ou por escolha própria, as famílias fossem sempre grandes. Dificilmente, conhecíamos famílias que se limitavam a 2 ou 3 filhos, sempre era um número maior. Essa dificuldade de planejamento familiar advinda dos mais diversos fatores acarretava dificuldades para manter alimentadas tantas crianças. Consequentemente, acabava também gerando aquela situação que já foi lembrada de os pais saírem para a lida com o café e deixarem as crianças sob a responsabilidade das crianças maiores.

Superar tantos desafios e seguir estudando são a marca registrada desse lugar. Não precisa caminhar muito pelas ruas, basta interrogar outro morador que está por aqui há um certo tempo, e é fácil perceber que essa história meio que se repete.

Do outro lado da situação, agora como professora nessa mesma escola, coloco-me a visitar o passado e me questiono o que poderia passar na cabeça daquelas crianças, jovens e adolescentes que, tão cedo, foram expostos a trabalhos tão exaustivos. Alguns desafios podem tornar as pessoas mais fortes, outros, nem tanto. Alguns podem guardar gratidão, outros, revolta. Ao pensar em tal questionamento, penso em vários perfis. Alguns, mesmo em meio à cobrança de se desvendar nas fazendas de café a serviço da colheita, tinham pais que viam nos

estudos um alento para o futuro. Lembro que alguns pais sempre vinham avisar quando um aluno ia precisar se ausentar uns dias para a colheita, mas que retornaria, pois, para eles, estudar vinha em primeiro lugar, apesar de não ter como deixar a tarefa da colheita de lado devido às suas maiores necessidades financeiras.

Alguns desses meus colegas da época constituíram-se fazendeiros e/ou pequenos produtores aqui na região e seguem na lida até os dias atuais. Os que tiveram condições construíram outros caminhos, outras narrativas Brasil afora em busca de outras condições de vida. Eu tive o prazer de permanecer e retornar para uma escola onde estudei para lecionar. Vencemos. Cada um a seu modo, cada um no seu tempo, cada um dentro de suas condições.

As paredes frias do inverno na escola carregam traços de muitas histórias que por ali passaram. Elas estão todas lá, presentes não só nos arquivos escolares que traçam um curto perfil de cada cidadão, mas estão lá. Volta e meia, ressurgem quando somos agraciados com a visita de parentes ou dos próprios alunos, que, após certo tempo, retornam em eventos, festividades ou outro momento qualquer. Contam-nos orgulhosos que já estiveram ali naquele lugar aprendendo algo importante para suas vidas.

O sentimento de gratidão é algo permanente, após acolher e vislumbrar alguns desafios marcantes, mas que foram temporários em suas vidas.

Enquanto professores, não vai nos faltar lembrança de alunos que por ali passaram. Quanto aos alunos, espera-se que estes se formem, constituam carreira, trilhem novos caminhos e, um dia, ao retornarem ao local de origem dos seus estudos ou ao relembrem momentos do ensino na sua infância, adolescência, sempre vão se recordar dos professores que tiveram. Vão ser as mais variadas lembranças. Algumas boas, outras, nem tanto, mas marcas permanentes estarão sempre presentes na constituição de suas histórias.

Alguns podem se lembrar das características físicas, outros vão se lembrar dos momentos dos intervalos. Haverá os que se lembrem de profissionais que ficaram por curto tempo, outros manterão acesas as memórias dos que estão lá até os dias atuais, bem como daqueles que já nos deixaram. O que permanece de fato são as lembranças, os ciclos sociais, os momentos de vivências que marcaram as suas histórias das mais variadas formas possíveis.

O que é permanente para alguns pode não ser permanente para outros. Fato é que vivências positivas ou negativas baseiam-se nas experiências pessoais e interpessoais de cada ser humano dentro do contexto no qual está inserido.

Partindo das discussões que elucidam o transitório e o permanente no espaço escolar, Carlos Ademir Farias nos propõe:

Passado e presente são *imagens-sínteses* através das quais representamos para nós o que foi e o que hoje é. É assim que o passado sobrevive no presente e esse no futuro, pois todo sistema de transmissão de cultura tem como característica conservar, memorizar e transmitir uma herança cultural de saberes e hábitos, valores e ideias, portanto, conhecimento. Essa transmissão, feita de geração em geração, de forma oral ou prática, constitui-se no conjunto dos testemunhos, conservados ou desaparecidos que materializam a vida de uma sociedade (Farias, 2006, p. 58).

Repensar o que foi a escola e o que é hoje, bem como imaginar o seu futuro após seguidas transformações das suas múltiplas cores, deixam transparecer que muito da sua cultura mantém-se preservada na comunidade do entorno.

Retomo Mia Couto em seu conto *O incendiador de caminhos*, quando se viu convidado a falar aos seus conterrâneos sobre a imensa preocupação ambiental com as queimadas. As queimadas são um problema global e, de tempos em tempos, trazem grandes tragédias para quem lida de perto com a situação (Couto, 2011). Porém, conta os motivos que levam aqueles homens a incendiarem, mesmo que sem querer, suas matas. Ao absorver o contexto histórico elucidado pelo livro, fica claro que mais do que os malefícios causados ao meio ambiente, há por trás de tudo aquilo ali uma questão de identidade cultural tão forte que seria incapaz de pedi-lo para abolir a prática. Na verdade, aqueles homens passam parte do seu tempo visitando pessoas. As visitas em Moçambique são algo corriqueiro. Como não há tecnologias e o acesso à informação é bastante escasso, o único meio de esses visitantes retornarem para sua casa é atear fogo no caminho por onde passam para garantirem o seu retorno com segurança aos seus lares. Em situações de seca extrema, infelizmente, esse fogo acaba se alastrando por um espaço maior que o previsto, mas isso é um processo comum em seu itinerário de visitante, que tem nesse ofício a intenção de promover sempre o diálogo entre as comunidades do local e, desse modo, garantir a paz. Assim, Mia Couto expõe:

Sendo um intruso nesta lógica, jamais aceitei a militância que me incumbiram no combate às queimadas: nunca fui capaz de dissuadir um desses incendiadores de caminhos. É bem verdade que não me move suficiente convicção. Mesmo que tivesse fortes crenças, nunca conseguiria desconvencer um desses camponeses. Porque eles são movidos por razões que não serão apenas práticas [...] (Couto, 2011, p. 71).

A verdade é que, segundo Couto (2011), em países melhor desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento, talvez seja mais fácil para um biólogo convencer as pessoas sobre alternativas mais viáveis para demarcarem seus caminhos. Uma coisa é fato consumado: há méritos cartográficos culturais impregnados na vida desses incendiadores de caminho bem

mais evidentes que em muitos de nós. Talvez eles consigam se localizar melhor geograficamente pelas suas terras que qualquer um de nós cheios de nossos GPS e celulares de última geração. É mesmo uma questão da sua identidade cultural.

Além da questão dos incendiadores de caminho de Moçambique, assim como a questão de os prefeitos mudarem as cores da escola, podemos citar também outro fator que demarca essa questão cultural aqui em nossa região: o caso das fogueiras do período junino.

Na região Nordeste, as festas em homenagem ao São João Batista, que ocorrem sempre em 24 de junho, são marcadas por outro fator que impacta diretamente as discussões ambientais, que é a questão da manutenção das fogueiras juninas. Há um costume de a população reunir-se em frente às suas casas nas noites frias de São João em volta das suas fogueiras. Ali, ficam contando suas histórias, compartilhando ideias sobre a colheita de café, que está vibrante nesse período do nosso inverno. Muitos comem carne assada, tomam suas bebidas e, assim, viram noites e mais noites até que a fogueira, finalmente, deixe de existir. As questões ambientais por trás dessa situação são imensas. Já há lugares em que a logística para preparo dos espaços para as festas juninas não seguem mais aquele padrão de palhas de coqueiro, madeira e todos os outros adereços naturais, em respeito à legislação ambiental. Mas como dizer a um povo que cresceu vendo seus antepassados construírem enormes fogueiras como propagação de fé e religião que não poderão mais realizá-las?

Talvez, assim como é para o incendiador de caminhos ou como é para cada prefeito que assume uma prefeitura, bem como para o pessoal que propaga sua fé por meio das fogueiras, tudo gira em torno de uma possível transformação e renovação da fé e do contexto político e/ou social. O fato, em ambos os casos, é que também se trata de uma questão de respeito à identidade cultural de cada um desses povos que permanecem resistindo a todas essas adversidades.

Contudo, independente das cores que se renovam nas fachadas das escolas a cada 4 ou 8 anos, arriscaria dizer que é como uma escola-mãe. Mãe por acolher tantas outras escolas da microrregião<sup>12</sup> que foram anexadas a ela e por ser reduto de filhos inesquecíveis que alçaram voos longínquos para o sucesso. Uma mãe pela qual muitos são gratos por ali terem passado.

Quando adentrei para lecionar pela primeira vez na escola, no ano de 2006, era inexperiente. Tudo o que carregava dentro de mim era uma vontade enorme de ensinar da melhor forma para os meus alunos. Queria exercer o meu papel de uma forma tão brilhante como a forma de ensinar da minha mãe. Ao me deparar com a primeira turma, uma turma de 1ª

---

<sup>12</sup> Nome dado aos anexos de zona rural próximos ao vilarejo onde há outras pequenas escolas cujas dependências pertencem a uma escola maior.



série, fiquei encantada com tantos rostos, tanta diversidade, tantas famílias diferentes representadas num mesmo espaço. Não passavam de 20 alunos.

A princípio, lecionava apenas 20 horas, mas a empolgação era tamanha que, em casa, eu trabalhava dobrado para levar sempre alternativas de ensino diferenciadas para eles.

Num mesmo espaço, eu percebia alegria, famílias estruturadas, pessoas com boas condições financeiras para se alimentar, vestir-se e comprar qualquer tipo de material que quisessem. Também havia aqueles que levavam seu material numa sacola de supermercado, não tinham o seu lanche na hora da merenda e cujas sandálias estavam constantemente emendadas.

Uma professora em início de carreira é quebrada ao meio quando se depara com determinadas situações. Havia em mim uma vontade de acolher todos como se fosse um pássaro que acolhe seus filhotes embaixo de suas asas. Não queria que o sentimento de inferioridade invadisse aqueles corações cheios de sonhos e que acabaram de chegar às escolas. Ao mesmo tempo, eram apenas crianças, sem maldade no coração e que, na maioria das vezes, não olhavam para o outro de acordo com as condições financeiras evidentes que se apresentavam, simplesmente se olhavam como crianças.

A colheita do café ainda não impactava essas turmas iniciais de forma muito evidente, pois eram imaturos para a lida. Vivenciavam a ausência dos pais na maior parte do dia envolvidos com a tarefa.

A escola começou a crescer e a receber mais alunos. Eu e mais algumas outras colegas fomos promovidas a lecionar mais 20 horas nas séries finais do ensino fundamental. Lá o contraste era maior. Começava a ser mais evidente a distorção idade/série, já tínhamos alunos em processo de trabalho, e as disparidades econômicas geravam certos comportamentos desagradáveis por parte de alguns.

Trabalhar 40 horas semanais em duas realidades bem distintas foi, a princípio, desafiador. O carinho da turma da segunda série no turno matutino e o comportamento bem mais variado das turmas de 6º e 7º anos no turno vespertino exigiram uma adaptação bem inesperada.

Em pouco tempo, já conseguia lidar com todas as disparidades entre as realidades apresentadas no mesmo espaço escolar, e nada era mais tão espantoso para mim.

Adaptar-me talvez tenha sido o que mais fiz ao longo da minha vida. Foi nesse mesmo ano de 2007 que comecei a lecionar 40 horas semanais e também dei início ao curso de Geografia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). As coisas foram acontecendo muito rapidamente. A capacitação profissional era necessária para o meu crescimento profissional.

De lá para cá, nunca mais parei.

Cursei pós-graduação em Gestão Educacional pela Universidade de Candeias, veio em seguida o curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) através do Plano Nacional de Formação de Professores (Parfor), iniciei o curso de Ciências Biológicas pelo Instituto Educacional Cândido Mendes, cuja matrícula tranquei quando fui aprovada no Mestrado em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn/Uesb), o qual estou concluindo.

Estudar sempre foi algo que me instigou muito. Já não consigo me ver sem buscar alguma forma de conhecimento, está impregnado em mim quase que como uma obstinação.

A escola também não parou. Só cresce constantemente.

Atualmente, apresenta-se com suas paredes azuis e brancas, mas me recordo claramente de que, naquele outono de 2007, quando fui tomada por um questionamento tão impactante numa aula de ciências, ela estava pintada de laranja e branco. Metade da sua fachada era laranja, e a outra metade era branca. Não tinha o mesmo número de divisões de que dispõe hoje, porque ainda era uma jovem unidade escolar que estava constituindo a sua história e deveria ter por volta de 5 anos de existência.

A equipe escolar, que é composta do porteiro, zeladores, merendeiras, professores, equipe gestora (direção, vice direção, coordenação) às secretárias, ainda que sofra alterações ao longo dos tempos, sempre foi uma equipe próxima, não sei se isso é uma característica de escolas do interior, mas é um ambiente familiar. Ao final, todos acabam sabendo como está um e outro em seu íntimo. No fundo, grande parte encontra ali um espaço para diálogo onde pode se abrir e contar com o próximo.

Nunca se ouviu falar em um ambiente hostil, pois não há como prevalecer um ambiente dessa forma num cenário onde impera a boa vontade. De fato, lidamos de humanos para com humanos, e não há só laços de trabalho, mas também de amizades.

As salas de aula sempre foram muito coloridas. Pintadas com cores alegres e decoradas com materiais diversos que incentivam a aprendizagem dos alunos. “O planejamento cuidadoso do ambiente da sala de aula é uma parte integrante da gestão do professor, afinal, criar uma sala de aula confortável e funcional é um modo de mostrar aos seus estudantes que você se importa com eles” (Weinstein; Novodvorsky, 2015, p. 32). Suas paredes estavam todas enfeitadas com alfabeto colorido, números dançantes, vogais vivas, calendário interativo, datas de nascimento dos meus alunos e trechos da tabuada espalhados em várias partes.

O fato de decorar o espaço escolar para crianças que estão em processo de alfabetização é percebido como um ensinamento mais que necessário com a finalidade de despertar novas

ideias. E esse despertar de novas ideias precisa estar imputado em todo o espaço escolar, conforme nos diz Farias:

A escola igualmente precisa sofrer um abalo sísmico em suas bases e estimular os sujeitos a pensar, imaginar e reorganizar o conhecimento que hoje é transmitido, pois vivemos atualmente profundas e aceleradas mudanças sociais no panorama mundial. O modo de ser e de pensar, de sentir e agir das pessoas se transforma em uma velocidade jamais vista. A escola não pode ficar alheia a tais transformações. É preciso repensar o conhecimento que os alunos estão recebendo e ao qual estão tendo acesso dentro e fora da sala de aula (Farias, 2006, p. 53).

Dentro da sala de aula, podemos ter a oportunidade de transmitir esse conhecimento de forma alegre e colorida para que os dias de cada um de nossos alunos sejam cheios de boas energias.

Sempre que entro pela porta da escola, já sinto uma energia positiva proporcionada pela variação de cores que a decoração apresenta, e as crianças também se sentem acolhidas com a decoração e todo o cenário.

A questão cultural de um determinado lugar, uma vez enraizada, define a história dos indivíduos ali nascidos, bem como a história de identidade do próprio lugar, conforme discute Mia Couto:

Apesar de tudo, vivemos numa sociedade que tem uma característica muito curiosa: aqui se glorifica o indivíduo mas nega-se a pessoa. Parece um contrassenso, mas não é. Afinal, há distância entre estas duas categorias: indivíduo e pessoa. Indivíduo é um ser anônimo, sem rosto e sem contorno existencial. A história de cada um de nós é a de um indivíduo a caminho de ser pessoa. O que nos faz ser pessoa não é o Bilhete de Identidade. O que nos faz pessoas é aquilo que não cabe no Bilhete de Identidade. O que nos faz pessoas é o modo como pensamos, como sonhamos, como somos outros. Estamos, enfim, falando de cidadania, da possibilidade de sermos únicos e irrepetíveis, da habilidade de sermos felizes (Couto, 2011, p. 84).

A partir desse pensamento, talvez possamos refletir que as cores da escola são algo transitório, bem como um indivíduo qualquer sem o seu bilhete de identidade; mas a sua identidade, aquilo que define as suas principais características é algo permanente que, realmente, o dignifica e o caracteriza independente do lugar que ocupa na sociedade. Não adianta trocar-lhe suas cores, a sua identidade é algo permanente.

Contudo, a escola, para mim, mais que uma unidade escolar que varia suas cores a depender das necessidades da gestão vigente, marca a minha vida enquanto educadora. Exerce marca importante por ser essa a escola onde iniciei a minha carreira e onde estou até os dias

atuais. Lá fui acolhida, e depositaram em mim as expectativas de que seria uma boa profissional. Acreditaram que eu poderia exercer a profissão com o maior zelo e respeito e assim eu tenho procurado fazer.

Aqui, nesta escola, neste lugar, já percorri os mais diversos postos disponíveis para o trabalho no campo pedagógico educacional, e tudo isso só fez crescer em mim um maior carinho e zelo por essa profissão.

Penso que todo professor deva ter essa oportunidade de transitar pelos cargos que gerem uma unidade escolar, pois cada um deles tem algo a acrescentar no exercício da docência. Em cada um desses, aprendemos a ter um olhar mais sensível a determinadas situações.

A escola e o vilarejo de Vila do Café são os meus lugares neste mundo que me conectam com vários outros lugares. Um vilarejo onde se colhe o café e uma escola que troca de cores permeando o meu fazer pedagógico.

Quando me refiro ao lugar, do ponto de vista geográfico, poderíamos caracterizar lugar de várias maneiras. Trouxe um conceito de Braz de Oliveira e Costa Sobrinho, que nos diz assim:

Sobre o lugar este conceito possui concepções distintas dentro da própria ciência geográfica, mas podemos atrever-nos a dizer que a concepção humanística é a que melhor se enquadra em um processo de ensino aprendizagem da geografia escolar, pois leva em consideração o vivido e a subjetividade que envolve a percepção dos alunos sobre o lugar e o caracteriza como lugar vivido e familiar (Braz de Oliveira; Costa Sobrinho, 2018, p. 22).

Assim é para mim esse lugar: aqui está minha história de vida entrelaçada de forma indissociável com um vilarejo e uma escola que permeiam o meu fazer pedagógico. Desvendar as histórias por trás da constituição do meu lugar de vivência foi de fato uma experiência única e complexa que marcará toda a minha trajetória.

Vila do Café é muito mais que um vilarejo que produz café. Vila do Café é um reduto de pessoas que possuem uma capacidade incrível de se reinventarem em meio às adversidades, que plantam e colhem com uma sabedoria incalculável e que têm muito a ensinar.

Todo esse resgate histórico convida-nos a dar ênfase à importância de transmitir esse enredo antes que seja silenciado pelo tempo. Algo a que Carlos Ademir Farias nos chama a atenção quando diz:

Ao lado dos conteúdos escolares de natureza científica, grande parte da população do planeta, que não tem acesso à cultura letrada, se educou com base nessas emblemáticas histórias milenares que foram sopradas pelas vozes

ancestrais como sementes ao vento. Ao voarem em várias direções, elas acomodaram-se em diferentes solos e germinaram de maneira variada em cada um deles, gerando, assim, novas sementes que serão levadas, por outras rajadas de vento, para terras distantes, onde irão se reproduzir em novas histórias, novas ideias, novas vidas, cumprindo, dessa maneira, o ciclo vital e o caráter circular e recorrente que está implícito em cada narrativa (Farias, 2006, p. 15).

Há quem diga que viemos a este mundo com missões estabelecidas em nosso subconsciente (ouvi por aí de um desses moradores). Se assim for, talvez a minha missão seja essa de propagar a história local, ao mesmo tempo em que a entrelaço com Moçambique, Paris e tantos outros locais de vivência de tantas outras pessoas, para dar voz a uma herança cultural que ora se via ameaçada de desaparecimento.

Para além das cores da escola, há situações corriqueiras que nos deixam meio que inquietos e incertos de nossas ações.

Vista distante da Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães, ano 2011, com suas cores verde e branca



Fonte: Arquivo da Autora.



## 5 REAPROXIMAÇÕES

O relato apresentado no início dessa dissertação sobre um simples questionamento numa aula de ciências move os meus pensamentos até os dias atuais. Naquele tempo em que fui tomada pela dúvida e incerteza que invadiram o meu pensamento, ainda não compreendia a incerteza como sendo algo de tamanha magnitude.

Edgar Morin explica que:

[...] o paradigma de complexidade, que nos ajuda a reconhecer a complexidade das realidades, não produz a certeza. Ao contrário, ele nos ajuda a revelar não apenas as incertezas inerentes às próprias estruturas de nosso conhecimento, mas também os buracos negros de incerteza nas realidades presentes (Morin; Kern, 2003, p. 126).

Como apontado anteriormente, os buracos negros das incertezas são algo mais comum do que se possa imaginar, porém não havia em mim maturidade para refletir sobre a dúvida de uma maneira mais ampla, mais aberta.

“A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento” (Morin; Kern, 2003, p. 55). Esse pensamento de Edgar Morin é para mim um ensinamento de como eu não deveria ter me preocupado com a indagação daquela criança que tanto mexeu comigo naquele momento, afinal, dizer o que está certo ou errado vai muito além do que o simples observar superficial dos fatos.

E chegamos à grande revelação do fim do século XX: nosso futuro não é teleguiado pelo progresso histórico. Os erros da predição futuroológica, os inúmeros fracassos da predição econômica (apesar e por causa de sua sofisticação matemática), a derrota do progresso garantido, a crise do futuro, a crise do presente introduziram o vírus da incerteza em toda parte (Morin; Kern, 2003, p. 60).

Assim, seria simples demais ter uma resposta pronta, certa e perfeita para seres humanos que são em si tão vastos de complexidade. A sua essência de formação gira em torno das incertezas cotidianas, e essas incertezas permeiam, sem sombra de dúvidas, o campo educacional.

Relembrar essa aula de ciências de 16 anos atrás continua provocando em mim inúmeras reflexões.

Posso afirmar que tal evento é parte dos movimentos permanentes que mantêm viva a

identidade daquela escola. Talvez o conceito de identidade seja, também, um conceito muito individual.

Torna-se imprescindível recuperar o que há de positivo na história, no ontem, fazendo surgir a reflexão para o hoje e a transformação futura, seja na profissão da docência ou nas relações com os outros, rompendo a linha da linearidade e da fragmentação. Sem tais grandezas de cultivar as pérolas dos bons mestres, o trabalho no ensino perderia o seu significado, o que limitaria a postura crítica e assumiria a negação da compreensão da realidade e das vivências experimentadas.

Todas essas reflexões representam retratos tênues da realidade para além de Moçambique, os quais estão muito presentes em vários outros lugares do mundo. Em um de seus capítulos, Couto (2011) mostra um ensaio intitulado “O guardador de rios”, que, em curtas palavras, resume-se à história de um velho guarda da Zambézia que fazia o controle da estação hidrométrica local para atualização das principais estações da região. Porém, em tempos de guerra, o projeto para manutenção dos registros havia sido interrompido até que a paz se reestabelecesse. A guerra cessou, os governantes locais perceberam a importância de dar continuidade ao projeto por julgá-lo de suma importância para a atualização dos dados. Quando foi visitado, ficaram todos assustados por se darem conta de que, durante todos esses anos interrompidos e após esgotados os seus formulários, o velho guarda deu continuidade às anotações necessárias na parede da estação. Utilizou-se de carvão e madeira. A velha estação parecia um livro de pedras com todas as anotações presentes em todas as partes. Para justificar a sua escrita por meio da nota introdutória baseada nessa história, Mia Couto finaliza dizendo:

Alguns destes textos foram concebidos para o contexto de Moçambique e, eventualmente, pecarão por essa especificidade para o leitor não moçambicano. Acredito, porém, que os rios que percorrem o imaginário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais da esperança (Couto, 2011, p. 8-9).

Vejo que, ao resgatar um pouco da história do ensino no meu vilarejo de Vila do Café, talvez esses escritos possam desembocar na alma de alguns mestres que, hora ou outra, enveredam-se pelos caminhos tortuosos da pesquisa para ampliar os seus saberes.

No que diz respeito àquele questionamento numa dessas aulas de ciências, enquanto professora, nunca foi o meu objetivo conduzir alunos a grandes quedas, mas sim a grandes voos. Afinal, como aponta Fernandes (2022), em sua breve análise sobre a obra do Pennac (2008), que foi apresentado brilhantemente em seu livro advindo do seu trabalho de dissertação de



mestrado, rotular os alunos pode ser uma prática que os conduza ao abismo:

O grande problema desse hábito é que, comumente, os que rotulam esquecem-se que aqueles que são rotulados são seres humanos como quaisquer outros, que possuem sentimentos, que são afetados (inclusive pelo peso dos rótulos com os quais são conhecidos), que internalizam muitas das ideias que são expressas a respeito deles; os que rotulam normalmente desconhecem ou ignoram as histórias dos indivíduos rotulados e lhes atribuem toda a culpa da sua ‘rebeldia’, sem considerá-los na singularidade das suas histórias e nas estreiteza das relações que esses estabelecem dentro e fora do ambiente escolar (Fernandes, 2022, p. 77).

A verdade é que professores não são seres completos e preparados para todos os questionamentos, e, nesse dia, pude perceber o quanto ainda precisava me debruçar sobre vários questionamentos relativos ao ensino. Segundo Farias (2006, p. 81), “Esses argumentos são suficientemente fortes para repensarmos a importância da literatura na vida e na escola”, e, quando trago esse pensamento de Farias, digo sobre a importância dessa na escola como um todo, principalmente para os nossos professores.

Situações como essa, certamente, costumam perpassar pela vida de professores em vários lugares do mundo, e o que vai marcar de fato, tanto na vida dos alunos quanto na vida dos professores, é como você reage a tudo isso. Se fosse tratar a Maria como o autor Daniel Pennac foi tratado durante sua vida escolar, o que lhe deixou marcas por toda a sua vida, como registra em seu livro “*Diário de escola*”, eu poderia desenhá-la como uma péssima aluna tal como foi o Pennac, mas como o próprio autor relata, “As palavras do professor não são mais que pedaços de madeira flutuantes a que o mau aluno se agarra num rio em que a corrente o vai levando até as grandes quedas” (Pennac, 2008, p. 18); logo, desde que me dedico a essa profissão, esse sempre foi um cuidado particular que tive para comigo e para com as minhas ações: nunca desestimular aquelas cabeças cheias de sonhos que mal sabem o que lhes espera da vida. Retornando à metáfora das andorinhas de Pennac (2008), logo ao amanhecer e ao ouvir o canto dessas andorinhas, que, eufóricas, estão prontas para partir, levanta-se e abre as duas janelas em ambos os sentidos para facilitar o trajeto, evitando assim que elas se esbarrem nos seus vidros transparentes. Podemos comparar a atitude de Daniel Pennac com a nossa atitude enquanto professores para com nossos alunos. Talvez a ideia seja a de que a escola são essas janelas abertas que nos conduzem ao futuro e que os professores são as pessoas que irão abrir essas janelas para facilitarem os caminhos dos seus alunos, contudo são muitos, são diversos, são confusos.

Ele relata ainda que as janelas são grandes o suficiente para que todos passem tranquilamente sem intercorrência no seu caminho, pois há espaço suficiente para todos, porém,

ainda assim, resta um vitrô pequeno e transparente que acaba por interromper o voo de alguma delas. Por vezes, escutam esbarrar-se nesses vitrôs enquanto observam a revoada, calmamente deitados em sua cama. Então, ele vai lá, levanta-se e socorre essas que acabam se machucando e atrasando a sua trajetória. Algumas ficam ali desmaiadas por um bom tempo, depois acordam, localizam-se e retomam o voo, ainda meio que desajeitadas, outras, infelizmente, acabam quebrando o pescoço e têm a sua vida interrompida.

O professor vai lá, acolhe em suas mãos as pobres andorinhas que ainda estão tontas e as direciona de volta para o trajeto. Assim são os lerdos, são apenas alunos que não vão conseguir seguir em linha reta, que não vão conseguir enxergar com tanta clareza o caminho do seu bando.

Contudo, todo professor deve tentar reanimá-los como faz com as andorinhas perdidas. Os alunos lerdos são aquelas andorinhas desacordadas, fraturadas, perdidas, e somos aqueles que têm a tarefa de tentar despertá-las. O fato é que, nem sempre, iremos conseguir. Nem sempre, vai dar certo. Contudo, nunca devemos desistir da nossa tarefa. E é como diz na sua frase final: “Uma andorinha caída, é uma Andorinha por reanimar, ponto final” (Pennac, 2008, p. 236). Essa é a nossa árdua tarefa.

Partindo das metáforas, que são ferramentas que abarcam mensagens fortes e importantes, retomo Daniel Pennac:

Todos os anos, por volta da mesma data, elas marcam encontros nos fios elétricos. Campos e beiras de estradas se cobrem de partituras. Prepara-se a migração. É o alarido dos reencontros. As que ainda voam em círculo no céu pedem autorização de alinhamento às que já estão pousadas em seus fios, fremindo do desejo de horizonte (Pennac, 2008, p. 235).

No que tange à literatura de Pennac (2008), corroboro questões essenciais sobre a vida, emergindo do contexto das andorinhas para uma construção de sujeitos reflexivos, o que imprime a nossa condição de existir. Assim como tais aves vêm e voltam para o seu lugar de origem, para o processo de migração, as nossas ideias precisam ir e vir; é necessário fazê-las circular no cenário da sala de aula. Encantada com o voo em círculo das andorinhas, aproprio-me de uma imagem em constante movimento, como um homem que pensa no rio correndo. Diz o autor: “Tudo voa e tudo é veloz” (Pennac, 2008, p. 235).

A referida velocidade das andorinhas caracteriza fortemente os tempos atuais, em que vivemos sobrecarregados, com passagens rápidas do viver, causando um impacto na humanidade. O caminho a ser percorrido, seja pelas andorinhas ou pelas pessoas, deve considerar o contexto das necessidades interiores, pois, além da velocidade dinâmica, é preciso

perceber os dados e fatos, já que tudo muda a cada momento. Regresso a Daniel Pennac:

Abro a lucarna Norte e a janela dupla Sul, volto a mergulhar na cama, e aqui estamos ocupados durante toda a manhã a ver as esquadrihas de andorinhas atravessar nosso quarto, de repente silenciosas, intimidadas talvez por esses dois deitados que as passam em revista. Sucede, porém, que, de um lado e do outro da janela dupla, dois estreitos vitrais ficam fechados. O espaço é vasto entre esses dois vitrais, dá para deixar passar todos os pássaros do céu (Pennac, 2008, p. 236),

É preciso abrir as janelas para uma nova concepção de ensino, instigar o professor a olhar a vida em concordância com a escola, já que a imagem das andorinhas me move nesta escrita dissertativa. Tudo isso me faz questionar: o que é permanente e o que é transitório? Talvez, façamos a vida de um círculo representado por um ano; movimento que me causa inquietude, entretanto, profunda reflexão ao admirarmos essa tão bela forma geométrica tecida por essas aves.

Esse cenário leva-me a enxergar como as andorinhas estão batendo nas janelas e voltando. Penso o porquê de os nossos alunos estarem chegando à escola e voltando, já que o espaço educativo também compreende o lugar de circulação das ideias. Venho percebendo que, nos últimos anos, o tráfego das andorinhas está cada vez menor. Será que estão desviando do lugar por onde vão passar? Retorno ao pensamento do autor: “A ressuscitada voa, ainda um pouco grogue, ziguezagueando no espaço reencontrado, depois pica direto para o Sul e desaparece no seu futuro” (Pennac, 2008, p. 236).

Certamente, a vida é transitoriedade, os voos também; as situações acontecem, e tudo passa, muda. O permanente fica imprimindo pelas lições deixadas por elas, que é a harmonia de viver em grupo para uma maior sobrevivência e reconstruir sua coragem, mesmo diante dos vendavais. Todas essas questões fazem-me discorrer sobre a dimensão do que precisa ser ensinado, o lugar que a escola ocupa frente aos alunos. “Pronto, minha metáfora vale o que ela vale, mas é com isso que se parece o amor em matéria de ensino, quando nossos alunos voam como passarinhos loucos” (Pennac, 2008, p. 236).

Agora é a vez do vento norte soprar intensamente no cenário do ensino, num convite para que, no próximo ano, venham mais andorinhas por aí para sobrevoar pelas paisagens verdejantes de Vila do Café, na certeza de que umas serão mais velozes, outras lerdas, mas numa harmonia profunda. Com base nessa construção de saberes, a partir do dinamismo das andorinhas, lanço um olhar para outra vertente que o autor me apresenta: “No lugar de colher e publicar as pérolas dos lerdos, que levam tanto riso às salas dos professores, devia-se escrever

uma antologia de bons mestres” (Pennac, 2008, p. 211).

Partindo dessa lição, inspiro-me nas andorinhas que perpassam por meu caminho uma vez por ano, reúnem-se para cruzar do Norte para o Sul. Sendo assim, penso em deixar as minhas janelas transparentes abertas nos dois sentidos quando elas chegarem e, assim, facilitar seu trajeto, evitando que elas se esbarrem nos seus vidros. História que me leva a refletir sobre algumas atitudes, enquanto professora, para com nossos alunos. Talvez a ideia seja a de que as escolas sejam essas janelas abertas que nos conduzem ao futuro e que os professores são as pessoas que irão abri-las para facilitarem os caminhos dos seus alunos, contudo são muitos e diversos.

O abrir das janelas para que as andorinhas passem em liberdade pelo caminho remete-me à lembrança daquela aula de ciências. Hoje sei que, mesmo que de forma inconsciente, no momento daquele questionamento inesperado de uma aluna da segunda série, deixei as janelas de vidro abertas para que ela pudesse seguir livremente o seu caminho.

Numa escola, por mais que o caminho esteja aparentemente claro para grande parte, sempre haverá algum aluno que sentirá meio que “fora do bando”, que, em algum momento, vai se perder do caminho. Talvez isso ocorra devido ao reflexo da vida que ele leva do lado de fora em que não consegue acompanhar os seus. Há quedas que podem representar um recomeço para muitos, já para outros, podem representar o fim de uma trajetória.

Como numa colheita, em que plantamos e cuidamos para que venham bons frutos, assim também é o ato de ensinar.

Desde as mais tímidas sementes lançadas lá no início da história desse povoado, perpassando pela sua constituição e pelos desafios enfrentados, bem como considerando os aspectos que existem e que também nos proporcionam uma série de aprendizados, Vila do Café constitui o seu ensino atrelado à colheita do café.

As implicações por trás da colheita influem direta e indiretamente na vida de crianças e adolescentes, bem como na de todos que os rodeiam.

Ensinar aprender nesse contexto é bem mais que tentar resgatar andorinhas que, desatentas, perdem-se no meio do caminho, é também oferecer bons alimentos para que a colheita seja vindoura e próspera e os frutos sejam agraciados por todos.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.
- ATLAN, Henri. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- BRAZ DE OLIVEIRA, Stanley; COSTA SOBRINHO, Werton Rios da (org.). **Ensino de Geografia**: teorias e práticas. Teresina, Piauí: FAM, 2018.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DICIO, – dicionário online de português. **Magistério**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/magisterio/>. Acesso em: 24 set. 2022.
- FARIAS, Carlos Ademir. **Alfabetos da alma**: histórias da tradição na escola. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- FERNANDES, Pyerre Ramos. **Um testamento de Andrew Martin**: para reinventar o ensino das ciências. Vitória da Conquista, BA: Ed. UESB, 2022.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- MARTINS, Ana Luiza. **História do café**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MESQUITA, Carlos Magno de et al. **Manual do café**: colheita e preparo (*Coffee arábica* L.). Belo Horizonte: EMATER-MG, 2016. 52p.
- MF MAGAZINE. Entenda a diferença entre calagem e gessagem. **MF Rural**, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://blog.mfrural.com.br/calagem-x-gessagem/#:~:text=%E2%80%93%20Na%20calagem%2C%20C3%A9%20poss%C3%ADvel%20eliminar,absor%C3%A7%C3%A3o%20de%20C3%A1gua%20e%20nutrientes.> Acesso em: 24 set. 2022.
- MONTE, Marisa; FREITAS, Antônio de Carlos Santos de; BABY, Pedro; ANTUNES, Arnaldo. **Vilarejo**. Rio de Janeiro. Som Livre. 2006. 3:44.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa América, 1976.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio Roger; MOTTA, Raul. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São

Paulo: Cortez, 2003.

PENNAC, Daniel. **Diário de escola**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PULSAR IMAGENS. Colheita mecanizada de café. **Flickr**, 23 jul. 2010. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/pulsarimagens/4821360457>. Acesso em: 01 abr. 2023

SILVA, Marcos Roberto da et al. Características e benefícios da colheita mecanizada do café. **Revista Cultivar**, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://revistacultivar.com.br/noticias/caracteristicas-e-beneficios-da-colheita-mecanizada-de-cafe>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SINOPSE do livro de FARIAS, Carlos Ademir. Alfabetos da alma, histórias da tradição na escola. 2006. Disponível em: <https://www.livrariadopsicologo.com.br/produto/alfabetos-da-alma-historias-da-tradicao-na-escola-9788520504352,AL7602.html>. Acesso em: 02 maio 2023a.

SINOPSE do livro de MORIN, Edgar. O homem e a morte. 2. ed. Mem Martins: Europa-America, c1970. 326p. (Biblioteca universitária, 19). Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/820>. Acesso em: 02 maio 2023b.

TOLSTOI, Liev. **Dicas do timoneiro**. 2023. Disponível em: <https://www.dicasdotimoneiro.com.br/frases-de-tolstoi-se-queres-ser-universal-comeca-por-pintar-a-tua-aldeia/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

UOL. Biografias. Luís Eduardo Magalhães. **Canal Uol**, 06 jan. 2006. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/luis-eduardo-magalhaes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 05 ago. 2022.

VILA DO CAFÉ, Direção: Jorge Melequesedeque; Produção Daniel Piccoli e Manoel Oliveira. Vitória da Conquista, Produtora Universitária de Vídeo (ProVídeo) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Maio 2000. Apoio Fundo de Pequenos Projetos/NOVIB, CEAS e UESB.

VILA DO CAFÉ. **Atividades do Cras**. Disponível em: <https://instagram.com/cras.viladocafe?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em :10 jan. 2023.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. **Gestão da sala de aula**. Porto Alegre: Penso; Mc Graw Hill, 2015.